

MÉTODOS de **ENSINO** e sua
APLICABILIDADE nas turmas de 1º ano
do **ENSINO FUNDAMENTAL** na
Escola Estadual Governador Amazonino Mendes

Marisa Sarraff Simas



AYA EDITORA
2022

**Métodos de ensino e sua aplicabilidade
nas turmas de 1º ano do ensino
fundamental na Escola Estadual
Governador Amazonino Mendes**

Marisa Sarraff Simas

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autora

Marisa Sarraff Simas

Capa

AYA Editora

Revisão

A Autora

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

Acervo da Autora

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva
Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa
Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos
Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira
Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos
Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão
Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior
Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti
Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda

Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier

*Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional,
FNDE*

© 2022 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pela autora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de sua autora e não representam necessariamente a opinião desta editora.

S5887 Simas, Marisa Sarraff

Métodos de ensino e sua aplicabilidade nas turmas de 1º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Governador Amazonino Mendes [recurso eletrônico]. Marisa Sarraff Simas-- Ponta Grossa: Aya, 2022. 123 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-104-6

DOI: 10.47573/aya.5379.1.74

1. Educação - Nhamundá (AM). 2. Metodologia de ensino. 3. Ensino fundamental. I. Título.

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações
de Periódicos e Editora EIRELI**

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	9
Problema de pesquisa	10
Perguntas de pesquisa	11
Objetivo geral	12
Objetivos específicos	12
Variáveis.....	12
Fundamentação	13
Antecedentes	14
CAPÍTULO II - MARCO TEÓRICO	18
UNIDADE I - EDUCAÇÃO NA ENFASE DE METAS E MÉTODOS.....	18
Pressupostos das metodologias de ensino	18
Processo histórico da educação brasileira: metas e objetivos	22
As teorias da educação no contexto brasileiro	32
UNIDADE II - O TRABALHO DOCENTE MEDIANTE OS MÉTODOS DE ENSINO	42
A formação do professor	42
O professor como mediador no processo de ensino aprendizagem.....	44
Professor diante dos desafios da educação contemporânea	47
UNIDADE III - FATORES SOCIAIS, ECONÔMICOS, TECNOLÓGICOS E CULTURAIS ALIADOS OU INIMIGOS?... ..	51
Os aspectos sociais, econômicos e culturais e a influencia no aspecto educacional	51
As tecnologias no cotidiano das famílias	53
Uso de tecnologias na educação	57
UNIDADE IV - DAS TENDENCIAS PEDAGÓGICAS AOS MÉTODOS DE ENSINO.....	62

As tendências pedagógicas	62
Os métodos educacionais e sua aplicabilidade em sala de aula.....	71
CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....	75
Métodos de investigação	75
Enfoque.....	75
Nível de investigação	76
Variáveis.....	76
Campo de ação.....	78
Técnicas para obtenção de dados	78
Instrumentos para recebimento de dados	79
Procedimentos para recebimento de dados	80
Considerações éticas.....	80
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	81
Análise dos resultados.....	81
Questionário aos pais	81
Questionário 2 – Professores	89
Entrevista pedagogos	97
Entrevista alunos	102
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.	106
Propostas.....	110
REFERÊNCIAS.....	112
SOBRE A AUTORA	118
ÍNDICE REMISSIVO	119

Apresentação

Este Livro tem como observância os métodos de ensino, as estratégias utilizadas em sala de aula, o comportamento, a vivência no dia-a-dia das turmas de 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública situada no município de Nhamundá e para isso busca compreender os caminhos da educação brasileira engendrando pelos conceitos, metas, teorias pedagógicas, bem como os aspectos sociais nas suas mais variadas instâncias que de certa forma precece para a melhoria (ou não) do processo educacional, mas se precisa fazer uma analisar dentro de um contexto micro desse tão vasto território, como a aplicabilidade desses métodos de ensinar podem ou não surtir efeito perante a uma nova concepção de ensino que busca se desvincilhar dos modelos de que ora os alunos não mais os compreendem e sim de alcançar os anseios de uma educação significativa para todos mediante a constante inquietação dos alunos durante as atividades de sala de aula. Dessa forma, se baseou além da observação, no resultado de questionários e entrevistas para que fosse possível elencar sugestões de melhorias para a elevação do conhecimento dessas turmas e melhorar o trabalho docente diante das constantes mudanças de temperamento do comportamento dos alunos.

Boa leitura!

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Ao se pensar no contexto de uma sala de aula de turma dos anos iniciais, principalmente nas turmas de primeiro ano do I Ciclo do ensino fundamental onde o processo de alfabetização escolar começa a ter o formato mais consistente mediante ao ingresso de alunos oriundos de fases de pré-escolarização podem-se imaginar cenas de diversas situações, pois se sabe que fazem parte dessa realidade crianças que estão na faixa etária entre cinco anos e meio a seis anos.

Crianças essas que vivenciam uma explosão de novas experiências em busca de ir construindo seu conhecimento, mesmo que não tenham consciência disso e do que estão fazendo para obter esse conhecimento. Para isso demonstram em seu comportamento atitudes de inquietação, agitação, brincadeiras ou desinteresse pelas atividades que estão sendo desenvolvidas em determinado momento das atribuições escolares.

Sabe-se que a curiosidade é um dos principais aliados para que os mesmos possam sanar suas possíveis inquietações, Mesmo buscando usar essa aliada como ferramenta metodológica nem sempre se consegue obter um resultado que possa ajudar no efetivo aprendizado dessas crianças. E conseqüentemente não só a criança enfrentará problemas no seu desenvolvimento intelectual como a escola, o professor carregarão consigo a deficiência de não terem conseguido alcançar seus objetivos como instituição formadora do saber.

O que fazer? Evidentemente que muitas respostas seriam dadas para as inquietações que fomentam o sucesso ou o fracasso no decorrer do processo de alfabetização. Com isso se abriria um leque de possibilidades que tentam justificar ou não como proceder mediante as mais diversas dúvidas que permeiam o assunto da escolarização nos primeiros anos do ensino fundamental. Por ser um tema tão abrangente e devido às observações no decorrer no contexto de trabalho da mestrandia Marisa Sarraff Simas, do curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Privada Del Leste – UPE – PY este trabalho acadêmico terá como foco de estudos as metodologias de ensino nas salas de aula e como as mesmas são percebidas, analisadas, praticadas, desenvolvidas tanto pelos docentes, como pelos alunos e de que forma elas transpassam o ambiente escolar dos alu-

nos das turmas do 1º primeiro ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Governador Amazonino Mendes, AM - Brasil.

Também procurará desvendar como as mesmas estão relacionadas aos fatores históricos das práticas pedagógicas, às teorias educacionais, aos objetivos e metas da educação no Brasil e como os fatores sociais, econômicos, culturais podem contribuir para que os alunos não consigam perceber, aproveitar, assimilar os conhecimentos que estão sendo explorados durante o desenvolvimento das atividades que são postas na prática da sala de aula.

Dessa forma, este trabalho além de enfatizar as observações do ambiente de sala de aula perpassará por busca de possíveis soluções para a problemática em destaque, usando para isso atributos da observação, da pesquisa, da coleta de dados, análise de resultados e principalmente de sugestões que possam de contribuir para minimizar no desinteresse dos alunos mediante as metodologias pedagógicas de sala de aula e sua aplicabilidade para a tanto para a vida escolar quanto para a vida social desses alunos.

Problema de pesquisa

Mediante a uma sociedade que vive em constantes mudanças, tanto de saberes quanto de valores, pensar a metodologia pedagógica dentro do contexto escolar das turmas de 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Governador Amazonino Mendes como forma de compreender o processo educacional no que abrange as ações do saber escolar ainda há muito a se repensado, pois dissociá-lo de todo o contexto em que estão inseridos dos envolvidos nesse trabalho acadêmico, seria uma forma de não entender e tampouco de avançar na construção do saber idealizado por muitas teorias onde enfatizam o conhecimento como base do ser pleno.

Perante as mudanças que acontecem na vida escolar de todo discente, uma das mais impactantes é a entrada dos alunos de seis anos nas turmas de 1º ano, na qual muitos saíram de um ambiente diferenciado como a pré-escola e outros nem passaram por esse caminho. Então se percebe que nesse contexto começam as inquietações pertinentes a esse mundo escolar. Por isso acontecem questionamentos que procuram elucidar como

os métodos e metodologias podem alcançar os objetivos do planejamento diário se os alunos demonstram desinteresse pelo que é exposto pelo docente? De que forma os alunos correspondem ao que é trabalhado em sala de aula? Como os fatores internos e externos podem influenciar no desempenho dos alunos? O que fazer para que os métodos de ensino utilizados em sala de aula tenham sentido para os alunos e os ajude no desenvolvimento?

Perguntas de pesquisa

Sabe-se que muitos fatores podem influenciar para que as metodologias pedagógicas adotadas em sala de aula não tenham o mesmo resultado que possivelmente teriam sido alcançados nos anos anteriores ao ingresso dos alunos em turmas do 1º ano do ensino fundamental.

Ao se deparar com essa situação muitos dos professores que trabalham com os anos iniciais percebem, ou não, que existem influências internas e externas que podem contribuir para que as práticas pedagógicas postas em ação não alcancem pleno êxito na formação inicial dos alunos da turma acima supracitada.

Para que se possam obter informações que contribuam para entender como acontece o processo pelo qual tramita a ação pedagógica no contexto da sala de aula são relevantes que sejam feitos questionamentos referentes aos anseios da pesquisa que será traçada como objeto de estudos deste trabalho. Com isso questiona-se:

1. Como as metodologias pedagógicas podem ajudar ou não na formação inicial dos alunos das turmas de 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Governador Amazonino Mendes, município de Nhamundá – Amazonas, Brasil?
2. Como os educandos estão percebendo as metodologias aplicadas em sala de aula em seu cotidiano escolar?
3. De que modo o contexto social dessas crianças podem influenciar a vida desse alunado e conseqüentemente em suas ações dentro e fora do ambiente escolar?
4. O que de fato pode ser feito tanto pelo educador, quanto pelos alunos para que

as metodologias pedagógicas possam alcançar os objetivos de uma educação inclusiva e não exclusiva?

5. De que forma o contexto histórico da educação brasileira pode influenciar nas metodologias pedagógicas aplicadas no contexto escolar?

Objetivo geral

Compreender como acontecem as relações de ensino aprendizagem com o foco na aplicabilidade das metodologias pedagógicas dentro do contexto da sala de aula das turmas do 1º ano do ensino fundamental na escola estadual Gov. Amazonino Mendes.

Objetivos específicos

1. Compreender como as metodologias pedagógicas podem influenciar no processo de ensino aprendizagem dos alunos.
2. Ampliar o conhecimento em torno das metodologias pedagógicas fase ao contexto histórico da educação brasileira.
3. Compreender de que maneira os fatores sociais internos e externos da vida do aluno podem afetar o trabalho pedagógico do docente na prática de sala de aula.
4. Possibilitar aos alunos e professores metodologias que sejam capazes de atender as diversidades de saberes e comportamentos.

Variáveis

Mensurar possíveis elementos que fazem parte de um todo e que podem causar diferentes situações na aplicabilidade das metodologias pedagógicas é quantificar os possíveis agentes ou fatores que afetam direta ou indiretamente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos das turmas de 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Gov. Amazonino Mendes.

1. Pedagógicos:

- As metodologias usadas pelos docentes.
 - Os recursos pedagógicos disponibilizados pela instituição escolar.
 - As formações dos profissionais que atuam com esses alunos.
2. Estruturais:
- O tamanho das salas de aula.
 - A quantidade de alunos por sala de aula.
 - O espaço externo da escola para atividades práticas.
3. Sociais:
- Relação alunos x professor.
 - Fatores familiares dos alunos.
 - Cultura histórica das metodologias.
4. Econômicos
- Poder aquisitivo das famílias dos alunos.
 - Disponibilidade financeira dos professores para subsidiar recursos para as atividades de sala de aula.
 - Auxílio da escola quanto a recursos pedagógicos.

Fundamentação

A escolha deste tema de investigação está diretamente relacionada ao exercício de minha atividade profissional, pois no decorrer da mesma pude observar que as atividades desenvolvidas no contexto da sala de aula nem sempre estão alcançando os objetivos pre-estabelecidos pelos professores para as aulas que ministram.

Dessa maneira procura-se entender como as constantes mudanças, pelas quais as crianças que ingressam nos anos iniciais vem passando, em relação ao modo de perceber a nova realidade escolar em que as mesmas estão ingressando e como essas mudanças,

sejam elas físicas, sociais, culturais, econômicas ou familiares podem influenciar no aprendizado inicial dos discentes.

Também se percebe que muitas vezes as metodologias desenvolvidas durante as atividades escolares não estão surtindo o efeito que muitos docentes esperam ao aplicar as atividades em sala de aula.

Ao se deparar com o desinteresse dos alunos muitos dos docentes não sabem como lidar com as atitudes dos seus alunos e então se percebe que há uma busca de encontrar os culpados dos motivos que geram a indiferença dos alunos em sala de aula.

Pretende-se com este trabalho compreender o porquê e como acontecem os processos de aplicabilidade das metodologias pedagógicas não somente no que está explícito, mas desvendando o que pode ser atribuído ao fato primordial de que muitas metodologias escolares não estarem surtindo o devido efeito mediante aos objetivos de alfabetizar e escolarizar os alunos que integram o quadro das turmas de 1º ano do ensino fundamental da referida escola. Com isso, espera-se contribuir com conhecimentos teóricos e práticos acerca do tema de estudo e assim melhorar o uso das metodologias praticadas na referida escola e conseqüentemente a melhoria do desempenho dos alunos em todos os aspectos de sua vida escolar.

Antecedentes

Dermeval Saviani destaca em suas obras que a escola deve ser um local que deve aprimorar o aprendizado do aluno proporcionando a ele oportunidades, conhecimentos e saberes que o ajude a se tornar um indivíduo preparado para o pleno exercício de sua vida adulta. Para isso se faz necessário que a escola articule meios que possam despertar no seu alunado o real interesse pela sua proposta de ensino e para isso o referido autor destaca que:

[...] uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente [...] (SAVIANI, 1984, p. 72).

Com isso se percebe que a pedagogia não está desvinculada dos meios de como trabalhar os conteúdos programáticos do currículo e tampouco que os métodos de ensino sozinhos podem solucionar a problemática do despertar o interesse dos alunos dentro do ambiente escolar. Mas sabe-se que sem teoria não há prática ou vice-versa.

Através da interação do professor e da participação ativa do aluno a escola deve possibilitar a aquisição de conteúdos – trabalhar a realidade do aluno em sala de aula, para que ele tenha discernimento e poder de analisar sua realidade de uma maneira crítica - e a socialização do educando para que tenha uma participação organizada na democratização da sociedade, mas Saviani alerta para a responsabilidade do poder público, representante da política na localidade, que é a responsável pela criação e avaliação de projetos no âmbito das escolas do estado e município, uma vez que este é o responsável pelas políticas públicas para melhoria do ensino, visando a integração entre o aluno e a escola. A escola é valorizada como instrumento de apropriação do saber e pode contribuir para eliminar a seletividade e exclusão social, e é este fator que deve ser levado em consideração, a fim de erradicar as gritantes disparidades de níveis escolares, evasão escolar e marginalização. (SAVIANI, 1984, p. 85).

Dentro dessa perspectiva entende-se que a forma de colocar em prática as metodologias no processo de ensino e aprendizagem requer que a escola não tome somente para si a responsabilidade da gestão pela educação. Assim, como o professor não deve omitir a necessidade de que ele também precisa de ajuda para conseguir alcançar os objetivos gerais do seu trabalho docente. Nesse contexto compreende-se a participação de todos no processo de ensinar não esteja unicamente atrelada que a prática desenvolvida no ambiente escolar, mas fazer que essa prática possa surtir efeito direto na vida daqueles que são o alvo de todo o processo educacional.

Para Edgar Morin (2003, p.14) o ensino e a aprendizagem, contextualizada dentro da concepção da diversidade e complexidade, visa transformar a educação e também a mentalidade do ato de educar. Então, a modificação das práticas pedagógicas reprodutoras e a atenção dos educadores para os novos paradigmas os quais são solicitados nestes

novos tempos, os farão aprenderem a lidar com as incertezas que são apresentadas.

Para desvendar caminhos que permeiam o contexto de uma sala de aula é necessário que se conheça como acontecem e se dão todas as etapas que se seguem durante o processo de realização das mesmas. De acordo com os estudos já realizados

Atualmente muitos educadores procuram entender e responder aos desafios da educação considerando somente os elementos da contemporaneidade. Numa época de crises e transformações não só nas esferas políticas e sociais como também nas científica e pedagógica, os processos de ensino objetivam viabilizar a aprendizagem a todos. A multiplicidade de sujeitos, saberes, espaços e tempos não podem ser secundarizada nas práticas escolares. (LACANALLO; *et al.*, s.d.)

Evidentemente que encontrar respostas a questionamentos que mimam todo momento por evidências ou conclusões será necessário buscar conhecimentos além sala de aula. Então conhecer os métodos de ensino e como os mesmos pode influenciar o processo ensino aprendizagem contribuirão para o desenvolvimento de todo o trabalho docente. Estabelecer relações entre eles, aplicar aquele que o profissional domina mesclar os mesmos são atitudes que podem servir de ferramenta ao que se espera da prática docente.

De acordo com Bazzo, *apud* Lima; Vasconcelos (2006) “Certamente, não há o método ideal para ensinar nossos alunos a enfrentar a complexidade dos assuntos trabalhados, mas sim haverá alguns métodos potencialmente mais favoráveis do que outros” (p.399). Com isso se percebe que definir um tipo de método de ensino como certo ou errado é cometer a inquietação de favorecer este ou aquele método como válido.

Em consequência a sua forma de pensar o docente não deve se omitir perante o fato de que sua atuação em sala de aula deve ser pautada em uma visão ampla perante o seu grupo de trabalho. Ele não é o foco principal e tampouco deve omitir que o seu aluno é um ser social e que o mesmo deve está ciente de sua participação na sociedade. Assim o papel do educador segundo Freire (1996, p. 28) salienta que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

Tais pressupostos vão endossar a aplicabilidade das teorias e das práticas educacionais em sala de aula, para isso é de suma importância identificar como os fatores sociais, econômicos, culturais podem deixar marcas na aprendizagem dos alunos e como

essas marcas deverão ser compreendidas para sanar eventuais falhas no desenvolvimento cognitivo desses alunos.

Dessa forma se percebe que tão importante quanto o ato de ensinar é propor ao educando possibilidades de que o mesmo possa alcançar esse conhecimento não de modo inconsciente, mas os meios que o docente poderá fornecer esse conhecimento em muito influenciará na concreta significação do que é repassado através da metodologia usada para repassar os conteúdos programáticos escolares.

Assim, metodologia não anda sozinha no processo ensino-aprendizagem. Mas requer entendimento de como o alunado a percebe e de que forma ele a usa para conseguir a compreensão. A mesma deve ser atrativa e desafiadora, pois servirá de estímulo para a concretização do aprendizado que é proposto pela formação formal e sistematizada e de como se fará uso dessa escolarização no meio em que se vive.

CAPÍTULO II - MARCO TEÓRICO

UNIDADE I - EDUCAÇÃO NA ENFASE DE METAS E MÉTODOS

Pressupostos das metodologias de ensino

Sabe-se que as práticas pedagógicas desempenham papel fundamental no processo de ensino e de aprendizagem, não somente na fase inicial da escolarização, mas em todas as etapas da educação formal. Por isso desenvolver técnicas ou métodos que explorem o como ensinar torna-se um aliado no percurso de qualquer profissional que exerce a docência de uma sala de aula.

Seguir caminhos que possam auxiliar no desenvolvimento de toda e qualquer prática requer que sejam analisados criteriosamente cada etapa do processo educacional. Com base nos relatos de Renê Descartes, no livro *O discurso do Método* (2001), em uma das mais recentes edições, o mesmo descreve que para se obter a essência das coisas é importe se conhecer de fato o que ela quer repassar.

Assim, preconiza que existem quatro segmentos que ao serem observados podem ajudar na dedução de como acontecem e de como são os fatos. Segundo Descartes (2001, p.23) estes segmentos servem de base para conclusões daquilo que se quer descobrir:

O primeiro era nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

No ambiente escolar, bem como em qualquer espaço de convivência social e que existam situações em que o prejulgamento antecede a verificação dos fatos é de suma importância que se perceba que de nada adianta agir sem saber o que e como proceder.

Continuando seu pensamento Descartes (2001) afirma que “O segundo fator é decidir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível para melhor resolvê-las.” Ou seja, é imprescindível que se possa rever quantas vezes se-

jam necessários o que afeta ou como acontecem determinadas situações e de que forma as mesmas estão afetando os investigados.

Ainda de acordo com o referido filósofo “O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos mais simples e mais fáceis de conhecer. [...] E, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir. (DESCARTES, 2001, p. 23)

A partir desses pressupostos percebe-se a grande necessidade de se conhecer o que de fato acontece antes, durante e após a rotina escolar de uma turma de alunos. Tais observações são de cunho necessário para que se encontre o caminho adequado para o desenvolvimento das atividades escolares. Os passos enfatizados no pensamento deste investigador servirão para que este trabalho também tenha um cunho científico empírico.

Pois, em torno de determinados questionamentos e observações que se pode descobrir o que de fato está além de meras conjecturas que muitas vezes só se vê a olhos nus. Por isso a pesquisa minuciosa pode trazer a tona o que muitas vezes se pensa, mas de fato não foi comprovado.

E como toda investigação não deve ficar meramente em seus objetos de investigação e sim conciliar tudo o que possa estar atrelado ao contexto do que se investiga. Percorrendo assim uma cronologia de tempo, espaço e modo pelo qual as mudanças tramitam no ambiente dos envolvidos neste trabalho. Ora com o foco no trabalho docente em seus meios de conduzir, ora na ênfase dos alunos no como captam o trabalho docente em suas percepções e de como os fatores externos também influenciam nos resultados qualitativos e quantitativos dos alunos.

Portanto, a ideia desse deve perpassar pelas teorias, leis e metodologias que embasam a prática docente, bem como por todo um conjunto de fatores histórico, social, cultural, econômico e políticos que rondam o espaço daqueles que estão inseridos no contexto do educandário Amazonino Mendes, na cidade de Nhamundá, estado do Amazonas, Brasil.

Com o passar dos tempos percebe-se que as transformações ocorridas nas sociedades norteiam o modo de ser e de agir dos seres humanos. A escola não está isenta do

compromisso de preparar os seus alunos e tampouco deixar de perceber que as mudanças da sociedade moldam sua clientela.

De acordo com os professores Martins e Duarte (2010, p. 21) essas mudanças querem que a escola perceba que:

Em nome dessas transformações, caberá à educação escolar preparar os indivíduos para o seu enfrentamento! Diante de um mundo em “constantes transformações”, mais importante que adquirir conhecimentos, posto sua “transitoriedade”, será o desenvolvimento de competências para o enfrentamento dessas. Apela-se, pois, à formação de personalidades flexíveis, criativas, autônomas, que saibam trabalhar em grupos e comunicar-se habilmente e, sobretudo, estejam aptas para os domínios da “complexidade do mundo real”.

Com isso, mostram-se necessário conhecer como os fatores internos e externos podem influenciar no aprendizado de qualquer criança, em especial os que fazem parte do bloco de observação deste trabalho.

É de suma importância que o profissional da educação também tenha compreendido que as mudanças ocorrem constantemente e que o mesmo não deve está alheio aos fatores que fazem parte da sua própria formação, bem como dos outros indivíduos. Para Martins e Duarte (2010, p.14) dentro das habilidades de docente está inserido o fato de que:

Assim sendo, nenhuma formação pode ser analisada senão na complexa trama social da qual faz parte. Ao assumirmos a referida prática como objeto de análise, observando que não estamos nos referindo à “prática” de sujeitos isolados, mas à prática do conjunto dos homens num dado momento histórico, deparamos com uma tensão crucial: a contradição entre o dever ser da referida formação e as possibilidades concretas para sua efetivação. Portanto, a materialização do referido dever ser não pode prescindir da luta pela superação das condições que lhe impõem obstáculos.

Desenvolver práticas de ensino que possam ser trabalhadas na rotina das salas de aula requer que o docente perpassa por todo um conhecimento prévio acerca não só dos conteúdos a serem ministrados, mas também de como deverá proceder mediante as múltiplas diversidades de sua clientela. Pois, os requisitos profissionais constituem que o ser professor hoje deve ser buscada na prática profissional que é desenvolvida nas escolas, estabelecendo-se relações entre os conhecimentos e desafios aí surgidos e a formação.

Com isso se faz necessário compreender como acontecem esses métodos de ensino no contexto das salas de aula. É de suma importância ainda, o domínio do conteúdo,

aliado à compreensão das teorias da aprendizagem, pelo professor, pois orienta e intervém nos momentos em que opta por determinada metodologia da qual decorrerá a estratégia de ensino e de aprendizagem das atividades propostas para seu trabalho.

Para isso é importante que o docente tenha além de sua formação inicial a orientação institucional que favoreça melhores possibilidades de compreender sua ação pedagógica, pois

[...] é essencial assegurar ao professor programas de formação continuada, privilegiando a especificidade do exercício docente em turmas que atendam a crianças de seis anos. A natureza do trabalho docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas, de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação (MEC, 2004, p. 25).

Ao adentrar no campo das metodologias de ensino é necessário percorrer todo um contexto histórico pelo qual caminhou e caminha tão instigante tema e que amplia e ajuda a compreender como ocorrem as mudanças desse processo no decorrer do tempo.

Com isso é importante destacar que a constante busca pelo conhecimento provém das bases teóricas e das ações práticas, mas a princípio poderia aqui destacar que Silva (2013, p. 1)

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo *conhecimento provém da experiência*. Isso significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tabula rasa, uma cera mole, cujas impressões do mundo, fornecidas pelos órgãos dos sentidos, são associadas umas às outras, dando lugar ao conhecimento. O conhecimento é, portanto, uma cadeia de idéias atomisticamente formada a partir do registro dos fatos e se reduz a uma simples cópia do real.

Então se percebe que o conhecimento provém das experiências pelas quais o indivíduo passa no decorrer de sua vivência. Tais experiências devem ser vistas como um meio de ampliar o saber teórico, que muitas vezes não é de fato assimilado pelo ser humano.

Para isso é importante perceber e entender como as teorias da aprendizagem ou os métodos de ensino estão sendo postas na prática e como a teoria pode levar ao aperfeiçoamento dessa ação que favorece ao alunado a possibilidade de demonstrar que sua relação com as atividades escolares é um elo que interliga sua capacidade de aprender

com aquilo que se deseja ensinar.

Para Marx (*apud* Moacir Gadotti, 1990, p.38) para que aconteça um entrosamento da teoria e da prática deve ser feita um constante “reexame da teoria e da critica da prática”. Ou seja, é necessário repensar a teoria pautada em uma visão de questionamento da prática dentro daquilo que se almeja obter. E esse fato deve ser um exercício constante no ambiente educacional, haja vista que não deve ser priorizado somente o saber teórico, mas refletir como esse saber teórico influencia na pratica e como a prática possibilita a compreensão da teoria.

Com intuito de elucidar como de fato acontece o processo do ensino e da aprendizagem nas mais distintas variantes que a educação tramita, bem como os métodos de ensino podem moldar o sujeito que está ligado a elas, é de suma importância que sejam conhecidos todos os meios que viabilizem a aprendizagem efetiva do aluno,

Para isso faz necessário uma busca constante de compreensão e atualização dos preceitos que norteiam os mais diferentes suportes para a prática do ensinar.

Processo histórico da educação brasileira: metas e objetivos

O Brasil é um país de imensas proporções. Proporções essas que permeiam não somente em seu aspecto territorial, mas que enfatizam muitos dos contrastes em sua estrutura física, social, política, econômica e educacional. Mediante a essa grande proporção vem os problemas pelos quais se tem caminhado o contexto histórico do país destacando-se a busca por colocar na base da educação ações que possam minimizar a problemática de uma educação que muitas vezes não obtém resultados que estejam de acordo com as metas e objetivos que o sistema educacional requer.

Para se alcançar essas metas e objetivos é importante conhecer um pouco de como se deu o processo educacional no patamar histórico brasileiro.

A história de nosso país reporta-se a entrada dos colonizadores europeus que introduziram suas presenças a partir da dominação dos que aqui já habitavam. Como ignoravam os nativos, sua cultura e seus costumes lhes impuseram o domínio também em relação a

sua língua e sua educação com a introdução dos aldeamentos conduzidos pelos padres jesuítas, pois queriam não só prendê-los, mas também “moldá-los” para serem submissos a nova cultura e novos costumes.

Essa educação não tem objetivos de fazer do indivíduo um ser preparado para refletir sobre si e tampouco para questionar, mas sim para fazer desse indivíduo algo mais aparentável a sociedade e impor a ele também sua religião, haja vista que em sua forma de ser e de viver os indígenas em pouco ou quase nada agradavam aos anseios dos “novos donos” da terra.

Nesse período histórico o que se pode dizer de educação sistematizada é o que segundo Dermeval Saviani (2008) a educação jesuítica segue orientações de Manuel da Nóbrega através do plano de instrução que tem por objetivo trabalhar uma educação voltada para a catequização e aquisição da língua portuguesa. Assim:

O plano iniciava-se com o aprendizado do português (para os indígenas); prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e, de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa (Universidade de Coimbra). Esse plano não deixava de conter uma preocupação realista, procurando levar em conta as condições específicas da colônia (SAVIANI, 2008, p. 43).

Essa educação pauta-se também em elevar o dogma da fé cristã, pois segundo Paulino José Orso; Hélio Clemente Fernandes (2011, p.3) “(...) o trabalho doutrinário dos jesuítas estava dirigido à dissolução da cultura íncola e seu primitivismo, pois, o interesse era acabar com o hábito dos índios por meio da substituição dos seus moldes vivenciais indígenas pelo modo de organização social e cultural da Europa.”

Assim, o período preconiza a sustentação da doutrina e de interesses relacionados aos anseios da igreja e da burguesia que valoriza a educação de formação do ser voltado à pregação da fé, ou seja, os padres são os que podem dar continuidade ao que se objetiva a Santa Igreja. Bem como se destacam o direcionamento voltado para a aquisição de práticas do extrativismo e agropecuárias haja vista que o país tem em sua essência nas características naturais.

Conforme os mesmos autores enfatizam as necessidades de sobrevivência atrela-

dos a pacos recursos tecnológicos e conseqüentemente ao descaso com a educação.

Portanto, numa economia fundada na escravidão e com predomínio de atividades agropecuárias em detrimento da industrialização, em que as inovações tecnológicas eram praticamente inexistentes, onde as pessoas em sua maioria viviam de modo simples espalhados pelo vasto império brasileiro, percebe-se a pouca importância atribuída à educação. (2011, p. 8)

Nesse período do Brasil colonial consoante Orso; Fernandes (2011, p. 4) afirmam que a educação está dividida em blocos e não em anos escolares e objetivam formar oradores enquanto que na Europa a educação está pautada no ser científico, e que faz o uso da razão.

Mediante ao conjunto de leis, normas, ou pareceres que norteiam o capítulo educação dentro do território brasileiro encontram-se vários dispositivos que de uma forma ou de outra pontuam objetivos a serem alcançados pelas instituições de ensino.

De acordo com estudos realizados pela Unicamp, no documento A educação nas constituições federais e em suas emendas de 1824 a 2010, publicada na Revista Histedbr On-line, destaca que a primeira Constituição do Brasil Império enfatiza o seguinte teor sobre a educação:

Constituição do Império (de 25/3/1824) Título VIII (Das Disposições Gerais e Garantias dos Direitos Civis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros)

Art. 179. A inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte:

(...) 32) - A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos.

33) Colégios e universidades, onde serão ensinados os elementos das ciências, belas-artes e letras. (Nicholas Davies, 2010, p. 266)

Dessa forma percebe-se a “preocupação” do governo em oportunizar educação a todos os cidadãos, porém não cita quais seriam os objetivos dessa educação e tampouco metas de para alcançar e de como alcançá-las. Outro fator proeminente é que nem todos os brasileiros eram de fato considerados cidadãos, principalmente os escravos que na época constituíam uma boa parcela da população. Ou seja, nem todos teriam acesso aos conteúdos das ciências e ou belas artes como preconizava o artigo 33 dessa Carta Magna.

Lu Scuarcialupi (2008) descreve que a educação não tinha um órgão ou setor que trabalhasse diretamente com objetivos e metas educacionais e afirma que:

O Ministério da Educação, MEC, tal como nós o conhecemos hoje só foi criado em 1931. Até então educação era assunto do Ministério da Justiça, no Departamento Nacional do Ensino. Mas isso já foi um grande avanço se pensarmos que na Constituição de 1824, e na de 1891 não aparece nenhuma vez a palavra educação!

E no decorrer do tempo o Brasil passa por outras constituições que em pouco mudam o teor da primeira. Já a Constituição de 1934 (*apud* Nicholas Davies) diz em seu “(...) Art. 5º. Compete privativamente à União: XIV - traçar as diretrizes da educação nacional. Art. 10º. Compete concorrentemente à União e aos Estados: VI - difundir a instrução pública em todos os seus graus.”

Dessa forma, o Estado já modifica seu discurso e se propõe a definir como dever do governo federal a abrangência as diretrizes que nortearam a educação nacional, haja vista, que esse ofício estava diretamente ligado a responsabilidade de cada estado da federação o que não tirava do poder estadual fazer suas próprias concessões de acordo com sua realidade e interesses.

O que se pretendia com essa Carta, no início da década de 1930, era garantir um plano nacional de educação para todas as unidades federativas, os estados, sem com isso tirar-lhes a autonomia na organização e na implantação de seus sistemas de ensino. Mas, garantindo, claro, a obrigatoriedade da escolaridade primária assegurada na Constituição de então. (Scuarcialupi, 2008)

O período histórico do Brasil nos meados dos anos 30 é um tanto que conturbado, pois preconiza a instauração do Estado Novo e no tocante a educação destaca-se que:

Na Constituição de 1937 houve enorme retrocesso na medida em que o texto constitucional vinculou a educação a valores cívicos e econômicos. Não houve preocupação com o ensino público, sendo o primeiro dispositivo no trato da matéria dedicado a estabelecer a livre iniciativa. A centralização é reforçada não só pela previsão de competência material e legislativa privativa da União em relação às diretrizes e bases da educação nacional, sem referência aos sistemas de ensino dos estados, como pela própria rigidez do regime ditatorial. (Souza; Santana, 2010)

Nesse período também se destaca a necessidade de uma orientação voltada à aquisição de conhecimentos destinados para a industrialização. Então esse sistema educacional vai objetivar formar um indivíduo direcionado ao mercado de trabalho, ou seja, a educação como base tecnicista, fase essa que fomentou a segregação da educação em classes e não de acordo com o que deveria priorizar a essência de uma instituição igualitária.

De acordo com Ghiraldelli (2001, p. 84)

O parque industrial e a crescente urbanização reclamavam por mão-de-obra técnica, o que levou o governo a cumprir o espírito da Constituição de 37, que desejava fornecer ensino profissionalizante às classes menos favorecidas. O caráter do governo – centralizar monopólio – possibilitou a confecção das Leis Orgânicas do Ensino que, em última instância, consagravam o espírito da Carta de 37 ao oficializarem o dualismo educacional. E o que era o dualismo educacional? Era, nas letras da Reforma Capanema, a organização de um sistema de ensino bifurcado, com ensino secundário público destinado às “elites condutoras” e um ensino profissionalizante para as classes populares.

Ainda segundo o referido autor (2001) nesse período “O sistema público de ensino continuou, então, a oferecer determinado percurso para os alunos provenientes das classes mais abastadas e outro percurso diferente para as crianças de classes populares que, por ventura, conseguissem chegar e permanecer na escola.”

Vale ressaltar que apesar do governo não demonstrar um interesse maior pelo fator educacional, nos estados (os que têm maior contato com a esfera central, eixo sul e centro-oeste) acontecem há seu tempo e de diferentes maneiras movimentos que procuram demonstrar a importância da educação e de como o fator pedagógico contribui para que através da educação o país possa encontrar um caminho norteador para o desenvolvimento não meramente quantitativo.

Em relação a esses movimentos Dermeval Saviani (2007, p. 13) constata que

O marco inicial desse processo é a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, que passou a organizar anualmente, a partir de 1927, as Conferências Nacionais de Educação.

Desde a fundação até a IV Conferência Nacional de Educação realizada no Rio de Janeiro em dezembro de 1931, quando se deu o debate do qual resultou o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, católicos e escolanovistas conviveram no interior da ABE. Lançado o “Manifesto” em março de 1932, no final desse ano, ainda antes da V Conferência Nacional de Educação que se realizou em Niterói entre dezembro de 1932 e janeiro de 1933, os católicos foram se desligando em massa da ABE e acabaram por fundar, em 1933, a Confederação Católica Brasileira de Educação que organizou, já em 1934, o I Congresso Nacional Católico de Educação.

Hegemonizado pelos renovadores, o pensamento pedagógico brasileiro buscará ancorar-se em bases científicas elegendo a ciência como a grande aspiração de uma concepção pedagógica que pudesse orientar a reconstrução social do país pela reconstrução educacional.

Apesar do contexto político ao qual o Brasil tramita, término do Estado Novo e com a imposição do regime militar no ano de 1945, que derruba o governo baseado no fascismo

e impetra um sistema que de democrático nada tinha (Ghiraldelli Jr. 2001). Dessa forma, olhar-se-á especificamente para a Constituição de 1946 e percebe-se o reflexo de Cartas anteriores ao proferir diretrizes mais abrangentes em seu conteúdo, mesmo que na prática ainda não seja de fato vivenciado.

A Constituição de 1946 trouxe à tona os princípios presentes nas Constituições de 1891 e 1934. A competência da União para legislar englobou as diretrizes e bases da educação nacional. Já a competência dos Estados foi garantida pela competência residual, bem como pela previsão dos sistemas de ensino nacional e estadual. A vinculação de recursos para a manutenção e o desenvolvimento do ensino foi novamente estabelecida.

A nova Carta definiu a educação como direito de todos, dando ênfase à ideia de educação pública. Foram definidos princípios que deram uma direção ao ensino (primário obrigatório e gratuito, liberdade de cátedra e concurso para seu provimento nos estabelecimentos superiores oficiais assim como nos livres, merecendo destaque a inovação da previsão de criação de institutos de pesquisa). (SOUZA; SANTANA, 2010)

Como toda história de um país não pode estar distanciada de questões políticas, vale ressaltar que foi a partir de questionamentos políticos que a educação no Brasil vai percorrer por caminhos mais voltados para um bem comum.

O Partido Comunista do Brasil (PC), partido de esquerda, vai ter um grande papel nesse processo, apesar de ter sua base no Rio de Janeiro, suas ideias vão aos poucos chegar aos que detém o poder, bem como ao favorecimento da causa própria, e fazê-los perceber que a partir da educação também se pode obter o controle de muitos. Como, por exemplo, era mais rentável ter um eleitor alfabetizado que participasse a um que não usufrísse “elevação cultural”.

Consoante Ghiraldelli (2001, p.108) afirma que:

Em verdade, o trabalho de alfabetização ainda era encarado como mero instrumento para o crescimento do eleitorado. Assim, segundo o militante comunista Pedro Motta Lima, o lema era “cartilha em punho, aumentemos o eleitorado: em cada analfabeto de menos ganharemos um novo eleitor para a causa da unidade, da democracia e do progresso”.

É importante destacar que apesar dos por menores, dos interesses de partidos políticos em se manter em ascensão perante o povo e principalmente na esfera governamental e do próprio governo instituído esse período de nossa história (1945 a 1964) destaca-se também que a Carta Magna de 1946 retoma as linhas a partir das quais será revigorada a

base para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no Brasil, haja vista que em 1934 já se ensaiava primeiros passos em busca de normas mais contundentes para a esfera educacional.

Evidentemente que ainda não nos moldes atuais. E obviamente que o projeto não foi visto por todos como fator prioritário e muito menos foram postos em prática devidos os anseios dos grupos dominantes da época.

Dois grupos disputavam qual seria a filosofia por trás da primeira LDB. De um lado estavam os estatistas, ligados principalmente aos partidos de esquerda. Partindo do princípio de que o Estado precede o indivíduo na ordem de valores e que a finalidade da educação é preparar o indivíduo para o bem da sociedade, defendiam que só o Estado deve educar. Escolas particulares podem existir, mas como uma concessão do poder público.

O outro grupo, denominado de liberalista e ligado aos partidos de centro e de direita, sustentava que a pessoa possui direitos naturais e que não cabe ao Estado garanti-los ou negá-los, mas simplesmente respeitá-los. A educação é um dever da família, que deve escolher dentre uma variedade de opções de escolas particulares. Ao Estado caberia a função de traçar as diretrizes do sistema educacional e garantir, por intermédio de bolsas, o acesso às escolas particulares para as pessoas de famílias de baixa renda.

Na disputa, que durou dezesseis anos, as ideias dos liberalistas se impuseram sobre as dos estatistas na maior parte do texto aprovado pelo Congresso. (wikipedia.org)

Por mais que tratassem da educação como fator social que dependesse tanto do governo como da família era notório que o país precisava olhar para a educação não somente como fator social, mais também como fator econômico e suas metas teriam que estar em consonância com os anseios dessa forma de crescimento. Assim, os objetivos educacionais serão tratados de forma mais enfática com preceitos trabalhistas. Tornando-se característica da educação que se fomentava na década de 60.

Desse modo Saviani (2007 p.17-18) contribui salientando que:

Ao longo da década de 1960, à vista da emergência de temáticas como o papel da educação no desenvolvimento econômico, a questão do financiamento do ensino e a relação entre educação e trabalho, o pensamento pedagógico tendeu a incorporar outra área de estudos científicos: a economia da educação. [...] que considera a educação como investimento, versando sobre os fundamentos econômicos da educação e sobre a formação da mão-de-obra.

O tempo passa e o Brasil tem em seu histórico o governo militar que perdura até metade da década de 80 e de acordo com os estudos realizados deixou marcas não somen-

te no que tange a esfera da política, mas também em todos os patamares da sociedade.

O doutor em História e Filosofia da educação Paulo Ghiraldelli Jr. faz uma análise do que demonstrou esse período para educação em sua obra *História da Educação* com o seguinte trecho:

O período ditatorial, ao longo de duas décadas que serviram de palco para o revezamento de cinco generais na Presidência da República, se pautou em termos educacionais pela repressão, privatização de ensino, exclusão de boa parcela das classes populares do ensino profissionalizante, tecnicismo pedagógico e desmobilização do magistério através de abundante e confusa legislação educacional. Só uma visão otimista/ingênua poderia encontrar indícios de saldo positivo na herança deixada pela ditadura militar. (2001, p.163)

Evidente que tal período histórico deixou sua influência para o continuar da caminhada educacional. Mesmo que sem definir metas claras do que se queria alcançar, mas sim de meios para subsidiar uma educação de cunho profissionalizante como citado anteriormente, bem como determinar obrigações que caberiam não somente a esfera federal, mas aos estados e municípios da federação.

Um dos requisitos básicos foi à obrigatoriedade de investimento de 20% da arrecadação (PIB) dos estados na educação. Destaca-se também que:

Tal caráter mais tecnocrata foi explicitado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71, que instituiu o ensino técnico em todo o país, tanto na rede pública quanto na rede privada, independentemente da classe social. Foi também a partir desta Lei que a União transferiu mais responsabilidades aos municípios no sentido de se tornarem mais eficientes quanto à utilização dos recursos públicos destinados à educação, especialmente em relação ao 1º grau (hoje Ensino Fundamental), que passou a ser formalmente responsabilidade dos municípios. Assim, podemos inferir que, mesmo contraditoriamente, foi a partir da Lei 5.692/71, pensada nos moldes centralizadores e tecnocratas, que ocorreu o primeiro passo, embora singelo, para o processo de descentralização da educação no país. Todavia, a criação dos sistemas de ensino ainda ficou a cargo dos estados, do Distrito Federal e da União. (Oliveira *apud* Santos; Damasceno, 2014, p.7).

Também se enfatiza um país de grande quantitativo de pessoas analfabetas (tanto crianças, jovens e adultos) o que fez

No ano de 1964 diante do problema do analfabetismo (40% da população acima de 15 anos era analfabeta), dos resultados do censo escolar, os especialistas em educação e dos altos índices de reprovação nas primeiras séries da educação fundamental, o Estado, sob o governo de Humberto Castelo Branco (1964-1967), se viu obrigado a demonstrar sua preocupação com a situação. Para erradicar o analfabetismo foi criado Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Aproveitando-se, em sua didática, no expurgado Método Paulo Freire, o MOBRAL

propunha erradicar o analfabetismo no Brasil... não conseguiu. E entre denúncias de corrupção... foi extinto. (DAVIES, 2010, 270)

Na verdade a intenção governamental era mascarar a realidade de opressão que pairava no país e que contrapunha com o que muitos educadores e estudiosos da época pensavam.

Para os menos pessimistas e que defendem o regime instituído destaca-se alguns das leis e ementas constitucionais do ano de 1971 que corroboram para que a níveis mais circunstanciais e educação vislumbrasse objetivos mais aprazíveis.

1971 – É promulgada a Lei 5692 que regulamenta o ensino de primeiro e segundo graus. Entre outras determinações amplia a obrigatoriedade escolar de quatro para oito anos, aglutina o antigo primário com o ginásial, suprimindo o exame de admissão e criando a escola única profissionalizante.
– A Resolução no 8 do Conselho Federal de Educação fixa o núcleo comum para os currículos do ensino de 1o e 2o graus, definindo seus objetivos e a amplitude.
– O Parecer 853 do Conselho Federal de Educação define a doutrina de currículo, indica os conteúdos de núcleo comum, apresenta o conceito de matéria, orienta suas formas de tratamento e integração, indica os objetivos das áreas de estudo e os do processo educativo, remetendo-os ao objetivo geral do ensino de 1o e 2o graus e aos fins da educação brasileira.
– O Decreto 68.908 dispõe sobre o concurso vestibular, fixando as condições para o ingresso na Universidade. (OLIVEIRA *apud* SANTOS; DAMASCENO, 2014, p.7).

Mediante a todo ensejo histórico que perpassa a educação brasileira nos seus altos e baixos, percebe-se que a mesma no decorrer de sua história teve avanços e retrocessos e muitos que possibilitaram a criação de lei e normas mais concisas para que a educação possa alavancar de fato em todo território nacional.

É notório que muito ainda tem que melhorar e avançar, principalmente na questão dos investimentos que devem ser destinados especificamente ao setor educacional em toda sua essência.

Perante o crescimento da normalização de leis que se refere à educação percebe-se um norteamento para que o trabalho desenvolvido pelos grupos educacionais possa seguir com mais segurança. Em um contexto macro a responsabilidade de cada esfera mediante ao sistema educacional está definido dessa forma pela Constituição Federal Brasileira

À União cabe organizar o sistema federal de ensino, financiar as instituições de ensino federais e exercer, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva,

para garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios. Os municípios devem atuar prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil; os estados e o Distrito Federal, prioritariamente nos ensinos fundamental e médio (art. 211, §§ 1º, 2º e 3º)

Muitas são as diretrizes que hoje tem a educação brasileira. Para isso se consolidou desde 1996 quando foi outorgada a lei régia da educação em território nacional. A tão falada pelos educadores LDB (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96 que se baseia nos princípios da Constituição de 1988 como fontes para delimitar em seus artigos e incisos as metas e objetivos que vigoram atualmente no Brasil.

Os atuais princípios e fins da educação brasileira estão definidos no título II - Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, nos artigos 2º e 3º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº. 9.394/96.

O artigo 2º afirma que “a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Já, o artigo 3º reafirma o disposto no artigo 206 da CF, estabelecendo que: O ensino será ministrado nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extraescolar;
- XI- vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

A atual LDB não se preocupa apenas em garantir o acesso ao aluno na escola, mas também sua permanência. É possível entender este dispositivo se nos reportarmos às altas taxas de evasão e repetência indicadas pelas pesquisas realizadas na década de 1990.

Traz também a proposta da gestão democrática, o que possibilitou a formação de colegiados escolares, eleição para escolha do diretor, etc.

Ampliou o conceito de educação para além do espaço escolar quando a vincula com o mundo do trabalho, a qualificação profissional e as práticas sociais, com vistas ao exercício da sua cidadania, ideia reforçada no artigo 1º da LDB.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2017)

A partir da LDB novos mecanismos estão sendo oferecidos para que a educação brasileira possa alcançar melhores índices perante aos órgãos nacionais e internacionais que fazem a mensuração do processo educacional. Dentro do patamar brasileiro o de maior relevância é o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira) que paulatinamente vem mostrando os resultados obtidos nas avaliações externas a qual são submetidos os estudantes brasileiros e que visa segundo Borges (2012, p. 41)

Além disso, encontramos na legislação pertinente, como objetivos da escola, o desenvolvimento da capacidade de aprender tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia e das artes; desenvolver a capacidade de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação; desenvolver a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática; aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Esses objetivos não estarão de fato consolidados quando houver crianças, jovens e mesmo adultos que não consigam corresponder ao que se precede na lei e o que está sendo vivenciado.

As adversidades que fazem parte do processo educacional não podem ser mais um agravante que inviabilize o desenvolvimento das práticas pedagógicas e tampouco que façam deles o escudo para mascarar a realidade no qual os problemas não devam ser enfrentados. As leis e metas da educação brasileira priorizam o fazer

Muito empenho, compromisso, responsabilidade ainda deve ser traçado, posto em prática para se conseguir a tão sonhada educação de qualidade. Para isso, é necessário um trabalho conjunto com todas as instâncias da sociedade para que a educação possa de fato fazer desse país um país sem fronteiras.

As teorias da educação no contexto brasileiro

A educação nacional teve grandes avanços no decorrer dos anos no território brasileiro e contou com auxílio de pesquisadores que se dedicaram a teorias que sustentam os níveis de escolaridade, assim como o desenvolvimento intelectual, psicológicos e sociais da criança.

Para que ocorressem essas conquistas foi necessário que acontecesse um intercâmbio entre as teorias educacionais e estudos dos profissionais da educação que foram impulsionadas pelos programas governamentais e dessa forma criassem um ambiente propício ao desenvolvimento educacional do país.

Porém se faz necessário compreender como as teorias educacionais podem contribuir no desenvolvimento do trabalho docente e como acontece o feedback entre teoria e prática, ou seja entre as tendências pedagógicas e os métodos aplicados para fomentar o ensino no ambiente escolar.

Muitas são as formas de entender como o processo de aprendizagem acontece e de como o indivíduo recebe esse ensinamento. Como sua capacidade de compreensão está relacionada à conduta que lhe é imposto pelo meio em que vive. Compreender como certos pesquisadores defendem suas ideias e concepções em torno desse processo é também acompanhar linhas de raciocínio que se fazem importantes para o conhecer como se dá tão instigante temática do desenvolvimento do indivíduo. Assim, destacam-se vultos que em muito contribuem para esse aprendizado, abaixo destacados:

O biólogo e psicólogo Jean William Fritz Piaget (1896 – 1980)¹ durante suas atividades de estudos realizou pesquisas com crianças, visando não somente conhecer melhor a infância para aperfeiçoar os métodos educacionais, mas também compreender como ocorre o desenvolvimento cognitivo. Piaget chegou a uma teoria que evidenciou a compreensão do crescimento intelectual, a qual denominou de Epistemologia Genética, Devido sua ligação direta com a Biologia o mesmo concluiu que o desenvolvimento biológico não era devido apenas à maturação (e hereditariedade), mas também às variáveis do ambiente, contribuindo para uma visão posterior sobre o desenvolvimento mental como um processo de adaptação ao meio e uma extensão do desenvolvimento psicológico. De acordo com Wadsworth (1997) o pensar de Piaget reforça a ideia de que

“A atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento total do organismo. Assim sendo, ele considerou o funcionamento intelectual como uma forma especial de atividade biológica, são partes do processo global através do qual o homem se adapta ao meio, transformando os elementos assimilados bem como tornando-os parte da estrutura do organismo, e organiza as experiências, possibilitando o ajuste e a acomodação deste organismo aos elementos incorporados. (WADSWORTH, 1997, p.15)

Para entender o processo de organização e adaptação, quatro conceitos básicos precisam ser compreendidos: esquemas, assimilação, acomodação e equilíbrio. Os esquemas são estruturas intelectuais que organizam os eventos como eles são percebidos pelo organismo e são classificados em grupos de acordo com as características. São ocorrências psicológicas repetitivas que fazem as crianças classificarem estímulos de maneira consistente.

A assimilação é o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra um novo dado perceptual, motor ou conceitual nos esquemas ou padrões de comportamento já existente. A acomodação é a criação de novos esquemas ou modificação dos velhos esquemas. Ambas as ações resultam uma mudança na estrutura cognitiva (esquemas) ou no seu desenvolvimento. A acomodação é responsável pelo desenvolvimento (uma mudança qualitativa) e a assimilação pelo crescimento (uma mudança quantitativa). A equilíbrio é um balanço entre assimilação e acomodação, tão necessárias quanto ao processo em si. Constitui um mecanismo autorregulador necessário para assegurar uma eficiente integração da criança com o meio ambiente. É desta maneira que se processam o crescimento cognitivo em todas as suas fases.

De acordo com Piaget as ações são comportamento que estimulam o aparato intelectual da criança podendo ser ou não observadas. Estes comportamentos produzem desequilíbrios, permitindo a ocorrência da assimilação e acomodação. De acordo com Piaget há três tipos de conhecimentos. Conhecimento físico: Descoberta - é o conhecimento das propriedades físicas de objetos e eventos. Conhecimento lógico-matemático: Invenção - É o conhecimento construído a partir do pensar sobre as experiências com objetos e eventos. Conhecimento Social: Construção - é o conhecimento sobre o qual os grupos sociais ou culturais chegam a um acordo por convenção.

Piaget define a aprendizagem como processo de relação do sujeito com o mundo externo e que tem consequências no plano da organização interna do conhecimento (organização cognitiva). Para Piaget a aprendizagem se caracteriza por uma modificação duradoura (equilibrada) do comportamento, em função das aquisições devidas às experiências. Essa capacidade aparece bem antes da linguagem, isto é, do pensamento interior, pois an-

tes das palavras e conceitos, ocorrem percepção e o movimento organizado em esquemas de ação. “A aprendizagem é uma modificação duradoura do comportamento, em função de aquisição devidas a experiências” (PIAGET, 1993, p. 113).

Dessa forma ele propôs que o desenvolvimento cognitivo se realiza numa sequência invariável de quatro estágios determinados geneticamente que são:

- **Sensório-motor (0 a 2 anos):** Nesse estágio a atividade intelectual é de natureza sensorial e motora: a criança percebe o ambiente e age sobre ele.
- **Pré-operacional (2 a 6 anos):** tem como principal progresso desse período, em relação ao sensório-motor, é o desenvolvimento da capacidade simbólica. A criança começa a usar símbolos mentais- imagens ou palavras- que representam objetos que não estão presentes. Nessa fase há uma explosão linguística e também apresenta a característica do egocentrismo, não aceitando ideias diferentes da sua.
- **Operações concretas (7 a 11 anos):** a criança usa a lógica e o raciocínio de modo elementar, mas somente os aplica na manipulação de objetos concretos. Piaget reforça que, antes da idade de 11 a 12 anos, as operações da inteligência infantil são puramente concretas, isto é, só se referem a objetos tangíveis, que possam ser manuseados.
- **Operações formais (após os 12 anos):** o pensamento já não depende tanto da manipulação de objetos concretos. As operações lógicas serão realizadas entre as ideias expressas em uma linguagem qualquer (palavras ou símbolos), sem necessidade da percepção e da manipulação da realidade. O pensamento formal é hipotético-dedutivo, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através da observação real.

E importante ressaltar que o ritmo do desenvolvimento intelectual das crianças varia consideravelmente. Diferem em suas histórias de maturação, experiência e interação social, no modo como esses fatores interagem em si mesmas para governarem seus desenvolvimentos intelectuais.

Enfim sua teoria é baseada na pesquisa da evolução mental da criança e nas fases evolutivas da aquisição de conhecimentos. O processo educacional pode se dá através da vivencia concreta e dos jogos. O educando é agente da aprendizagem e o professor o organizador das situações.

O psicólogo Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) é o principal representante da linha behaviorista do século XX. Autor de “Comportamento dos Organismos” (1938) e “Ciência e Comportamento Humano” (1935), entre outras obras importantes. As ideias de Skinner são complexas e enfatizam a necessidade de explicar qualquer comportamento, por mais simples que pareça como resultado da combinação de muitas causas. Propôs métodos de análise do comportamento para explicar como estas múltiplas causas se combinam para determinar a conduta.

Skinner foi o primeiro psicólogo experimental a demonstrar que a maior parte dos comportamentos não é uma reação aos estímulos do ambiente e deu o nome de “operantes” a esses comportamentos, chamando a atenção para o fato de que eles operam sobre o meio. A rejeição da teoria “estímulo e resposta” está na frase que inicia o livro “O Comportamento Verbal”, “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER *apud* ERNST A. VARGAS, 2007, p. 155).

Skinner estabeleceu um aspecto de grande importância para o estudo do comportamento: a relação entre o comportamento e os efeitos que este comportamento produz sobre o ambiente. É uma relação que estabelece os efeitos ou consequências do comportamento presente como parte das causas do comportamento futuro. Portanto a vida do indivíduo envolve uma história de relações do seu comportamento com o ambiente. O comportamento é resultado da história individual combinada com a herança genética.

Moura (1997) destaca que a teoria de Skinner está baseada na noção de que o comportamento de um indivíduo é afetado pelas consequências que comportamentos similares tiveram no passado. Ele distingue dois tipos de consequências do comportamento: “os reforços (denominado de Condicionamento Operante) e as punições”. Skinner demonstrou como os efeitos do reforço são drasticamente modificados pelo contexto e pelo tempo

de apresentação do reforço, ou, pelo esquema do reforço. Ele chama a atenção para o fato de que a redução do comportamento através da punição é ineficaz e traz graves subprodutos psicológicos, dessa forma, Skinner desaconselha enfaticamente o uso de punição na educação ou em qualquer outro campo da atividade humana.

A teoria de Skinner teve pronta aceitação porque na prática o “reforço” é dada justamente pela ação do indivíduo. Se dá resposta esperada, recebe o prêmio ou a recompensa. Ainda nas escolas brasileiras essa teoria se faz presente em forma de premiações aos alunos para melhorar seu desempenho ou por se destacar em uma atividade e outras formas. Há uma série de operantes que pode ser estabelecida com reforços primários ou secundários formando um encadeamento onde se pode obter uma sequência desejada.

O psicólogo Jerome Seymour Bruner (1915-2016) é o importante pensador da teoria da instrução, um autêntico representante da abordagem cognitiva, que traz contribuições significativas ao processo ensino aprendizagem, principalmente as que são desenvolvidas na escola. Por ser uma teoria cognitiva, apresenta uma preocupação com os processos centrais do pensamento, como organização do conhecimento, processamento de informação, raciocínio e tomada de decisão. Assim considera a aprendizagem como um processo interno, medido cognitivamente, mais do que como um produto direto do ambiente, de fatores externos ao aprendiz.

A teoria de Bruner apresenta muitos pontos semelhantes às teorias da Gestalt e de Piaget. Bruner considera a existência de estágios durante o desenvolvimento cognitivo, e propõe explicações semelhantes às de Piaget quanto ao processo de aprendizagem. Ele atribui importância ao modo como o material a ser aprendido é disposto, assim como na Gestalt, onde se valoriza os conceitos de estrutura, padrões e arranjos de ideias.

Para Bruner é curioso o fato de que as crianças cheias de perguntas fora da escola apresentam notável falta de curiosidade em situação escolar. “Aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural das crianças, são princípios que devem ser observados pelo educador”. (BRUNER, 1991, p.122). Desse modo, relaciona a aprendizagem as situações já vivenciadas ressaltando a importância do pensamento intuitivo. O educando é um participante ativo na busca do desenvolvimento intelectual e o educador

incentivador da aprendizagem.

A escola não deve perder de vista que a aprendizagem de algo que envolve interação com o já aprendido, ou seja, as experiências e vivências que o aluno carrega conseguem, favorecem novas aprendizagens. Bruner ressalta que as matérias ou disciplinas, da forma como estão organizadas nos currículos, constituem-se muitas vezes divisões artificiais do saber. Várias disciplinas possuem princípios comuns tornando o ensino uma repetição sem sentido em que apenas respondem a comandos arbitrários. Dessa forma Bruner propõe o ensino pelo método da descoberta que não só ensina a criança a resolver problemas da vida prática, como também garante a ela uma compreensão da estrutura fundamental do conhecimento, possibilitando assim economia no uso da memória, e a transferência da aprendizagem no sentido mais amplo e total.

O psicólogo Lev Semynovich Vigotsky (1886–1934) é um dos principais precursores da teoria sócio-interacionista. Essa teoria que tem como um dos seus principais objetivos resgatar a importância do aspecto social na construção do conhecimento que o indivíduo faz nas relações e pelas relações que estabelece. Vigotski envolvido pelo entusiasmo de criar uma nova sociedade, entregou-se à tarefa de construir uma teoria psicológica dinâmica e transformadora, ligada às questões educacionais e do desenvolvimento humano buscando as origens sociais das capacidades humanas marcadas pelo materialismo dialético.

Vigotsky destaca a aprendizagem das crianças se inicia muito antes de sua entrada na escola. Aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança e a construção das funções psíquicas é vinculada à apropriação da cultura na qual ela está inserida, através das relações interpessoais dentro da sociedade a qual pertence. Vigotski enfatiza que “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um prazo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que o cercam” (VIGOTSKY, 1984. p. 99) Nessa teoria, há uma relação entre pensamento e linguagem, estimulando a consciência crítica e o respeito às potencialidades. O aluno é visto como sujeito da aprendizagem e o centro do processo, sendo o educador o responsável pela compreensão desse processo.

A escola, na concepção de Vigotski, no seu desempenho de construção do ser

psicológico adulto, deve conceber o nível de desenvolvimento dos alunos, e direcionar a aprendizagem para novas conquistas, para estágios ainda não incorporados pelos alunos. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam naturalmente, exercendo o papel de mediador.

Para o pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) a criança constrói através do fazer e refazer das atividades, sendo a educação a serviço da causa social, ou seja, o ser social. A aprendizagem é feita através da ação experimental e da valorização do erro e do acerto. O educando assume o papel de pesquisador e autônomo na construção do seu conhecimento. Já o educador é um estimulador de transformações sociais e educacionais o que leva ao educando a busca em si e no meio em que está inserido, favorecendo o crescimento de habilidades pessoais que o mesmo deve demonstrar nas ações de convivência social.

De acordo com esse pensador, sua proposta está pautada em:

A **experimentação**, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente formula e das leis que ela supõe ou imagina. A **criação**, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a **documentação** – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1979, p. 354-355, grifos do autor).

Para isso o educador deve ter como ponto de partida o conhecimento da realidade da comunidade que o cerca e dela explorar oportunidades reais para ser vivenciadas no contexto escolar como forma de integrar o aluno ao proximal de sua realidade de forma consciente, crítica e responsável.

Para o pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Reglus Neves Freire (1921- 1997) acredita que deve haver o compartilhar do saber através de um processo de mútua troca do saber. Para isso a formação formal do aluno não deve ser vista como estática, ou meramente decorativa, deve primar para o diálogo com a realidade, o afastando daquilo que ele denomina “educação bancária”, pois isso favorece a alienação do indivíduo mediante a sua

realidade.

O educador deve conduzir o aluno na percepção da leitura do mundo que o cerca, pois só é possível conquista o saber se aprendermos a analisar o mundo em que vivemos. Foca na aprendizagem do conhecimento de mundo do indivíduo para sensibilizar o mesmo de deter o conhecido com maior autonomia. Então preconiza que “Como diminuir a distância entre o contexto acadêmico e a realidade de que vêm os alunos, realidade que devo conhecer cada vez melhor, na medida em que estou, de certa forma, comprometido com um processo para mudá-la?” (FREIRE, 1992, p. 177). Dessa forma prioriza o fatural, o acessível, o cotidiano aparente como base de supostas inquietações do aprendiz, pautado no compromisso que cada educador deve instigar seu alunado a ir em busca de respostas aos seus questionamentos.

Percebe-se que na base da formação dos educadores brasileiros com o passar do tempo as concepções e pensamentos desses grandes vultos e de outros como: Maria Montessori, que preconiza a ideia de que a criança deve ser orientada para fazer uso sua responsabilidade, da sua liberdade, do domínio do equilíbrio emocional e acima de tudo a participar ativamente da sociedade em que vive. “O método de Montessori objetiva desenvolver a globalidade da individualidade infantil, e não exclusivamente suas capacidades mentais. Ele também se preocupa com as capacidades de iniciativa, de resolução de problemas sem que este possua interdependência componentes emocionais (Pombo *apud* Duarte, 2014, p.12).

Já para João Pestalozzi que influenciou muitos de sua época pontuou uma educação voltada para o desenvolvimento da população menos assistida. Souto enfatizou que para:

Pestalozzi o desenvolvimento é orgânico, sendo que a criança se desenvolve por leis definidas; os poderes infantis brotam de dentro para fora; os poderes inatos, uma vez despertados, lutam para se desenvolver até a maturidade; a gradação deve ser respeitada; o método deve seguir a natureza; o professor é comparado ao jardineiro que providencia as condições para a planta crescer; a educação sensorial é fundamental e os sentidos devem estar em contato direto com os objetos; a mente é ativa. (PESTALOZZI *apud* SOUTO, 2013).

Também de acordo com Souto (2013) outro importante precursor das teorias pedagógicas atuais é Henri Wallon que define em sua percepção que “o ser humano é organi-

camente social, e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar” levando em consideração a afetividade do indivíduo, pois essa tem um papel fundamental no seu desenvolvimento. Para Wallon (1971, p. 77) “a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento”

E assim como os demais que se sobressaíram na maneira como foram e são repassadas os conceitos por eles acreditados e por consequência como são internalizados na ação docente de como lidar com os educandos valorizando o que de peculiar que cada um oferece dentro do contexto em que está inserido. E no contexto da educação brasileira esses preceitos se fazem presentes de uma maneira ou de outra, mesmo que muitas vezes não estejam centrados como marco dos PPP que cada instituição escolar deve observar, mas estão arraigados no consenso do trabalho pedagógico que embasa os mecanismos de compreensão e de efetivação do desempenho escolar.

UNIDADE II - O TRABALHO DOCENTE MEDIANTE OS MÉTODOS DE ENSINO

A formação do professor

Todo profissional deve ter como base para o exercício de sua profissão elementos norteadores que facilitem sua prática. Para isso é uma constante que cada profissional deve estar sempre em busca de melhorias para que possa desenvolver seu trabalho de maneira proveitosa e assim alcançar os objetivos comuns aquilo que se propõe realizar.

Consideramos em primeiro lugar, que o processo de ensino – objeto de estudo da Didática – não pode ser tratado como atividade restrita ao espaço de sala de aula. O trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. A ciência que investiga a teoria e prática da educação nos seus vínculos com a prática social global é a Pedagogia. Sendo a Didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é, assim, uma disciplina pedagógica (LIBÂNEO, 1994, p.15-16).

Dentro do contexto educacional tal busca de melhorias não é diferente, e assim como as demais profissões é de suma importância que nesse processo de formação o profissional da educação tenha consciência de que sua teoria não deve ser vista unicamente como ferramenta de trabalho. É essencial a conciliação da teoria ao fazer da educação.

No dizer de Pimenta (2002, p. 71), as recentes modificações nos sistemas escolares, e especialmente na área de formação de professores, configuram “uma explosão didática”. Na perspectiva de compreender de que maneira a formação dos profissionais da educação, em especial a figura do professor, pode ser um fator positivo ou até mesmo negativo na prática de sua docência é importante salientar que muitas vezes o profissional da área tem buscar essa formação além daquilo que é possibilitado pelo próprio governo.

Freire (1996, p. 26) apresenta-nos a seguinte reflexão acerca dessa relação ensino-aprendizagem:

Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar [...] inexistente sem aprender e vice-versa e, foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens perceberam que era possível e – depois preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.

Ainda Freire (1996, p. 37) apresenta-nos a condição ética do saber e do fazer docente:

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar.

A sala de aula é um lugar que acolhe múltiplas realidades, que abriga um mundo heterogêneo de pensamentos, comportamentos, e que sempre está em constante evolução. Muitos são os fatores que influenciam no desenvolvimento crítico-social, e cada aluno já traz consigo para sala de aula uma bagagem de experiência, assim como também de conhecimentos pré-definidos pelo grupo social que o rodeia, ou seja, já tem hábitos adquiridos em sua cultura, experiências vivenciadas de acordo com os valores recebidos em casa, ou seja, cada ser humano tem sua singularidade, identidade, sendo que em uma sala de aula é um misto de pensamentos e personalidades diferentes, mas principalmente o professor deve sempre extrair de cada um o melhor do seu desenvolvimento em relação a sua aprendizagem, buscando aguçar, motivar os discentes a progredirem.

Diante dessa diversidade, onde a mistura de diferenças no ambiente escolar é perceptível, necessita-se que o professor faça com que a criança fique inquieta e sinta vontade de descobrir e conhecer não apenas os conteúdos, mas também ter o conhecimento de mundo. Sabe-se que a ação docente não é uma tarefa fácil, pois existem entraves que impedem de ter total sucesso em sua profissão, devido a essa pluralidade e heterogeneidade, mas cabe cada um tentar conforme seus conhecimentos adquiridos na sua formação e experiência na docência, por isso se faz necessário está sempre se atualizando com as mudanças que ocorre dentro da complexidade humana.

Perante o que está sendo discutido numa sociedade que afugenta por muitas vezes o respeito, a diversidade dentro do ensino escolar, é determinante que o professor contribua para o seu crescimento nas dimensões: cognitiva, social, crítica, cultural, emocional, psicológica, motora, visando uma formação global para o aluno.

Diante das questões postas, Luckesi (1994, p. 115) afirma o seguinte:

Na práxis pedagógica, o educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação pela humanidade, e o educando. Fará a mediação entre o coletivo da sociedade (os resultados da cultura) e o individual do aluno. Não é o único, porém é um dos mediadores sociais entre o universal da sociedade e o particular do aluno.

Dessa forma, cabe ao educador possibilitar um leque de possibilidades para que seu aluno busque nas vertentes da curiosidade criar, recriar, perceber que o seu conhecimento não provem somente do que é posto na escola, mas que todo um conjunto de prática e teoria utilizados durante seu processo de escolaridade servirá para consolidar o que ele presenciou no ambiente escolar e que servirá para a vida fora dos muros escolares.

O professor como mediador no processo de ensino aprendizagem

O professor tem uma importante missão: a de formar alunos autônomos com capacidade de usar seu senso crítico para contribuir de modo positivo e construtivo dentro da sociedade em que vivem. Mas para promover essa “educação autônoma” é preciso que o professor também pleiteie e desenvolva sua autonomia em sala de aula. Com isso se espera que o professor seja o responsável por formar consciências de sujeitos curiosos e autônomos capazes de refletir e questionar sua realidade, bem como por em prática essas habilidades através do uso social das mesmas.

De acordo com Coelho (1996, p. 39), “mais do que exercer uma perícia técnica específica, ensinar é necessariamente convidar os jovens à reflexão, ajudá-los a pensar o mundo físico e social, as práticas e os saberes específicos, com o rigor e a profundidade compatíveis com o momento em que vivem”.

Para Santos (2004) o papel do professor nesse processo de ensino e aprendizagem

não deve estar pautado unicamente na decoração de conteúdos, mas requer do professor uma prática reflexiva acerca do seu modo de como fazer com seus alunos conquistem o conhecimento de maneira significativa e necessária. A mesma afirma que:

O modo de entender e agir que nos possibilita não nos deixarmos abater pela adversidade e, até mesmo, de utilizá-la para crescer. Uma das causas do fracasso do ensino é que tradicionalmente, a prática mais comum era aquela em que o professor apresentava o conteúdo partindo de definições, exemplos, demonstração de propriedades, seguidos de exercícios de aprendizagem, fixação e aplicação, pressupondo-se que o aluno aprendia pela reprodução. Considerava-se que uma reprodução correta era evidência de que ocorrera a aprendizagem. Essa prática mostrou-se ineficaz, pois a reprodução correta poderia ser apenas uma simples indicação de que o aluno aprendeu a reproduzir, mas não aprendeu o conteúdo. É necessário saber para ensinar. O professor deve se mostrar competente na sua área de atuação, demonstrando domínio na ciência que se propõe a lecionar, pois do contrário, irá apenas “despejar” os conteúdos “decorados” sobre os alunos, sem lhes dar oportunidade de questionamentos e criticidade. (SANTOS, 2004)

Com a premissa de que o papel do professor não se baseia unicamente na arte de reproduzir o saber, mas possibilitar a aquisição desse conhecimento de forma consistente e de relevância para o aluno é impressionante que se entenda que o desafio de concretizá-lo é o que muitas vezes pode levar os envolvidos ao descaso pelo processo do ensino e da aprendizagem, haja vista que esses fatores são elos fundamentais para a sustentação dos objetivos que todos querem conquistar.

Rubens Alves (1994) em sua obra “A alegria de ensinar” perpassa pela ideia de que a função do professor é de repassar ao aluno o prazer, o gosto por aprender, de buscar o conhecimento e para isso seu papel não é meramente a transposição de conteúdos e sim aguçar o querer conhecer desse aluno. Despertando-o assim para o mundo da imaginação, da criatividade, da perspicácia

Fazer esse caminho usando a figura do docente como pessoa de mediação desse processo não é afirmá-lo como o “senhor sabe tudo”, tampouco desfazer sua importância, ou fazer do aluno o ser inalcançável. Nesse caminho se deve perceber que existem pontos que devem ser diagnosticados, analisados, repensados, reelaborados, revitalizados, com intuito de transpor as barreiras, os conflitos, os erros, as incertezas que fazem parte do trabalho pedagógico desenvolvido pela ação docente.

Para se fazer entender a importância do papel do professor como mediador Mene-

zes; santos (2001) pontua que

A ideia de professor mediador surgiu com o desenvolvimento, a partir da década de 70, da “pedagogia progressista”, caracterizada por uma nova relação professor-aluno e pela formação de cidadãos participativos e preocupados com a transformação e o aperfeiçoamento da sociedade. Dessa forma, a função do professor deixa de ser o de difundir conhecimento para exercer o papel de provocar o estudante a aprender a aprender. Esse conceito também está presente na perspectiva da escola cidadã, idealizada por Paulo Freire, na qual o professor deixa de ter um caráter estático e passa a ter um caráter significativo para o aluno.

Com um pensamento de que a mediação não é meramente o ato de mediar ou ensinar o professor e psicólogo Reuven Feuerstein (1921-2014), mas destaca que, para que aconteça de fato a mediação de interrelação entre os envolvidos são necessários que se estabeleça três critérios a saber: intencionalidade e reciprocidade; transcendência; mediação de significados. Tais critérios são assim definidos:

Por intencionalidade do mediador e reciprocidade do mediando, entende-se a consciência do interventor humano em sua tarefa ante o mediado e o estímulo, ou seja, clareza de suas intenções educativas. Não se ensina ou se estimula para o nada. Há sempre uma intenção um objetivo, nenhum processo educativo pode ser realizado sem objetivos. Da mesma forma o mediado deve dar um feedback e estar consciente de que, ante uma situação de aprendizagem mediada, o que se tem não é apenas o cumprimento de uma tarefa, mas que há uma intenção que transcende a situação posta. (REUVEN FEUERSTEIN *apud* WIKIPÉDIA, 2017)

Assim se observa que a intencionalidade anseia por objetivos pontuais de onde se quer chegar pautando na relação de ir e vir dos envolvidos com clareza e consistência das ações para o aprendizado.

Já o segundo critério está pautado na

A construção de significados, é quando o mediador trabalha com a elaboração de valores e códigos culturais (linguagem). Para que haja mediação, é necessário trabalhar com o uso apropriado das palavras e a significação de símbolos e representações que estão antepostas ao mediado. (...) Aqui a linguagem, na perspectiva Vygotskyana, é um instrumento ou uma ferramenta psicológica de intervenção e estruturação do pensamento. O mediador tem como função introduzir e aprimorar no mediado estes instrumentos. (WIKIPÉDIA, 2017).

Reuven Feuerstein não olha a mediação meramente como um meio de relação entre o aluno e o docente, ele preconiza que a leitura de mundo fará o diferencial para que haja relevância para o mediado acerca daquilo que se deve ser transmitido como conteúdo de aprendizagem.

Mediante ao mesmo pensador o ato de aprender está relacionado ao fato da me-

dição que leva a transcendência do conhecimento e o mesmo enfatiza que

Por transcendência, entende-se algo que foi aprendido e logo foi extrapolado para outras dimensões espaço-temporal da vida do mediado. Ou seja, no processo de mediação o mediador deve ter a capacidade de conduzir o aprendiz para além do problema a ser resolvido. Universalizando ou transcendendo as soluções adquiridas ante uma situação-problema imediata, conduzindo-o a pensar sobre a aplicabilidade destes conceitos em outras situações de sua realidade. (REUVEN FEUERSTEIN *apud* WIKIPÉDIA, 2017)

Analisando tanto Reuven quanto Rubens Alves suscitam que o papel do mediador é de fazer com que aquilo que foi mediado tenha significância na vida do mediado e que se postule em sua ação cotidiana não meramente como algo a ser reproduzido mecanicamente, mas que ao longo de sua vida seja concretizado como saber adquirido e não mecanizado aleatoriamente.

Para Pinto, Viera e Silva (s.d; p.10)

A nova configuração do profissional da área educação não está pautada apenas na transferência de conteúdos, mas num novo mediador de conhecimentos, que em primeiro plano se desenvolva continuamente, uma vez que é fundamental olhar para o passado e rever o seu trajeto, percebendo as falhas, notando o que ainda falta aprender e assumir o compromisso de melhorar a cada dia.

Então além de ter o conhecimento de conteúdos a serem explorados no contexto escolar o professor deve também ter como ponto de partida o conhecimento da realidade de seus alunos, daquilo que os cerca e fazer desse conhecimento o diferencial para buscar o interesse dos mesmos para aquilo que fará a diferença em sua aprendizagem. Para isso Cury (2014, p. 47) menciona que: “A escola deve ser um complemento à educação familiar. “E, para isso, os professores precisam saber educar a emoção e trabalhar as funções mais importantes da inteligência para formar pensadores, e não repetidores de informações.”

Professor diante dos desafios da educação contemporânea

Explicitar que a sociedade sempre passou por problemas nas questões estruturais mais básicas para o desenvolvimento humano é uma afirmação que não pode ser considerada como errônea. Tais problemas muitas vezes estão tão enraizados que muitos não acreditam que sejam encontradas soluções.

Muitos pensam assim quanto aos problemas que envolvem o espaço educacional,

pois se percebe que em muitos casos não basta somente a intenção de melhorias por parte dos envolvidos, mas de atitudes práticas que favoreçam a qualidade do ensino mediante aos desafios que a cada dia se enfrenta dentro das escolas, principalmente no ambiente da educação nas escolas brasileiras.

Identificar os problemas que permeiam o espaço escolar não é simplesmente dizer que os mesmos estão relacionados à instituição, ao governo, aos profissionais, a sociedade, a família, ou ao aluno. Identificar as problemáticas não seria uma das atribuições das mais difíceis, pois os resultados vão demonstrá-los, saná-los então seria como procurar encontrar o ponto de partida para que através de ações e interesses para que se possa mudar o quadro relacionado aos desafios que diariamente são enfrentados tanto pelos docentes quanto pelos alunos para que a educação contemporânea não tenha como marco o colapso.

A Professora precisa saber quem são seus alunos. Conhecer o processo de desenvolvimento em seus aspectos cognitivos, afetivo-social e psicomotor, para ter uma visão integral das necessidades e possibilidades da faixa etária é o primeiro passo...de posse desses dados, (...) terá competência para selecionar, com critérios e criatividade atividades e tarefas que tenha um real significado e objetivo claro de desenvolvimento para sua turma. (ANDRADE, 1995, p.35)

Conhecer a realidade da escola e de sua clientela deve ser o ponto de partida para que seja desenvolvido um trabalho de qualidade pelos profissionais da educação, pois só a partir do diagnóstico do conjunto de elementos de cada realidade é que de fato pode-se traçar caminhos plausíveis para que a intervenção pedagógica, instrucional, social que a escola desempenha se realize com objetividade que requer a educação sistemática repassada na escola.

De acordo com Pinto; Viera; Silva (s/d; p.10) “No início desse século houve uma série de mudanças abruptas no tocante a sociedade, estas provocaram organizações e instituições visando à necessidade de transformações severas em seus propósitos, políticas, estruturas e procedimentos.” Tais mudanças elevaram a “desorganização” de crenças e valores, de hábitos e atitudes o que ocasionou a ruptura das relações que ora se julgavam ser tidas como ponto de acesso para o crescimento do indivíduo dentro da sociedade.

Tais premissas evidenciam que as mudanças na sociedade geram possíveis con-

flitos em todos os âmbitos da mesma e com isso os agravantes ocasionam também a desestruturação dentro do espaço de convivência escolar nos mais diversificados contextos.

Dessa forma mais desafiador é a função da ação docente, pois de acordo com Alves (2001 p.21) “Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é que aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar”. E fazer seduzir para sanar as dificuldades nem sempre é o eixo que os trabalhadores educacionais desenvolvem com habilidade.

De acordo com Maryza Bergamo (2012, p. 5)

O que o futuro profissional da educação deve estar atento é que a sala de aula é um objeto de constante investigação e reflexão para o professor. Se ele estiver com o olhar atento á dinâmica do ambiente, pode fazer uma análise mais profunda para entender o que precisa ser modificado ou reelaborado.

Reinventar o modo de ensinar pautado dentro dos objetivos educacionais é o grande desafio do profissional da docência. E para conflitar sua ação estão penetrantes pelos rasgos do cenário institucional políticas públicas que são muito belas no papel, que vislumbram alcançar o ápice da realização institucional, mas nem sempre as mesmas são eficazes para as realidades que foram projetadas.

Pode-se elencar que outro ponto que vem tomando certa proporção dentro do ambiente de sala de aula é o fato que muitos alunos não conseguem acompanhar o desenvolvimento das atividades de maneira mais centrada, pois acontece constantemente a dispersão dos mesmos em relação ao que está sendo colocado em sala de aula. Ou seja, a perda da concentração é mais um agravante dentre os conflitos da nova geração.

De acordo com o psiquiatra Augusto Cury (2014), “todos os professores no mundo sabem, embora não entendam a causa, que, do final do século XX para cá, crianças e adolescentes estão cada vez mais agitados, inquietos, sem concentração, sem respeito uns pelos outros, sem prazer em aprender”

O psiquiatra afirma que hoje tanto adultos quanto as crianças estão desenvolvendo as características de ansiedade que pode levar a uma síndrome a qual o mesmo denomina de SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado) que se caracteriza por ter como ponto de efervescência o excesso de informações que pode gerar a desconcentração do individuo.

Dessa forma, Cury (2014, p.67) afirma que “Crianças e adolescentes estão esgotados mentalmente. Pais e professores estão fatigados sem saber a causa. Profissionais das mais diversas áreas já acordam sem energia e carregam seu corpo durante o dia.”

Com isso se percebe que segundo Cury devido ao excesso de informações que o individuo recebe constantemente cria-se a discrepância da não fixação das mesmas e conseqüentemente a não concentração em pontos básicos do dia a dia, como por exemplo a concentração nas atividades de sala de aula, haja vista que o individuo passa a buscar a informação por antecedência e a concentração se dispersa em pontos soltos o que pode levar dentro do ambiente escolar situações em que o aluno não corresponde aquilo que lhe é solicitado.

Nossos alunos também estão com a SPA, o que prejudica a assimilação das informações, a organização e a capacidade de resgate delas, comprometendo o desempenho do raciocínio. Alunos brilhantes não brilham nas provas, não porque não sabem a matéria, mas porque truncaram esse processo. (CURY, 2014, p. 70)

Cury destaque que as mudanças de comportamento aceleram esse processo e que deve-se concentrar atividades com finalidade de tranquilizar o pensamento acelerado e para isso as mesmas devem ter por objetivo estabelecer um ambiente que favoreça a tranquilidade e a concentração dos pequenos em sala de aula.

Desacelerar a criança com SPA é fundamental. Encorajá-la, por exemplo, a desenvolver atividades mais lentas e lúdicas, como ouvir músicas tranquilas (música clássica), tocar instrumentos, pintar, praticar esportes, fazer teatro, pode ser muito útil. Crianças e adolescentes hiperativos também podem e devem aprender essas práticas. Prescrever indiscriminadamente Ritalina e outras drogas para quem tem SPA pode ser um erro grave. (CURY, 2014, p. 28)

Além de se perceber o quesito comportamento, precisa-se salientar que as problemáticas do contexto educacional não está unicamente centrada nesse aspecto, mas também perpassa pelas políticas públicas que nem sempre são voltadas para a realidade do ambiente a que elas são pensadas, ou aquilo que se propõe quanto aos recursos para pô-las em prática deixa de ser um fator de ajuda e passa a ser um elo que se quebra no combate aos entraves que rondam as dificuldades do serviço docente na atualidade.

UNIDADE III - FATORES SOCIAIS, ECONÔMICOS, TECNOLÓGICOS E CULTURAIS ALIADOS OU INIMIGOS?

Os aspectos sociais, econômicos e culturais e a influencia no aspecto educacional

Mediante a uma sociedade que tramita em constantes transformações no modo de ser, pensar, agir e principalmente ver o outro se percebe que tais mudanças também geram uma gama de situações as quais podem surtir efeitos positivos ou negativos na vida das pessoas.

Em se tratando de modo particular de uma parte dessa sociedade se percebe que a classe estudantil absorve essas mudanças de maneira mais rápida que muitos outros membros da mesma. Muitas dessas mudanças influenciam no comportamento e na aprendizagem dos alunos. Assim, observar essas percepções é um ponto primordial para que se consiga compreender como os fatores externos a escola estão tão presentes no cotidiano das salas de aula, em especial da turma de 1º ano do ensino fundamental da escola Governador Amazonino Mendes.

Dessa forma o professor tem como determinante também perceber, investigar, conhecer de fato quais seriam os fatores que podem fazer com que seus alunos não consigam ou talvez não desenvolvam suas potencialidades devido a situações que muitas vezes requerem não somente a participação de um docente que transferi ou media o conhecimento, mas também de um profissional que possa contribuir para solucionar ou amenizar as possíveis emblemáticas do fazer educacional.

De acordo com Rhodolfo Pereira Lemes e Sebastião Alexandre

A dificuldade de aprendizagem é um tema que deve ser estudado levando-se em conta todas os fatores que interferem em todas as esferas que o indivíduo participa (família, escola, sociedade, etc...) Sabe-se que nunca há uma causa única para o fracasso escolar e que também um aluno com dificuldade de aprendizagem não é um aluno que tem deficiência mental ou distúrbios relativos, na verdade, existem aspectos fundamentais que precisam ser trabalhados para obter-se um melhor rendimento em todos os níveis de aprendizagem e conhecimento. Quando falamos de aprendizagem e conhecimento não estamos nos referindo somente a conteúdos

disciplinares, mas também a conhecimento e desenvolvimento vital que são tão importantes quanto. (2006, p.34)

Nesse mundo de transições a escola torna-se uma instancia que a olhos nus pode criar impactos relevantes na vida de seus alunos, portanto deve estar atenta a sua clientela conhecendo sua origem e adequando suas atribuições de instituição social a todos. Então refletir como os fatores sociais estão presentes na realidade escolar de cada criança e fazer dessa reflexão uma aliada ao fazer pedagógico.

A prática docente não se deve desvincular a teoria da experiência, principalmente mediante a uma realidade em que as mudanças na sociedade são rápidas. Onde o contexto social no qual estão inseridos os alunos também contempla essa mudança de forma mais acentuada. .

Por isso é de suma importância que o fazer pedagógico não se omita diante dessas novas perspectivas de proporcionar a efetivação do conhecimento.

A esse paradigma percebe-se a necessidade de buscar mecanismos que favoreçam a integração entre a experiência e a teoria. De acordo com a professora Neoremi de Andrade Toniazzo:

Vários são os fatores comportamentais que impedem o aluno a assimilar o que é ensinado em sala de aula. Inibição e dispersão são problemas que se sobressaem e notadamente prejudicam o relacionamento professor – aluno. Acredita-se que a inserção de novas estratégias didáticas e do teatro possam ser recursos facilitadores da aprendizagem, uma ferramenta de grande relevância, muito embora alguns linguistas discordem dessa hipótese.

Para muitos especialistas da área educacional houve tentativas de romper o cunho conteudista dos conhecimentos, onde os mesmos estariam constantemente voltados para a fundamentação teórica, mecanicista de reproduzir os conhecimentos.

Procura-se, como forma de promover uma educação que possa de fato surtir efeito na vida do educando. Por isso, buscam-se novas metodologias que estejam voltadas para a prática, através do uso da pesquisa por exemplo.

Dessa forma, conclui-se que o trabalho docente deve está voltado para o conhecimento da realidade onde o aluno está inserido, refletindo sobre os anseios e desejos que a sociedade espera dela, e não simplesmente pelo mero fato de que as “verdades educa-

cionais” não devem ser contextualizadas. Ou que a prática docente não deve ser ativa, ou voltada para metodologias que possam contribuir de fato para o despertar o avançar e o consolidar dos conhecimentos.

Cabe aos docentes compreenderem que sua formação profissional não é estática e que a partir dela é que se moldará um novo pensar e agir dos educandos.

A relação entre os processos de ensinar e aprender nem sempre acontecem de maneira que seus objetivos sejam alcançados com satisfação. Para que se possa compreender como estão inter-relacionados esses processos é importante que sejam analisados de que maneira estão sendo seguidos os caminhos que são usados na prática diária de sala de aula.

As tecnologias no cotidiano das famílias

Tecnologia e Família representam um duelo na sociedade contemporânea. É visível na sociedade moderna, que os relacionamentos estão sendo através de um clique, raras são as conversas frente a frente, abraços, carinhos. O uso das tecnologias já é uma constante nas famílias onde são utilizados uma linguagem de códigos e palavras com duplo significado, onde palavras são frases, palavras são abreviadas, pontuação não existe, figuras que transmitem mensagens. Os mais novas acham “normal”, os mais velho se sentem incomodados com esses comportamentos. Muitos acham que esse clique ajuda a ganhar tempo, praticidade, agilidade. Quando muitas vezes trata-se de um conformismo com a real situação. As crianças estão crescendo num mundo acelerado, onde tempo é valioso, e vivendo somente o agora. Em casa, o diálogo entre pais e filhos está ficando para segundo plano. E por muitas vezes esse diálogo que deveria ser presencial está sendo digital dentro do mesmo espaço.

Assim, para a 2ª geração informacional a internet confere um poder simbólico ao inverter as relações de exercício de poder no quadro familiar. Os mais novos são os que ensinam aos mais velhos a utilização das novas tecnologias, invertendo assim a relação tradicional pais (educadores) e filhos (receptores). Essa funcionalidade da internet confere assim um novo canal de aproximação entre progenitores e filhos no quadro da família. (CARDOSO, 2007, p. 346)

Muitas família que apresentam uma dependência tecnologia, sofrem impactos no

relacionamento. É visível a desorganização familiar em diversos campos, sejam eles emocionais, sociais, financeiros, educacionais, bem como nas atividades rotineiras, que impedem o funcionamento saudável da família no dia a dia. É visível que a principal área a ser atingida no relacionamento entre pais e filhos na era digital é o diálogo. A maioria dos pais passa a maior parte do dia fora de casa; chegam em casa estressados depois de um dia cheio de cobranças profissionais, e quando tem tempo durante o dia, comunicam-se com seus filhos através de ligação pelo celular, ou o mais usado WhatsApp.

Mas as tecnologias da informação e comunicação recolocam o problema, uma vez que se apresentam como a “revolução” capaz de modificar tanto as relações de produção e comercialização quanto os modos de pensar, conhecer, se organizar, decidir e viver, assim como as relações interpessoais e sociais, o que se desdobraria em mais democracia e justiça social. (BECKER, 2009, p. 11)

Na verdade, o perfil da família mudou muito nestes últimos anos. Com a atualização imediata das mais variadas tecnologias e o excesso de informação proveniente destas fontes, a interação entre os integrantes da família vai ficando cada vez mais difícil. Ao serem criadas tantas ferramentas de comunicação em massa com objetivo de melhorar a comunicação, nota-se que isso se transformou em anseio de consumo. Ao invés de reforçar os laços entre quem as utiliza, a tecnologia e os meios de comunicação são agora a maior ferramenta de marketing de produtos para venda ou compra. Muitas vezes, as crianças são presenteadas com um aparelho tecnológico com várias justificativas e, uma delas é que com o objeto dado a eles, os pais poderão ter mais controle sob a criança.

De acordo com SPIER:(2007, p.174)

Para crianças e adolescentes, a Internet é o verdadeiro poço que leva Alice ao País das Maravilhas. É um espaço lúdico onde cada um pode incorporar personagens, alteregos, avatares para viver em “metaversos” –universos paralelos, novas dimensões, mundos distantes. É um espaço para o exercício da convivência social e da formação de tribo, o que faz parte do desenvolvimento na adolescência.

A utilização de um aparelho com internet para crianças, requer a supervisão de um indivíduo com controle do impulso sobre a curiosidade, pois a grande informação que é liberada pode causar perdas e transtornos, para o intelecto da criança ou adolescente. Não que seja prejudicial, mas que deve ser usado com moderações. É possível mesclar o uso da tecnologia e do desenvolvimento cognitivo na primeira infância e adolescência para que possam se tornar adultos capazes de manter uma sociedade funcional e criativa. A internet

veio para ficar e os usos das tecnologias são diversos, afinal as pessoas se apropriam delas e as inserem no seu cotidiano de acordo com seus interesses, desejos e motivações.

De fato as novas tecnologias e a internet estão impactando as vidas das pessoas e também o cotidiano familiar. A relação entre as pessoas e as tecnologias é muito complexa e as fronteiras entre o mundo real e virtual estão cada vez mais indefinidas. “A televisão fascina e assusta. Suas mensagens parecem querer ocupar todas as frestas e poros da sociedade. Os conceitos e espaço se relativizam, o mundo fica menor o que era distante fica próximo.” (CASHMORE, 1998, p. 7). Diante disso fica a dúvida: afinal, são as pessoas que “dominam” as tecnologias ou as tecnologias que estão “dominando” as pessoas?

Moran (2006, p.10) relaciona a sociedade, tecnologia e aprendizagem:

A sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes(atores), de forma contínua. [...] A educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões.(MORAN, 2006, p.10)

A educação é fruto não somente da escola, mas principalmente da família e de toda a sociedade. De acordo com Moran (2006 p.14):

Toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimento e quando buscam novas ideias, valores, conhecimentos. Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, internet, todos educam e, ao mesmo tempo são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, adaptam-se a novas situações. Aprendemos com todas as organizações, grupos e pessoas a que nos vinculamos.

Hoje em dia todas as sociedades, as pessoas, apreciam e fazem uso das tecnologias, elas podem ser usada para diversos fins, mas espera-se que seja usada para coisas boas. As nossas relações, as nossas vidas, realmente estão pautadas pela internet e quase tudo o que fazemos é por meio dela. Quem vive sem internet? Sem celular? E os brinquedos tecnológicos de hoje? É raro encontrarmos alguém que não faça uso da internet, que não use os Orkut da vida, Facebook, twitter, etc. Analisando de uma forma produtiva, é muito bom ler livros, textos, vídeos, fazer amizade, rever os amigos e familiares que moram longe, comprar, jogar, pesquisar, mas tudo na medida certa. É preciso tomar cuidado e lembrar que a internet é um perigo quando mal utilizada, por isso deve de ponderada.

Em seu artigo João Pedro Pereira (2008) comenta:

“O mau uso da tecnologia está a criar uma geração de crianças incapazes de pensar por si mesmas e de empatizar e estabelecer relações com os outros.

O mundo dos computadores parece oferecer uma opção mais segura do que o mundo real, pois não há brigas, não há a possibilidade do menino cair e se magoar. No entanto, o mundo Online pode trazer consequências muito mais nefastas que um arranhão, uma briga ou uma perna partida, como degenerações cerebrais ou até uma perda parcial de identidade.

Prevê-se que a nossa geração, e as gerações futuras, terão grandes perdas a nível da identidade, naquilo que cada um é, devido ao tempo gasto no mundo virtual, um mundo a 2 dimensões.

Entre os principais problemas podem ser destacados:

- o relacionamento interpessoal passar a dar-se majoritariamente através do computador / telemóvel;
- a redução da capacidade linguística e argumentativa; ora como a comunicação passa a dar-se através de um telemóvel através de mensagens, por exemplo, será uma escrita direta, objetiva sem grandes discussões, com vocabulário reduzido, com muitas abreviaturas; nestes casos o que interessa é transmitir a mensagem e não enriquecê-la com expressões ou com argumentos de forma a defender uma ideia;
- a redução a nível imaginativo e criativo; ao jogar um jogo, estamos a jogar algo que foi criado por outros, não necessitamos de ter a capacidade imaginativa de criar o nosso próprio jogo ou de criar os nossos brinquedos como sucedia há umas décadas atrás; agora a criança quer um carro vai-se ao supermercado e compra-se, ao passo que antigamente ele era feito com os materiais que havia à disposição; agora quer-se brincar, compra-se um jogo novo para o computador, antes pensava-se e criavam-se divertimentos e jogos;”

É preciso estar atento, pois a tecnologia no ambiente familiar possui as vertentes do bem e do mal. Para bem: analisando de forma global, o mundo se tornou pequeno. As notícias chegam com rapidez pelos meios de comunicação e todos podem visualizar em poucos minutos. Comunica-se com familiares que vivem no exterior pelo MSN ou Skype, Facebook, etc. Laços de amizade se tecem por todas as partes em grupos de WhatsApp. Rompe-se com a ignorância geográfica, já que os celulares apresentam localizador. As notícias atravessam lugares e acabam com a monotonia do meio rural. Muitos programas televisivos propõem comunicação e interação utilizando diversos meios. E trazem informações, conhecimentos, notícias, imagens, visitas à museus, visualização de séculos passados. a facilidade barata da Internet enche os olhos de prazer.

As refeições têm sofrido triste impacto da tecnologia midiática. Famílias preferem sentar-se à mesa diante da TV ligada de modo que os olhares vagueiam do prato para a tela, em vez de descansar no rosto dos convivas. As palavras entre as pessoas cedem lugar para os diálogos das novelas ou a voz do locutor televisivo.

Enfim, a relação entre pais e filhos se transfere para o contato virtual com o aparelho das notícias e imagens. Desperdiçam-se os poucos momentos de encontro familiar para continuar-se na superficialidade vazia de tanta imagem e ruído.

Uso de tecnologias na educação

Na atualidade usamos diversos conhecimentos científicos altamente complexos que foram sintetizados e integrados em dispositivos tecnológicos simples de operar. Podemos falar no celular, assistir uma aula na televisão, uma partida de futebol, enviar e-mail e muito mais. Nada disso seria possível se não fosse as Tecnologias de Informação (TI) que é definida como um conjunto de atividades e soluções providas por recurso de computação que permitem o armazenamento, o acesso e o uso das informações que nos cercam.

Sancho *et al.* (2006, p.16) comenta sobre o caráter transformador das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação):

Em primeiro lugar, alteram a estrutura de interesses (as coisas em que pensamos). O que tem consequências importantes na avaliação do que se considera prioritário, importante, fundamental ou obsoleto e também na configuração das relações de poder.

Em segundo lugar, mudam o caráter dos símbolos (as coisas com as quais pensamos). Quando o primeiro ser humano começou a realizar operações comparativamente simples, como dar um nó ou fazer marcas em um pedaço de pau para lembrar de alguma coisa, passou a mudar a estrutura psicológica do processo de memória, ampliando para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano. Este processo que continuou com os sistemas escrita, numeração, etc., permitiu incorporar estímulos artificiais ou ato autogerados que chamamos de signos (VYGOTSKI, 1979). As tecnologias de informação não apenas ampliam consideravelmente este repertório de signos como também os sistemas de armazenamento, gestão de acesso à informação, impulsionando um desenvolvimento sem precedentes de desenvolvimento público.

Em terceiro lugar, modificam a natureza da comunidade (a área em que se desenvolve o pensamento). Neste momento para um grande número de indivíduos, esta área pode ser o ciberespaço, a totalidade do mundo conhecido e do virtual, mesmo que praticamente não saia de casa e não se relacione fisicamente com ninguém.

Essas mudanças e avanços tecnológicos nas últimas quatro décadas resultaram em transformações profundas na sociedade contemporânea. Em vários países, especialmente nos chamados desenvolvidos, a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula já é uma realidade. No Brasil esta situação ainda não é a ideal, porém nos últimos anos ocorreram mudanças e avanços significativos nessa área. A utilização das tecnologias em

sala de aula vem acompanhada de mudanças em outras estruturas do ensino, como no currículo, na pedagogia, na didática do professor e da escola. Segundo Kenski (2007, p. 46)

Para as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) possam fazer alterações no processo educativo, no entanto elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida.

Em razão de diversos fatores como a crescente popularização do acesso à internet tanto no ambiente escolar como no domiciliar, os professores tem cada vez mais a possibilidade de fazer uso de recursos tecnológicos em sala de aula ou no planejamento e na organização de seu trabalho. Neste mundo globalizado é essencial que o gestor e o professor esteja preparado para utilizar os recursos tecnológicos disponíveis e tenha conhecimento de como esses recursos podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Para Vieira, Almeida e Alonso (2003, p.115)

As TICs poder ser incorporadas na escola como suporte para comunicação entre os educadores, pais, especialistas, membros da comunidade e de outras organizações, desenvolvimento de um banco de dados gerado na escola e que de subsídios para a tomada de decisões; criação de um fluxo de informações e troca de experiências que realimentem as práticas; realização de atividades colaborativas que visem enfrentar os problemas da realidade; desenvolvimento de projetos relacionados com a gestão administrativa e pedagógica; representação do conhecimento em construção para os alunos e respectiva aprendizagem etc.

As TICs na educação são de fundamental importância, pois mobilizam conhecimentos diversos e complexos ao alcance do professor e do aluno. Mas, é preciso ter conhecimentos de como utilizar computadores ou outro sistema. Independentemente de serem sistemas simples ou complexos, o importante é que todas as tecnologias derivadas da computação fornecem informações úteis para pesquisa e estudo. Ainda Sancho *et al.* (2006, p. 43-44) expressa a ideia de que:

A primeira finalidade de uma visão integrada da educação é a que favorece a criação de experiências de aprendizagem com sentido e, ao tê-la, o estudante, os professores e os membros da comunidade se envolvem apaixonadamente no processo de aprender. Frente à atual pedagogia entediante (COREA e LEWKOWICZ, 2004), entendi que esta mudança é possível e que tem efeitos positivos na disposição de pessoas para aprender (professores e famílias incluídos).

Para os educadores o importante é conhecer não apenas as tecnologias, mas também, os seus princípios, de modo que sejam capazes de decidir o que é efetivamente

necessário para abordar o problema que se pretende tratar. Entre as possibilidades ao alcance dos estudantes e pesquisadores está o aproveitamento de celulares que hoje incorporam funções como câmera, internet, filmadora gravador de voz, bloco de notas, GPS, cronometro, giroscópio e tantas outras funções. Este conjunto de recurso está na base dos sistemas mais sofisticados e podem dar origem a novas aplicações, produtos e tecnologias em benefícios de todos. Muito embora fazerem parte do cotidiano dos alunos, professores e toda comunidade escolar, na sala de aula a pratica ainda é bastante distanciada dessa realidade. Segundo Vieira, Almeida e Alonso (2003, p.115-116)

[...], outras dificuldades se fazem presentes as quais se relacionam com as ausências de condições físicas , materiais e técnicas adequadas quanto à postura dos dirigentes escolares, pouco familiarizada com a questão tecnológica, o que dificulta sua compreensão a respeito da potencialidade das TICs para a melhoria de qualidade do processo ensino e de aprendizagem, bem como para a gestão escolar participativa , a articulação entre a dimensões técnico-administrativa e pedagógica com vistas à finalidade maior da educação: o desenvolvimento humano.

E Vieira, Almeida e Alonso (2003, p.117-118) continua:

Hoje, o uso das TICs na escola, ainda que dicotomizado no ensino e aprendizagem da sala de aula, constitui um desafio para educadores e dirigentes educacionais. Estes últimos, a princípio percebem a importância dessa tecnologia no controle administrativo da escola, mas da mesma forma que a incorporação das TICs à pratica pedagógica ainda é um processo precário, também é incipiente sua inserção na gestão escolar como instrumento para acompanhamento das atividades e a tomada de decisões compartilhada.

Nessa perspectiva, a incorporação das TICs na escola e na pratica pedagógica não pode se restringir à formação dos professores, mas deve voltar-se para a preparação dos dirigentes escolares e seus colaboradores, propiciando-lhes um domínio dos recursos dessa tecnologia que possa auxiliar na gestão escolar e, simultaneamente provocar a tomada de consciência sobre as contribuições dessa tecnologia ao ensino e à aprendizagem.

As TICs utilizadas como ferramentas da sala de aula para uso pedagógico, exige sobretudo a elaboração de projetos que viabilizem essa prática, que haja discussão com o coletivo da escola e realizações de ações que possam implementar a sua utilização. E um dos primeiros passos é sem dúvida, o espaço do laboratório de informática. É preciso despertar na comunidade escolar a necessidade da inclusão digital, a conscientização em relação aos desafios da escola para incorporar as TICs às suas práticas visto que essa é uma tendência atual que os afetarão em um futuro bem próximo. Como Prado (1993, p.99) discorre “o aprendizado de um novo referencial educacional envolve mudança de mentalidade [...] Mudança de valores, concepções, ideias e, conseqüentemente, de atitudes não é

um ato mecânico. É processo reflexivo, depurativo, de reconstrução, que implica em transformação, e transformar significa conhecer”.

Sobre essa perspectiva Behrens (2013, p. 76) comenta:

A ação docente inovadora precisa contemplar a instrumentalização dos diversos recursos disponíveis, em especial os computadores e a rede de informação. Aos professores e alunos cabe participar de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora que tenha como essência o diálogo e a descoberta com essa nova visão, cabe aos docentes empreenderem projetos que contemplem uma relação dialógica, na qual, ao ensinar, aprendem; e os alunos, ao aprender, possam ensinar (Freire, 1997). Os professores e os alunos passam a ser parceiros solidários que enfrentam desafios a partir das problematizações reais do mundo contemporâneos e demandam ações conjuntas que levam à colaboração, à cooperação e a criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa, crítica e transformadora.

Sobre essa visão de aprendizagem transformadora, não se busca uma forma melhor de transmitir conteúdos, nem se pretende informatizar o processo ensino-aprendizagem, mas o que pretende realmente é a transformação da educação e, isto significa uma mudança de paradigmas, onde possa favorecer a formação de cidadãos críticos, autônomos para construir seu próprio conhecimento. Sobre uma perspectiva disciplinares e as tecnologias da informação e comunicação Sancho *et al.* (p. 73) argumenta:

As novas tecnologias digitais aplicadas à comunicação podem desempenhar um papel fundamental na inovação das funções docentes (e também na criação das novas formas de pesquisa) as tecnologias podem facilitar a “personalização” dos processos de acesso ao conhecimento. Alternativas como o ensino bimodal, também chamado de “blended-learning”, que consiste em combinar o trabalho presencial em aula ou laboratório com o ensino à distância, permitem minimizar as limitações do tempo e espaço que exige o ensino convencional. Trata-se de flexibilizar os processos de aprendizagem aproveitando ao máximo os recursos das tecnologias digitais como a internet.

Embora já seja uma realidade em estudos superiores, essa flexibilização de ensino ainda não é visível no ensino fundamental e médio das escolas brasileiras. Ainda há muito a ser feito principalmente no que diz respeito aos equipamentos da escola, ou do professor. As potencialidades que a informática oferece são diversas, elas já fazem parte do cotidiano dos professores e dos alunos. Sobre isso Sancho *et al.* (p.73) expressa:

As potencialidades educativas das redes informática obrigam a repensar muito seriamente a dimensão individual e coletiva dos processos de ensino e aprendizagem, os ritmos ou tempos de aprendizagem, as novas formas de estruturar a informação para a construção de conhecimento, as tarefas e as capacidades de professores e alunos, etc. as possibilidades de apoiar nesse recurso as práticas educativas

integradoras, de uma perspectiva disciplinar, são evidentes. Mas não podemos esquecer que a tecnologia em si mesma, não significa uma oferta pedagógica como tal. O que acontece é que sua validade educativa se sustenta no uso que os agentes educativos fazem dela.

O que se visualiza é que as tecnologias na educação ou seja, o uso das TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) dentro de sala de aula, como o quadro digital, a caneta digital, notebook, a internet entre outras tecnologias, precisam fazer parte da realidade do aluno na escola. O uso de tecnologias em sala de aula, a preocupação acerca das tecnologias acessíveis aos alunos, como os celulares, MP3, MP4, tablets, que os alunos possuem na palma da mão, e que de certa forma elas já são usadas para distração e entretenimento, mais interessa a eles, do que as aulas com pincel ou quadro branco, visto que, os meios tecnológicos mudam a rotina dos mesmos e são mais atrativas.

Benevenuti, Guimarães, Souza, (2016, p. 151) argumenta:

Com a era digital, em que tudo é visto, curtido e compartilhado em questão de segundos, reforçar os trabalhos com a leitura e criar espaços inovadores de leitura tornou-se uma tarefa ainda mais urgente. É preciso sistematizar informações. Fugir disso é desviar o olhar da realidade, do aluno e de seu papel enquanto educador. É necessário ir além dos muros da escola, isto é, ultrapassar os limites que separam o aluno de sua realidade.

Nesse sentido o desafio para a inclusão das TICs nas escolas é enorme, ela deve ser pensada como uma possibilidade crescente de ensino aprendizagem mediado pelo professor. De certa forma exige do educador adquira simultaneamente habilidades e competências técnicas pedagógicas para tal. Sem dúvida a preparação do educador é fundamental para que a educação possa melhorar como um todo e de um salto de qualidade deixando de ser baseada na transmissão de informação somente. É preciso incorporar aspectos da construção do conhecimento do aluno, usando para isso as tecnologias digitais que estão cada vez mais presente no cotidiano deles.

Com a nova era digital, o educador precisa adaptar suas aulas a essa nova realidade, porque estará competindo com a TV, mídia, Redes Sociais, celulares e uma gama de coisas que influenciam pensamentos e atitudes. Por conta dessa nova forma de se relacionar e se comunicar é necessária uma mudança na forma de ensinar. A utilização de recursos tecnológicos ajuda a estimular a leitura e o pensamento crítico. O uso da tecnologia pode auxiliar nessa questão e transformar as aulas em um ambiente mais dinâmico, fazendo com que os alunos aprendam com mais facilidade.

UNIDADE IV - DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS AOS MÉTODOS DE ENSINO

As tendências pedagógicas

A educação brasileira é marcada por várias tendências pedagógicas que se apresentam tanto em nível de políticas educacionais quanto em nível de estabelecimento de ensino, manifestando-se com maior ou menor intensidade dependendo das intenções educativas e dos agentes envolvidos e no processo histórico. É preciso conhecer as tendências pedagógicas no que se refere à didática, ao conteúdo, ao método, ao professor, e principalmente aos pressupostos epistemológicos que legitima a ação do professor, no momento em que assume uma postura consciente na hora de avaliar e identificar em qual tendência está fundamentada sua prática. Dessa forma é necessário realizar uma revisão sobre as tendências pedagógicas para localizar a avaliação em cada uma delas e, assim refletir sobre a prática dos agentes educativos como educadores e ou conservadores.

As **tendências pedagógicas** são divididas em **Liberais** e **Progressistas**. Elas apresentam subdivisões que necessitam ser abordadas para melhor entendimento nesse contexto.

Tendência liberal

O termo “Liberal” não tem sentido de “avançado”, democrático, “aberto”, como costuma ser usado. A doutrina liberal apresentou como justificativa do sistema capitalista, que ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção. O objetivo da escola nesse contexto é desenvolver a ideologia da ascensão social, em que todos, segundo a doutrina liberal, têm “igualdade de oportunidades”. Uma igualdade que não se faz presente na educação, pois é visível a diferença da educação destinada à classe trabalhadora e à classe burguesa, como afirma Aranha (1996, p.126)

Apesar dos projetos de estender a educação a todos os cidadãos, prevalece a diferença de ensino, ou seja, uma escola para o povo e outra para a burguesia. Essa dualidade era aceita com grande tranquilidade, sem o temor de ferir o preceito de igualdade, tão claro aos ideais revolucionários. Afinal para a doutrina liberal o talento e a capacidade não são iguais, e, portanto, os homens também não são iguais em riqueza.

Essa ideologia leva a população a colaborar com os desmandos do sistema capitalista, onde cada um acaba se conformando com seu lugar na sociedade, e aquele que não consegue, é tido como incapaz.

Na realidade contemporânea o termo “Liberal” ficou conhecido como “neo-liberalismo”, que apresenta várias características com novas estratégias de recomposição do capitalismo que entrou em crise no final do século XX. No plano cultural, a ideologia neo-liberal prega o individualismo a naturalização da exclusão social. No plano educacional a educação deixou de ser um direito e se transforma em serviço, mercadoria, ao mesmo tempo que se acentua o dualismo educacional: diferentes qualidades de educação para ricos e pobres. A pedagogia Liberal sustenta a ideia de que a escola tem a função de “preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais” (LIBANEO, 1990, p. 21).

A história da educação liberal iniciou com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia Renovada (Escola Nova ou Ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar.

Essas tendências estão divididas em Tradicional, Renovada / Escola Nova e Tecnicista.

a) **A Tendência Tradicional:** teve sua origem no século XVI, surgiu como desejo da burguesia, na qual exigia um novo tipo de educação pautada na realidade e no futuro. A educação é influenciada pelo desenvolvimento da psicologia e sociologia e sofre uma mudança na concepção de ensino, o qual passou a se pautar nas “diferenças individuais”. Tem-se como características: a importância que é dada ao ensino de caráter humanista; o uso da disciplina; a ênfase na transmissão de conhecimentos que requerem intelectualismo e memorização. BRANDAO (*apud* PILETTI, 1997, p. 15-17) reporta-se a essa tendência.

O professor agitado gesticula e fala. Ele bem sabe que os alunos pouco entendem o que diz, mas além de estar preocupado apenas com as qualidades expressivas do seu próprio desempenho, descansa sobre o acordo que entre ele e os alunos ninguém proclamou, mas todos observam.[...] no ensino centrado no aluno só se discute o que todos querem e sempre se nivela a fala pelo nível do alcance de uma média [...] Ali os alunos não cumprem mais o papel de fingir que fazem e fingir que dizem um tipo de saber do qual, em realidade, poucos aproveitam alguma coisa.

É claramente visível a transmissão dos padrões, normas e modelos dominantes, onde os conteúdos escolares são separados da realidade social e da capacidade cognitiva dos alunos, e são impostos como verdade absoluta em que apenas o professor tem razão e a sua metodologia é baseada na memorização, o que contribui para uma aprendizagem mecânica, passiva e repetitiva.

b) **Tendência Renovada (Escola Nova):** As transformações na sociedade no século XIX exigiram um novo tipo de educação, baseada na preparação do homem para o presente e futuro de uma sociedade mutável. A pedagogia da Escola Nova é pedocêntrica ou alunocêntrica. Traz em seu discurso a valorização da pessoa humana e de todas as suas potencialidades; liberdade para aprender; supervalorização da ação, manipulação e experimentação para concretização da aprendizagem. O conhecimento em si não é importante, mas a permanente atitude de busca de conhecimento. Adota lemas como: “o importante é aprender a aprender” ou “só se aprende a fazer, fazendo”. Exige-se o “aprender a aprender”. Com base nesse processo de ensino-aprendizagem deve-se superar a memorização dos conteúdos.

A pedagogia da Escola Nova considera o aluno como sujeito da aprendizagem e cabe ao professor colocá-lo como tal, partindo de suas necessidades e estimulando seus interesses, para que possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências. O centro da atividade escolar não é o professor, nem a matéria, é o aluno ativo e investigador. Cabe ao professor incentivar, orientar, organizar as situações de aprendizagem, adequando-as às capacidades e às características individuais dos alunos. Assim é atribuído grande importância aos métodos e técnicas como: trabalho em grupo, atividades cooperativas, estudo individual, pesquisa etc. LOURENÇO FILHO (*apud* PILETTI, 1997, p. 150-151) ilustra bem essa tendência

A Escola Ativa, ao contrário, concebe a aprendizagem como um processo de aquisição individual, segundo condições personalíssimas de cada discípulo. Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhes sejam apresentadas, quer em relação ao ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situação de sentido social e moral, reais ou simbólicas.

Como se percebe a educação escolar assume o propósito de levar o aluno a aprender a construir conhecimento, considerando para isso, as fases do seu desenvolvimento e onde a proposta metodológica tem como característica os experimentos e as pesquisas e onde o professor passa a respeitar e a atender as necessidades individuais dos alunos. É uma tendência perversa uma vez que impõe ao aluno, um ser que está em formação, a culpa do sucesso ou fracasso na aprendizagem.

c) **Tendência Tecnícista:** A pedagogia liberal, após a década de 60, passou a valorizar o uso da técnica. É uma tendência que está interessada na racionalização e objetividade do ensino, no uso dos meios e técnicas mais eficazes, devido a busca de relação com mundo produtivo. Nessa perspectiva a educação tem como papel a promoção do desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários à integração do indivíduo na sociedade. A ênfase na técnica deixa o conteúdo em segundo plano, assim não se cobrava a produção de conteúdo de ensino, pois os conhecimentos estavam prontos e sistematizados no livro didático, apostilas ou manuais de ensino programados, planejados e organizados por especialistas e executados pelo professor. Os métodos de ensino estavam fundamentados em princípios científicos, comportamentais e tecnológicos, que compunham a tecnologia educacional e tinham como principal função o controle das condições para a efetivação do ensino.

Uma das características da pedagogia tecnicista era marcada pela relação professor-aluno, com um caráter extremamente técnico, sem abertura a debates, questionamento e sem relações pessoais afetivas. “As crianças simplesmente não entendem a maior parte das coisas que a escola nos ensina, nem sabem por que devem aprender tais coisas. [...] os exercícios escolares são quase sempre, feitos em forma de problemas que não existem na vida real [...]” (CECON *et al.*, 1996).

O processo ensino aprendizagem nessa tendência era bastante influenciada pela

psicologia behaviorista, que tem como característica a aprendizagem por meio de reforço e de estímulos apresentados aos alunos. A avaliação, nessa pedagogia, é tida como instrumento controlador de respostas, em que o aluno é reforçado positiva ou negativamente.

Enfatiza Libaneo (1995) Se a primeira tarefa do professor é modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais, a principal é conseguir o comportamento adequado pelo controle de ensino; daí a importância da tecnologia educacional. A tecnologia educacional é a aplicação sistemática de princípios científicos comportamentais e tecnológicos a problemas educacionais, em função de resultados efetivos, utilizando uma metodologia e abordagem sistêmica abrangente.

A aplicação da metodologia tecnicista no contexto escolar, não configura uma postura tecnicista do professor, antes, o exercício profissional continua mais para uma postura eclética em torno de princípios pedagógicos, assentados nas pedagogias: tradicional e renovada. A concepção de avaliação está correlacionada às tendências pedagógicas e, como a educação brasileira ainda está ligada à concepção de educação tradicional, não é de se estranhar que o termo “avaliar” esteja associado à expressão como: fazer prova, fazer testes, exames e atribuir notas. Dessa maneira, a avaliação se restringe a medir a quantidade de informações retidas, tornando-se instrumento de seletividade e competitividade.

Nessa concepção de educação, a avaliação é confundida com exames e visa somente classificar o aluno, verificando se este conseguiu memorizar e se é capaz de repetir as ideias nos mesmos moldes que foi ensinado. Esse modelo de avaliação é uma realidade nas escolas brasileiras e, da forma como vem acontecendo, torna-se uma mazela que contamina toda a relação pedagógica, pois condiciona o aluno a buscar somente o necessário para conseguir uma nota, e isso compromete o verdadeiro sentido da educação e impossibilita mudanças na alteração da prática docente.

Segundo Vasconcelos (2001), é uma praga que contamina toda a relação pedagógica. O condicionamento do aluno em função da nota, por exemplo, compromete muitas propostas de alteração da prática de construção de conhecimento em sala de aula. É impressionante o massacre a que o aluno é submetido na escola pela via da avaliação. A principal preocupação recai sobre a questão das notas ou conceitos atribuídos aos alunos,

fato ligado diretamente à aprovação ou reprovação destes, a avaliação torna-se distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem.

Para Luckesi (1994, p. 10)

A relação do professor com a turma também se manifesta na hora da elaboração dos instrumentos avaliativos, pois a disciplina ou a indisciplina será objeto do critério na elaboração dos testes e provas, quanto mais indisciplina mais difícil torna-se a questão. Depois de elaborado o professor, reestuda o seu instrumento de avaliação e, por exemplo, pode julgá-lo muito fácil. Então, decide criar algumas dificuldades e mais, tendo em vista 'pegar os alunos pelo pé'. Ou, então pensa: 'aqueles alunos deram-me tanto trabalho nesta unidade. Vou apertá-los, para que aprendam a ser mais disciplinados'. E assim o professor vai tornando o seu teste mais difícil e, por vezes, até incompreensíveis, devido às artimanhas que inventa para ver 'se os alunos são bons mesmos'.

Nestes termos a avaliação se caracteriza como excludente, pois é utilizada apenas como ferramenta para aprovar ou reprovar, reforçando o lado cruel da escola. Quando esta classifica os mais capazes de prosseguir os estudos na série subsequente, acaba penalizando aqueles que pertencem às classes sociais menos favorecidas, mais distanciada da cultura escolar - que são os mais fracassam.

Tendências pedagógicas progressistas

As tendências Pedagógicas Progressistas necessitam de uma reflexão sobre a ação do educador a fim de superar a prática de avaliação excludente, pontual e classificatória baseadas na análise crítica da realidade social, busca problematizar a realidade, trabalhar as condições sociais. Essa tendência enfatiza a escola como um lugar de socialização do conhecimento, instituída para o desenvolvimento humano integral e da emancipação humana, via apropriação do saber. Buscam romper com o autoritarismo e democratizar as oportunidades educativas para articulá-las com a democratização da sociedade. Englobam em três concepções pedagógicas: Libertadora, Libertaria, e Crítico Social dos Conteúdos.

a) **Tendência Libertadora**: está fundamentada na crítica ao caráter autoritário, magistrocêntrico, dogmático e orientado em regras da Pedagogia Tradicional.

É, portanto contraditória ao exercício do poder e ao uso excessivo de métodos e técnicas de ensino "a educação deve ser realizada em liberdade para a liberdade" (ARANHA, 1996, p.181). Essa pedagogia tem como principal representante o inspirador Paulo

Freire, que defendia uma pedagogia voltada para a transformação social, que não poderia ocorrer de forma sistemática, num sistema capitalista sendo necessário priorizar uma educação extra-escolar.

Os métodos de ensino baseiam-se no diálogo e na não-diretividade, sendo um professor facilitador da aprendizagem do aluno, devendo criar condições para a atuação do aluno rumo ao conhecimento. Desse modo, valorizam-se as comunidades de aprendizagem ou grupos de discussão, autogestores da aprendizagem, tendo o professor como animador. A aprendizagem baseia-se na codificação-decodificação e problematização da situação, permitindo ao aluno empreender o esforço da compreensão da realidade. A relação professor- aluno é horizontal, pautada no diálogo, sendo os dois, sujeitos do ato de conhecer.

b) **Tendência Libertária:** com semelhança à pedagogia Libertadora, é representada pelos anti-autoritários e autogestionários é centrada na ideia de que a escola deve ser um instrumento de conscientização política. Objetiva uma mudança na personalidade do aluno, por meio de seu trabalho educacional livre e autogestionado, no qual o professor é um conselheiro ou instrutor-monitor que orienta os alunos. Defende a ideia de que o individual só se efetiva no coletivo e, portanto propõe atividade de estudo – aprendizagem em grupo, onde debates e pesquisa, buscam-se respostas às necessidades e exigências da vida social. Nesse sentido, os métodos de ensino buscam instrumentalizar os alunos com as orientações necessárias ao processo de construção do conhecimento, cuja meta é o desenvolvimento da autonomia.

c) **A tendência Crítico-social dos Conteúdos:** representada pelo professor Dermeval Saviani, centrada na ideia de que a assimilação dos conteúdos sistematizados e organizados pela humanidade possibilita a igualdade de oportunidades e uma prática social consciente. O principal objetivo é a difusão ou socialização dos conteúdos vivos, concretos, relacionados com realidade social. Valoriza a escola como principal serviço a ser prestado aos interesses populares e à didática, enquanto estudo do processo de ensino em suas relações com a aprendizagem.

A escola deve propiciar a apropriação de conhecimento relacionada à experiên-

cia da vida dos alunos, condição para que sirva aos interesses populares. A educação é, portanto “uma atividade mediadora no seio da prática social” (LIBANEO, 1990, p. 39) os conteúdos de ensino precisam ter significação humana e social. A apropriação destes é promovida por meio da socialização do “[...] conhecimento produzido histórica e socialmente, ou seja, pelo trabalho educativo produz-se intencionalmente nos alunos o que a sociedade produziu coletivamente no decorrer do tempo, a sua herança cultural: a ciência, a artes, a religião, a filosofia, as técnicas etc.” (ARANHA. 1996, p.216).

O objetivo desse processo é conduzir o aluno do saber ou experiência imediata desorganizada ao saber sistematizado, caminho seguido pelo próprio aluno com mediação do professor. Os métodos subordinam-se aos conteúdos e, portanto buscam relacionar ensino aos interesses dos alunos, à sua realidade concreta; histórica, política e social. Podendo ser sintetizados pelo processo da ação à compreensão – da compreensão à ação – até a síntese, esta representativa da união da teoria e prática.

Assim na pedagogia progressista o professor acredita que o aluno constrói o conhecimento se ele agir e problematizar a sua ação. O aluno deve agir (assimilar sobre o material que o professor presume que teria algo de conectividade significativo para ele, respondendo a si mesmo as perturbações(acomodações) provocadas pela assimilação desse novo conhecimento. Dessa forma a sala de aula passa a ser um espaço democrático que ultrapassa o dogmatismo do conteúdo. Não significa que seja um espaço de ausência de regras ou lei de convivência ou que haja um esvaziamento do conteúdo curricular.

Para Becker (1994, p. 94). “O resultado dessa sala de aula é a construção e a descoberta do novo, é a criação de uma atitude de busca e, de coragem que esta busca exige. Essa sala de aula não reproduz o passado pelo passado, mas debruça-se sobre o passado porque ai se encontrou o embrião do futuro.” Dessa forma, a escola está inserida numa sociedade concreta e seu interior reflete as relações e as realidades da ordenação dessa sociedade. Significando que os sujeitos que nela atuam, estão permeados de valores que são apreendidos, formulados e reformulados ao longo do processo de construção do ser humano.

Desse contexto percebe que o processo educacional passa por constante meta-

morfose ao qual seus partícipes buscam dentro de interesses específicos alcançar os objetivos preestabelecidos. Com isso se faz necessário que o conhecimento de noções básicas dentro do desenvolvimento profissional do docente estabeleça uma conexão com o que espera seu público de atuação.

De acordo com Libâneo (1994, p.15-16) é de suma importância que o profissional da educação entenda o ponto gerenciador das tendências pedagógicas e para isso enfatiza que

Consideramos em primeiro lugar, que o processo de ensino – objeto de estudo da Didática – não pode ser tratado como atividade restrita ao espaço de sala de aula. O trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. A ciência que investiga a teoria e prática da educação nos seus vínculos com a prática social global é a Pedagogia. Sendo a Didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é, assim, uma disciplina pedagógica (LIBÂNEO, 1994, p.15-16).

Mediante ao contexto histórico de cada tendência se percebe que as mesmas estão diretamente ligadas aos meios de como serão postas na prática e dessa forma irá produzir um resultado que nem sempre é o que de melhor se pode oferecer ou cobrar do alunado. Também se observa que tais tendências muitas vezes são articuladas dentro do cotidiano sem que o docente necessariamente se utilize de uma única versão na sua prática o que os leva a uma mesclagem de tendências pedagógicas com intuito de alcançar o resultado favorável ao trabalho desenvolvido.

As tendências pedagógicas tendem a mostrar conceitos de como devem ser compreendidos os processos de ensinar e de como esse processo é absorvido ou não por aquele que é o aprendiz. Como são entendidos pelos que são os responsáveis de viabilizar o conhecimento àqueles que estão sedentos por obtê-lo. Assim a pedagogia tem como pressuposto conduzir de que forma pode ser alcançado o que precede os objetivos da arte de ensinar.

De acordo com Maria Lucia de Arruda Aranha (1996, p. 148) por pedagogia se compreende

A necessidade de tornar a prática da educação intencional e mais eficaz traz consigo a exigência de maior rigor conceitual, de sistematização dos conhecimentos, de definição dos fins a serem atingidos e da escolha dos meios a serem utilizados. Assim, surge a pedagogia ou teoria geral da educação.

Mediante ao conjunto de conhecimentos que transmitam sobre o pensar pedagógico se observa que todas as tendências buscam encontrar um meio de se fazer útil ao seu objetivo macro: o de despojar o conhecimento aos que estão sendo algo do processo, mas para isso prima por permear maneiras de se chegar a obtenção do conhecimento por caminhos que nem sempre são unânimes em suas concepções.

O pedagogo e filósofo Dermeval Saviani (1984, p.24) faz uma síntese dessa mesclagem de tendências pedagógicas e enfatiza que

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação inter- pessoal, intersubjetiva - na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção.

No contexto de escola como sendo uma instituição que busca alcançar objetivos preestabelecidos para que sua clientela de alunos possam dar o retorno de aprendizagem realmente satisfatória é de suma importância que seja do conhecimento daqueles que norteiam desse ambiente como pessoas que devem ter consciência do fazer didático e pedagógico de como e devem ser postas na prática as tendências acima supracitadas. Necessariamente o uso de uma não deve sobressair sobre a outra ou tampouco não serem tidas como melhor ou pior que a outra, mas se devem discernir sua essência ao se propor o desenvolvimento de um trabalho.

Os métodos educacionais e sua aplicabilidade em sala de aula

Para que se possam alcançar os objetivos de uma ação é necessário se perceber que se tem um caminho para se chegar aos mesmos. Nas ações escolares não é diferente. Por isso é importante entender o significado da palavra que norteia esse tópico de estudo.

De acordo com a etimologia a palavra método vem do latim, *methodu* < Gr. *méthodos*, que significa caminho para chegar a um fim; conjunto de procedimentos técnicos e científicos; ordem pedagógica na educação; sistema educativo ou conjunto de processos didáticos. Com isso se entende que método também predispõe de um caminho para a conclusão de um objetivo que foi previamente planejado e se tratando da área educacional o método é um meio para que o aluno consiga ter uma aprendizagem satisfatória e eficiente para a vida do mesmo.

No parâmetro educacional os métodos são definidos a partir de duas dimensões: a do professor e a do aluno para isso classificam os métodos em diretos e indiretos. Como exemplo deles destacam-se: O tradicional, o construtivista, o montessoriano, o de Waldort cada um pautando na perspectiva de que o processo está centrado em meios diferenciados para a obtenção do conhecimento e que cada um dentro de sua linha destaca o indivíduo como aquele que deve aprender a significância do saber e para isso enfatizam o uso de diversificadas metodologias para alcançar os resultados esperados.

Assim como nas mais diversificadas atividades desenvolvidas pelo homem são postos objetivos a serem alcançados na educação não é diferente e muitos caminhos se tem para conseguir realizar os objetivos preestabelecidos e para isso se pode destacar alguns desses suportes para que o docente consiga chegar ao sucesso de suas atividades de sala de aula sempre pensando em como tais métodos podem de fato ter aplicabilidade aos objetivos que deseja consolidar.

Para Lacanallo, *et al.* (s.d, p.3) “os métodos de ensino e de aprendizagem não devem ser lidos e compreendidos de maneira superficial, a partir de leituras descontextualizadas e aligeiradas, pois cada método procurou dar conta de promover aos educandos a apropriação do conhecimento necessário a cada momento histórico.”

Como os métodos estão interligados aos conceitos básicos de educação para Saviani

[...] a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social se põe, portanto como ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social em que professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e en-

caminhamento da solução dos problemas postos pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse) (SAVIANI, 2005, p. 263)

Portanto, olhar para os métodos como algo que está desassociado da real necessidade do aluno e de sua realidade é de todo uma perda daquilo que se quer alcançar.

De certa forma este trabalho não se destina a definir o conceito dos mais variados métodos de ensino que são postos em prática no cotidiano de sala de aula, haja vista que afirmá-los como modelos básicos de métodos didático – pedagógicos, ou que são as únicas estratégias que são pertinentes ao trabalho docente é contradizer que atualmente existe “n” possibilidades de buscar os objetivos dos planos de aula e para isso o uso da criatividade é mais um ponto em destaque que se soma aos métodos de ensino que hoje fazem parte da ação docente para atingir os resultados que são foco dos objetivos diários.

Aula expositiva, sequência didática, projetos interdisciplinares, estudo de texto, atividades práticas, estudo dirigido, dramatização, atividades escritas, debate entre outros são corriqueiramente métodos utilizados para explorar assuntos do planejamento pedagógico de qualquer turma ou nível escolar. Nas turmas de 1º ano além dessas pode-se elencar atividades com material concreto, atividades impressas, desenho livre ou dirigido, textos lacunados, caça-palavras, auto-ditados entre outras. A diversidade é grande e de acordo com o objetivo das aulas o docente tende a usá-las nas mais diferentes situações, mas mesmo assim nem sempre os alunos demonstram interesse pelas aulas. Mas, para isso é muito importante que se observe a seguinte questão em torno dessa relação de interação entre prática e intencionalidade dos objetivos, pois:

No entanto, a questão da escolha dos procedimentos apresenta uma outra dimensão com implicações afetivas nem sempre prontamente identificáveis: trata-se da questão da adequação/inadequação da atividade escolhida, em função do objetivo que se tem. É até possível identificar situações de ensino que apresentam objetivos relevantes, porém com atividades inadequadas ou “desmotivadoras” para os alunos. Como exemplo, cita-se o caso do professor tradicional de Língua Portuguesa que propõe a leitura de um bom livro, mas impõe a execução das “terríveis” fichas de leitura, que acabam com toda a motivação inicial dos alunos pelo trabalho. (LEITE; TASSONI, s.d, p.18)

Por isso os meios para de caminhar dentro do contexto escolar é de suma importância para que as teorias educacionais confirmem o princípio que cada uma defende e ao

usá-los para explorar o conhecimento através da mediação favorecerá o domínio do discente ao que o mesmo está sendo desafiado, sem necessariamente ter ser visto como um ser improdutivo, pois é capaz de ser autônomo mesmo sendo uma criança de pouca idade e os meios que o professor usará para alcançar seus objetivos implicará diretamente nesse processo de autonomia. Ou seja o mediar a ação também deve está relacionada com as práticas pedagógicas e sua aplicabilidade em sala de aula.

Ainda de acordo com Leite; Tassoni

entende-se que a Aprendizagem é um processo dinâmico, que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares; ou seja, a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno. Reafirma-se, no entanto, que a qualidade da mediação determina, em grande parte, a qualidade da relação sujeito-objeto. (s.d. p.15)

Então, perante a uma gama de possibilidades que se tem para por em prática os métodos de ensino é importante ressaltar que todo um contexto deve ser levado em consideração, pois para a obtenção de êxito nas realizações das atividades o professor não deve pensar em seu plano de estratégias para a aula como forma única de alcançar o que pretende, mas sim na real funcionalidade que as mesmas terão para os seus alunos, prever como eles poderão conceber em suas mentes aquilo que estão sendo solicitados, perceber que nem sempre o que é válido para um dia terá o mesmo efeito que no outro dia, entender que as crianças passam por mudanças de ideias quase que instantaneamente, que a realidade de um pode ser diferente do outro, que nem sempre aquilo que é atrativo para uns tem o mesmo efeito que em outros. Ou seja, a aplicabilidade dos meios de ensinar tem que está sempre flexível ao que se propõe previamente, e não fechada como se os partícipes das ações não tivessem que fazer parte delas.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

Métodos de investigação

Método observacional

O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos interessantes. “Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais.”(GIL, 2010, p. 16).

Enfoque

Pesquisa quantitativa

Em relação à pesquisa quantitativa, Campoy (2015) afirma que considera como um processo sistemático e ordenado que se segue alguns passos e por sua vez esclarece que a pesquisa em destaque é planejar o trabalho de acordo com um decisões estrutura lógica e estratégia para orientar a obtenção apropriada para os problemas de inquérito proposto respostas.

- Permite controlar variáveis externas.
- A pesquisa é replicável.
- Permite o estudo da relação entre uma variável independente e uma variável dependente.

Nível de investigação

Descritivo

De acordo com Cleber Cristiano Prodanov e Ernani César de Freitas (2013, p. 52) a pesquisa descritiva deve apenas registrar e descrever os fatos observados sem que para isso aconteça a interferência a eles. Também deve descrever as características da população ou do fenômeno pesquisado estabelecendo a relação entre as variáveis. Conta com o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados como o questionário e a observação sistemática. Tem a forma de levantamento.

Variáveis

- Pedagógicas
- Estruturais
- Sociais
- Econômicas

Definição conceitual das variáveis

Pedagógicos:

- As metodologias usadas pelos docentes.
- Os recursos pedagógicos disponibilizados pela instituição escolar.
- As formações dos profissionais que atuam com esses alunos.

Estruturais:

- O tamanho das salas de aula.
- A quantidade de alunos por sala de aula.
- O espaço externo da escola para atividades práticas.

Sociais:

- Relação alunos x professor.
- Fatores familiares dos alunos.
- Cultura histórica das metodologias.

Econômicos

- Poder aquisitivo das famílias dos alunos.
- Recursos financeiros do professor como meio de subsidiar recursos materiais para a prática docente.
- Auxílio da escola quanto a recursos pedagógicos

Definição operacional das variáveis

1. **Pedagógicos:** Compreende-se aos fatores que tramitam o espaço de aprendizagem com todos os seus objetivos e perspectivas de facilitação do processo de ensino e de aprendizagem do aluno em fase ao trabalho docente realizado.
2. **Estruturais:** Possibilita analisar a importância do espaço escolar e sua influência no desenvolvimento das atividades escolares.
3. **Sociais:** Permeia através de como acontece às relações sociais entre os envolvidos, bem como os fatores históricos das metodologias podem influenciar na prática de sala de aula e como os agentes reagem perante essa troca de afinidades.
4. **Econômicos:** Procura descobrir de que forma os aspectos econômicos deixam marcas na educação ora daqueles que são os principais receptores da ação, e também como daqueles que mediam a ação educativa e pedagógica.

Campo de ação

População e amostra

Considera-se como população deste trabalho de pesquisa professores, pais e alunos das três turmas de I Ciclo do Ensino Fundamental das turmas de 1º ano da Escola Estadual Governador Amazonino Mendes, Nhamundá – AM, Brasil, sendo assim distribuídos:

- 48 pais de alunos que estão frequentando as turmas de 1º ano do I Ciclo da referida escola.
- 03 professoras que ministram aulas para as turmas de 1º ano do I Ciclo.
- 27 alunos (amostral) que frequentam as turmas de 1º ano matutino e vespertino.
- 02 pedagogos que respondem pelo turno matutino e vespertino da escola.

Tipos de amostra

Amostras probabilísticas (causais):

- Fazem parte desta amostragem pais, professores, pedagogos e alunos que pré- dispuseram a contribuir para a pesquisa.

Amostra Intencional (não aleatória)

- Foram escolhidos 27 alunos para representar a população discente das turmas. Pois a amostragem para rendimentos intencionais são selecionadas por conveniência para os critérios e objetivos do investigado.

Técnicas para obtenção de dados

Foi aplicada a população deste trabalho:

- Observação direta;

- Questionários de perguntas fechadas de múltipla escolha: aos pais, professores e pedagogos;
- Entrevistas: aos alunos de 1º ano do I Ciclo das turmas observadas.

Técnicas para análise de dados

Tabelas

Um dos instrumentos que auxiliam a mensuração dos dados obtidos em todo trabalho que precisa constatar uma informação é a tabela e este trabalho usará tal subsidio como forma de corroborar as informações nele contidos.

Gráficos

Para análise dos dados foram feitas as tabulações a partir dos resultados às questões aplicadas nos questionários e transformadas em gráficos através do uso do programa Microsoft Office Excel@ 2007.

Instrumentos para recebimento de dados

- **Questionários para professores** sobre as tópicos relacionados a sua prática profissional como: sua metodologia, expectativas, formação, fatores internos e externos ao espaço de sala de aula e opinião sobre a participação da família.
- **Questionário para os pais** com ênfase nos fatores sociais, econômicos, culturais, midiáticos que possam está relacionado ao desenvolvimento cognitivo de sua criança.
- **Questionário aos pedagogos** com perguntas abertas acerca de sua visão dos procedimentos adotados para completar o fazer pedagógico dos professores e como os métodos utilizados podem inferir no processo de ensino e aprendizagem.
- **Entrevista com alunos** para facilitar a compreensão de como os alunos perce-

bem as atividades do cotidiano e de como os mesmos podem participar dessas atividades.

Validação dos instrumentos

Como forma de fazer a validação dos instrumentos de coleta de dados foi a análise das respostas obtidas nos questionários direcionados aos professores, aos pedagogos, aos pais e a entrevista com os alunos das três turmas do 1º ano do I Ciclo.

Procedimentos para recebimento de dados

A forma pela qual se procedeu ao recebimento dos dados foi através da entrega de questionários aos participantes que puderam responder aos questionamentos de maneira anônima.

Entrevista com uma amostra de alunos das turmas de 1º ano na qual cada criança respondia de acordo com seu entendimento ao que lhe foi solicitado.

Tempo para recebimento de dados

Os dados foram obtidos no decorrer do primeiro trimestre do ano de 2017.

Considerações éticas

De acordo com a ética profissional e acadêmica este trabalho teve em seus participantes a espontaneidade sendo assegurado aos mesmos o comprometimento de confiança mediante aos questionamentos realizados e que os dados obtidos só serão utilizados para questões de estudos da pesquisa desenvolvida.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Analise dos resultados

Perante o trabalho de pesquisa realizado na Escola Estadual Gov. Amazonino Mendes, com as turmas de 1º ano do I Ciclo do Ensino Fundamental dentro dos aspectos educacionais, sociais, econômicos, profissionais pode-se pontuar de acordo com as respostas aos questionamentos direcionados aos pais, aos professores, pedagogos e alunos bem como a observação que cada variável em análise pode enfatizar no decorrer da ação executada.

Questionário aos pais

Mediante ao questionário direcionado aos pais foram distribuídos a 56 pais, com o retorno de 48 questionários aos quais aqui se apresenta em forma de gráfico as devidas respostas.

Tabela 1 - Pergunta nº 1. Quantas pessoas moram em sua casa?

Respostas	Quantidade	Frequência
2 a 4 pessoas	20	42%
5 a 7 pessoas	09	40%
8 a mais pessoas	09	18%

Fonte: Elaboração própria

Referente à estrutura familiar pode concluir que de acordo com o apresentado as famílias na sua maioria são constituídas de duas a sete pessoas. Esse quantitativo de 42% mostra que o número de pessoas do quadro familiar ainda é elevado em relação à atual estrutura familiar em que o número de pessoas vem baixando consideravelmente de acordo com IBGE (2017)

Nas duas últimas décadas houve uma queda substancial do tamanho da família. O tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões: de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001. O número médio de filhos por família é de 1,6 filhos.

Com essa realidade local muitos país destacam que devido o número de membros da família a dificuldade de fazer um acompanhamento mais individualizado junto aos pe-

quenos e que isso também acarreta outras dificuldades no lar dessas crianças.

Tabela 2 - Pergunta nº 2. Sua escolaridade formal é?

Respostas	Quantidade	Frequência
Nunca frequentou escola regular.	04	8%
Ensino fundamental incompleto	10	21%
Ensino fundamental completo	12	25%
Ensino médio completo	17	35%
Ensino superior incompleto	02	5%
Ensino superior completo	03	6%

Fonte: Elaboração própria

A educação formal dos pais dos alunos envolvidos neste trabalho mostrou que a ocorrência de não conclusão dos cursos básicos da escolarização entre os responsáveis é um sinal de alerta, pois se percebe que 8% dos entrevistados nunca frequentou a escola. Observa-se também que a pesquisa mostra 21% dos pais não concluíram o ensino fundamental. O ensino fundamental completo equivale a 25% dos entrevistados. O nível médio completo evidencia 35% dos pais e o incompleto a 5%. Somente 6% dos pais afirmaram ter concluído o ensino superior.

Tabela 3 - Pergunta nº 3. A renda familiar dos membros que contribuem para o orçamento mensal de sua família é?

Respostas	Quantidade	Frequência
Menor que um salário mínimo.	27	57%
Igual a um salário mínimo.	15	31%
Igual a dois salários mínimos.	04	8%
Maior ou igual a três salários mínimos.	02	4%

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que a renda familiar dos entrevistados tem em sua prevalência valores menores que um salário mínimo. O que reforça o baixo poder aquisitivo dos pais de alunos deste educandário. Uma parcela dos entrevistados mostrou que a renda familiar é igual a um salário mínimo.

Tabela 4 - Pergunta nº 4. Com que frequência o (a) senhor (a) participa das atividades desenvolvidas na escola em que sua criança estuda (reuniões, palestras, comemorações, apresentações didático-pedagógicas?)

Respostas	Quantidade	Frequência
Nunca	0	0%
Às vezes	14	28%
Sempre	34	72%

Fonte: Elaboração própria

Ressaltar a importância da participação da família nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar é uma das máximas que permeiam o trabalho escolar e de acordo com o demonstrativo da enquete em questão obteve-se um percentual bem elevado, 72% de pais que se dizem assíduos às programações realizadas no educandário.

Lopes (s/d, p.4) comenta que:

É importante que os pais ou responsáveis pelas crianças demonstrem interesse em tudo no que diz respeito à escola do filho, para que ele perceba que estudar é algo prazeroso e indispensável para a vida. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve se proceder da maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, participando ativamente das atividades da escola. Essa interação só tem a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança.

Assim, se lembra que os espaços familiar e escolar devem ser uma via de mão dupla na qual se permeia a solução para a educação dos pequenos.

Tabela 5 - Pergunta nº 5. O (a) senhor (a) considera importante que sejam repassadas atividades domiciliares como complemento das atividades escolares?

Respostas	Quantidade	Frequência
Não faz diferença.	03	6%
Às vezes contribuem.	19	40%
Ajudam bastante.	26	54%

Fonte: Elaboração própria

“É uma questão afetiva, os filhos se sentem amados quando os pais valorizam suas ações e seus trabalhos” (PARO, 2000, p. 34). Dessa forma a resposta dos entrevistados quanto a importância das atividades domiciliares destacam que as mesmas ajudam bastante (54%), já aqueles que dizem que às vezes as mesmas atividades são tidas como meio de ajudar aos alunos somam o total de 40% e ainda aqueles que destacam que não faz diferença o repasse das atividades domiciliares (6%), pois as mesmas não modificam o desenvolvimento das crianças tanto na escola quanto no espaço de convivência familiar.

Tabela 6 - Pergunta nº 6. Em sua casa que pessoa costuma acompanhar as atividades escolares de sua criança?

Respostas	Quantidade	Frequência
Pai	08	18%
Mãe	20	42%
Avós	12	24%
Irmãos	06	12%
Outros (babá, secretaria doméstica, etc.)	02	4%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com Romanelli (2005, p. 77) “Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundam em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades enfrentadas pelas famílias”.

Com isso percebe-se que a figura da mãe em percentual 42% dos entrevistados assume não somente como orientadora na base da família, a mesma passa a se destacar no mercado de trabalho, mas acima de tudo é ela que se faz presente na vida escolar de seus filhos.

Também vale ressaltar neste contexto escolar a presença dos avós se destaca em 24% como membros coadjuvantes na criação e educação informal das crianças das turmas em observação, haja vista que sua presença como responsáveis pelos alunos do educandário é uma constante. Os pais representam 18% daqueles que acompanham as atividades domiciliares dos alunos deste educandário. Os irmãos se destacam em 12% e outras pessoas como babá representam 4% dos entrevistados.

Tabela 7 - Pergunta nº 7. Qual o meio de comunicação mais utilizado em sua casa?

Respostas	Quantidade	Frequência
Televisão	11	43%
Rádio	5	10%
Celular	32	47%

Fonte: Elaboração própria

Dentro do ambiente familiar pode enfatizar que a presença dos meios de comunicação faz com que o acesso aos mesmos aconteça com maior facilidade para todos, mesmo assim percebe-se que a televisão e o celular estão como os mais usados no ambiente fami-

liar. O uso desses objetos como meio educacional pode ter grande efeito sobre a vida dos alunos. De acordo com o pensamento de Lolla, Martinelli, Pasquim (2000, p.14)

A televisão é relevante para a transmissão de informações, na educação dos indivíduos. Mas obviamente, sozinha ela não é capaz de educar qualquer indivíduo, pois para que a TV possa exercer uma ação educativa, precisará apoiar-se num plano pedagógico e cultural. Ou seja, a ação educativa da televisão será eficaz quando for acompanhada por um apoio externo, que lhe trará orientações importantes, de caráter didático e social.

Um olhar deve ser bem evidenciado quanto ao uso dos meios tecnológicos tanto em casa quanto na escola: os mesmos estão evidentes na vida das crianças e dos adultos e desconsiderar essa informação é como tapar o sol com peneira. Então, associar seu uso as práticas docentes com certeza será de grande valia ao processo educacional.

Tabela 8 - Pergunta nº 8. Qual o tempo que criança pode ficar assistindo televisão durante o dia?

Respostas	Quantidade	Frequência
De 1 a 2 horas	24	50%
De 3 a 4 horas	18	37%
Não assistem televisão	6	13%

Fonte: Elaboração própria

Como observado na resposta anterior o uso da televisão no ambiente familiar é uma realidade que permite destacar que os alunos ficam em uso desse instrumento de uma a duas em percentual de 50%, e de duas a quatro horas (37%) diárias de programação diversificada.

Se observa que 13% dos pais afirmaram que suas crianças não tem acesso ou assistem a programação das televisões.

Não se pode afirmar que tal prática é de todo uma ação errada ou acertada, mas que deve ser refletida por todos que se fazem presentes nesse momento de desconcentração das crianças, principalmente tendo um acompanhamento das programações que são preferidas pelos pequenos e o conteúdo que são repassados pelas retransmissoras de TV.

Tabela 9 - Pergunta nº 9. Sua criança tem acesso a celular, tablet ou similares?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim	7	31%
Não	25	52%
Às vezes	16	17%

Fonte: Elaboração própria

A pesquisa mostra que a maioria dos entrevistados, 52%, responderam que sua criança não tem acesso ao celular, tablet ou aparelhos similares devido ao fator idade e ao poder aquisitivo dos mesmos. Também se percebeu que 31% disseram que suas crianças têm contato com esses recursos tecnológicos e 17% destacam que às vezes os pequenos fazem o manuseio de tais equipamentos.

O que permite se refletir de acordo com Viana (2004, p. 11-12) que tais meios podem a partir

Vivencia uma realidade em que as crianças nascem e crescem manuseando as tecnologias que estão ao seu alcance. (...) A era da informação é fruto do avanço das novas tecnologias que estocam, de forma prática, o conhecimento e gigantescos volumes de informações. (...) Estas novas tecnologias permitem-nos acessar não apenas conhecimentos transmitidos por palavras, mas também por imagens, sons, vídeos, dentre outros.

Tabela 10 - Pergunta nº 10. Mediante ao que o (a) senhor (a) pode observar durante o acompanhamento de sua criança no ambiente escolar como você classificaria as atividades desenvolvidas pelo professor em sua sala de aula?

Respostas	Quantidade	Frequência
Regular	6	12%
Péssimo	0	0%
Bom	19	40%
Ótimo	23	48%

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar essa resposta pauta-se que os pais dos alunos consideram ótimas as atividades desenvolvidas pelas professoras dentro do ambiente escolar sendo que o percentual de bom demonstra que quarenta por cento dos entrevistados consideram bom as referidas atividades. O que se faz necessário entender que a opinião em relação ao trabalho desenvolvido quanto ao aspecto regular deve ser considerado como alerta para a prática docente.

O que se faz pensar de acordo com Brito e Costa (2010, p. 500), “[...] professores,

por meio das práticas pedagógicas, podem influenciar significativamente a trajetória escolar dos alunos, contribuindo para o sucesso escolar, especialmente daqueles com maiores dificuldades educacionais.”

Tabela 11 - Pergunta nº 11. Como você avalia o espaço da sala de aula enquanto aos recursos utilizados (cartazes, jogos, textos de apoio, outros materiais) pelo professor para contribuir no processo de ensino e de aprendizagem de sua criança?

Respostas	Quantidade	Frequência
Bom	15	31%
Pode melhorar	27	57%
Ruim	6	12%

Fonte: Elaboração própria

Salientando o resultado desta questão observa-se que em relação ao ambiente físico da sala de aula, os entrevistados destacaram na sua maioria que o mesmo pode melhorar quanto aos materiais disponíveis na sala de aula. Trinta e um por cento acham que o espaço é bom. Percebe-se que a observação dos pais com o ambiente de sala de aula é uma forma de fazer com que se possa melhorar o espaço alfabetizador.

Dessa forma Silva, Giordani, Menotti (s/d, p.12-13) enfatizam que

Os materiais didáticos, utilizados em aula, possuem a função de mediação, de forma que facilitem as crianças a construção dos conhecimentos escolares. A sua relevância tem sido muito discutida, uma vez que nesta pesquisa sobre os mesmos, chegou-se a conclusão que eles são muito considerados pelos docentes, porque facilitam de forma agradável o desenvolvimento do conhecimento infantil.

Tabela 12 - Pergunta nº 12. O (A) senhor (a) costuma fazer leitura para sua criança no ambiente familiar?

Respostas	Quantidade	Frequência
Nunca	0	0%
Às vezes	32	67%
Sempre	16	33%

Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre a prática da leitura para os pequenos no ambiente familiar os entrevistados demonstraram que 67% às vezes fazem uso desta prática no ambiente familiar, 33% enfatizaram sempre põem em prática atividades de leitura para os seus filhos. Tal realidade pode acarretar o distanciamento o hábito da leitura entre os pequenos.

Não há livros, não há métodos artificiais que possam substituir a educação em família. A melhor história, o quadro mais emocionante visto num livro é para a criança como a visão de um sonho sem vínculos, sem seguimento, sem verdade interior. Pelo contrário, o que se passa em casa, sob os olhos da criança, liga-se naturalmente, no seu espírito, a mil outras imagens precedentes, pertencendo à mesma ordem de idéias e, portanto, têm para ela uma verdade interior. (FREINET, 1974, p. 14)

No pensamento acima o pedagogo afirma que a família é o modelo a ser seguido pelas crianças que dela fazem parte, por isso as mesmas estão atentas aos acontecimentos que fazem parte daquele grupo de convívio. Dessa forma, cabe também a este grupo desempenhar também esse papel de articuladora do prazer ao ato de ler entre os pequenos.

Tabela 13 - Pergunta nº 13. Na sua casa tem material disponível (livros, revistas, material de áudio e vídeo, entre outros) que possa contribuir para o ato de leitura e despertar o aprendizado de sua criança?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim, poucos.	30	63%
Sim, diversos.	15	31%
Não	3	6%

Fonte: Elaboração própria

Outra informação que se obteve através deste material de pesquisa é que os entrevistados afirmam que em suas residências existem poucos materiais de apoio ao desempenho dos alunos como livros, revistas, material de áudio e vídeo, entre outros, o que se observa em sessenta e três dos entrevistados, já uma parcela considerada (trinta e um por cento) afirma que dispõe de poucos desses materiais. Para Parolim (2003, p. 99) corrobora afirmando que

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Com isso relembra-se que cada instituição tem objetivos a serem alcançados, que cada uma segue caminhos diferentes para alcançá-los, mas que cada uma deve auxiliar a outra para que juntas possam chegar ao objetivo comum de ambas, que é de preparar o indivíduo para a sociedade em que o mesmo convive.

Questionário 2 – Professores

Aos professores foi realizada aplicação de questionários. Os docentes que responderam aos questionamentos foram em número de três profissionais. Os mesmos demonstraram interesse em contribuir com o trabalho em desenvolvimento. Com isso pode-se analisar suas respostas de acordo com o exposto nas perguntas e nos gráficos abaixo.

Tabela 14 - Perguntas nº 1. Quantos anos você atua como professor de turma de 1º ano?

Respostas	Quantidade	Frequência
Entre 1 a 3 anos	1	33%
Entre 4 a 7 anos	2	67%
Entre 8 a 10 anos	0	0%
Mais de 10 anos.	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Ao serem perguntadas sobre o tempo de docência em turmas de 1º ano as professoras afirmaram já terem trabalhado nessas turmas sendo 67% no período de um a três anos de atuação com alunos dessa fase escolar e 33% respondeu que já atua com alunos do 1º ano entre quatro a sete anos desenvolvendo atividades com alunos desse nível de ensino.

Tabela 15 - Pergunta nº 2. Você já atuou como professor em outras séries/ anos de ensino do nível fundamental básico?

Respostas	Quantidade	Frequência
Não	0	0%
Sim	3	100%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com as entrevistadas a área de atuação das mesmas, com 100% das respostas perpassa pelo trabalho docente nas turmas séries/anos do ensino fundamental que correspondem aos anos iniciais do I e II Ciclo em seus respectivos anos escolares que correspondem às turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental da educação básica.

Essas afirmações fomentam que muitas vezes os docentes não estão atrelados unicamente a uma turma de ensino, mas que os mesmos permeiam por turmas de diferentes níveis de ensino.

A formação inicial e continuada do professor é o primeiro passo para vencer os desafios da educação contemporânea e deve ser vista como uma necessidade de mudança do paradigma de ensino, de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências e competências que atendam as necessidades dos alunos levando em conta as mudanças aceleradas da sociedade em que este está inserido, com a finalidade de o levar a aprender, a adquirir competências, a aprender a aprender. (Prado, *et al.* s/d. p. 10)

Tabela 16 - Perguntas nº 3 e 4. Em relação ao acompanhamento pedagógico desenvolvido em sua escola qual é o seu nível de satisfação? Você entende que o acompanhamento pedagógico pode influenciar no desenvolvimento de sua ação docente?

Respostas – Pergunta 3	Quantidade	Frequência
Bom	1	33%
Regular	2	67%
Ótimo	0	0%
Inexistente	0	0%
Respostas – Pergunta 4		
Não	0	0%
Sim	3	100%

Fonte: Elaboração própria

Quando questionadas sobre o nível de satisfação em relação ao acompanhamento pedagógico realizado pelos pedagogos da escola na rotina das atividades diárias, as professoras enfatizaram em 67% ser um acompanhamento razoável e 33% classificaram como ótimo o acompanhamento dos profissionais que servem como apoio a prática docente. Tal percentual acena para que haja melhorias nesse processo de auxílio a prática docente, pois de acordo com Libâneo (2002, p.67), “a docência subordina-se à pedagogia, uma vez que o ensino é um tipo de prática educativa, vale dizer, uma modalidade do trabalho pedagógico”. Assim o trabalho docente e o trabalho pedagógico devem caminhar junto em busca de objetivos comuns.

Ao serem questionadas sobre a importância da participação profissional dos pedagogos mediante ao acompanhamento que os mesmos podem desenvolver juntamente com o trabalho docente as entrevistadas foram unânimes (100%) em enfatizar que é uma ação de grande relevância para o acompanhamento e desenvolvimento das ações escolares.

O pedagógico e o docente são termos inter-relacionados, mas conceitualmente distintos. Portanto, reduzir a ação pedagógica à docência é produzir um reducionismo conceitual, um estreitamento do conceito de Pedagogia. A não ser que os defensores da identificação pedagogia-docência entendam o termo Pedagogia como metodologia, isto é, como procedimentos de ensino, prática do ensino, que é o entendimento vulgarizado de Pedagogia. Mas pensar assim significa desconhecer os conceitos mais elementares da teoria educacional. A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência. (LIBÂNEO e PIMENTA, 2002, p. 30)

Tabela 17 - Pergunta nº 5. Com que frequência você participa de atividades de formação profissional?

Respostas	Quantidade	Frequência
Bimestralmente	1	33%
Ocasionalmente	2	67%
Anualmente	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Ao questionamento sobre o processo de formação continuada as docentes entrevistadas enfatizaram que sua participação nas mesmas acontece bimestralmente 33% quando por ocasião dos encontros bimestrais e 67% destacou que as mesmas participam ocasionalmente por ocorrência de cursos de formação promovidos pela instituição mantenedora da escola, a SEDUC-AM. O que se percebe é que o encontro bimestral para realização do planejamento das ações a serem realizadas tem sido visto como momentos de capacitação profissional.

Com isso só se evidencia que ainda se precisa ter um processo mais comprometido com a capacitação continua, pois a mesma é um verdadeiro desafio na vida profissional, haja vista que nem sempre o profissional dispõe de tempo para realizar atividades de formação continua.

Tabela 18 - Pergunta nº 6. Você costuma ler artigos, livros, revistas especializadas sobre conteúdos relacionados ao seu trabalho docente?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sempre	1	33%
Às vezes	2	67%
Nunca	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao hábito das docentes sobre o ato de ler assuntos relacionados à práti-

ca docente foi afirmado pelas entrevistadas que o uso de tais recursos acontece na maioria das vezes (67%) e sempre em uma base de 33% para a leitura de materiais que destacam assuntos relacionados a prática docente.

Tabela 19 - Pergunta nº 7. Em sua opinião mediante aos métodos de ensino usados em sua turma os mesmos tem alcançados os objetivos preestabelecidos?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sempre	2	67%
Às vezes	1	33%
Muito difícil	0	0%
Nunca	0	0%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a exposição dos dados obtidos em relação ao questionamento sobre o alcance dos objetivos preestabelecidos das atividades realizadas na sala de aula destaca-se que a maioria das entrevistadas mencionou em 67% que os objetivos das atividades logram êxito em torno do que se espera para o pleno desenvolvimento das referidas atividades. E 33% enfatizam que na maioria das vezes os referidos objetivos não são plenamente concretizados. De acordo com Moura (2001, p.155):

Fazer da sala de aula o lugar de aprendizagem natural do sujeito é estabelecer como objetivo da escola criação de um ambiente onde se partilha e constrói significados. A decorrência de se aceitar esta afirmação como verdadeira é que aos que fazem a escola, cabe o planejamento de atividades de ensino mediante as quais, professores e alunos possam ampliar, modificar e construir significados.

Tabela 20 - Pergunta nº 8. Qual seu grau de satisfação com sua profissão?

Respostas	Quantidade	Frequência
Satisfeito	1	33,33%
Em partes	1	33,33%
Insatisfeito	1	33,33%

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar o índice de satisfação das professoras entrevistadas se equilibra em torno de 33% para satisfeito como em partes e insatisfeito. Sendo assim se percebe que as mesmas divergem em relação ao nível de satisfação em torno da profissão que exercem. De acordo com Alcindo Ferreira Prado (s/d. p. 6) esse pensar pode estar relacionado que

Esse caminho aparenta ser excessivamente tortuoso, se não for considerada que a

ação profissional do docente está condicionada por uma série de outros fatores e inserida num processo muito mais amplo que o seu espaço / tempo de atuação. Vale evidenciar a não pretensão de ignorar os problemas advindos das dificuldades na interação social com os grupos onde trabalha, a insatisfação com as condições de trabalho, a desvalorização social, sentimentos de insegurança em relação à sua integridade física afetam diretamente o trabalho do professor. Contudo, tais aspectos não podem ser os únicos indicadores na análise de uma suposta crise de identidade profissional do professor. Crenças, valores éticos e morais, representações construídas / reconstruídas sobre ser professor são outros indicadores.

Tabela 21 - Pergunta nº 9. O fator econômico das famílias de seus alunos pode influenciar no desempenho dos mesmos no ambiente escolar?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim	1	33,33%
Em partes	1	33,33%
Não	1	33,33%

Fonte: Elaboração própria

Na opinião das entrevistadas o fator econômico pode de certa forma influenciar o nível de aprendizado dos alunos como mostra o percentual de 33% das respostas obtidas. A referida enquete também enfatiza que 33% das entrevistadas dizem o fator econômico em partes pode ter influencia no aprendizado dos discentes e também 33% destacam que o referido fator não tem relevância no aprendizado dos alunos.

Tabela 22 - Pergunta nº 10. Ao que você poderia atribuir à possível falta de obtenção do conhecimento do aluno em relação aos meios de ensino usados durante a aula?

Respostas	Quantidade		
	Professora A	Professora B	Professora C
Interesse do aluno	1	1	
Infrequência escolar		1	
Fatores relacionados à saúde			1
Fatores sociais	1		1

Fonte: Elaboração própria

Mediante a consulta as professoras sobre os fatores internos e ou externos que possam interferir na aprendizagem dos alunos sendo que para isso cada entrevistada destacou dois eventuais fatores que na concepção das mesmas podem de alguma maneira

prejudicar o pleno desenvolvimento dando aos mesmos o percentual de importância para cada um desses fatores de acordo com a visão que as educadoras enfatizam para a temática. Assim se percebe que o interesse do aluno tomou um maior destaque entre as entrevistadas, pois as professoras A e B acenam para 75% em relação a esse fator, já as professoras A (25%) e C (50%) destacam os fatores sociais como índice para o déficit na aprendizagem. A professora B opinou que 25% estão relacionados à infrequência do aluno à escola, já a docente C (50%) enfatizou os problemas de saúde como sendo um fator que apresenta consequência no aprendizado dos alunos de 1º ano desta escola.

Tabela 23 - Pergunta nº 11. Quanto aos materiais de apoio pedagógico para o desenvolvimento das atividades práticas em sala de aula como você atribui à participação da escola como fornecedora desses materiais?

Respostas	Quantidade	Frequência
A escola não tem esse material	0	0%
Não conheço o material disponível	1	33%
A escola não oferece tempo para explorar esses recursos	2	67%

Fonte: Elaboração própria

O que se percebe em relação aos materiais didáticos que a escola disponibiliza para a utilização dos mesmos em salas de aula pelos docentes é que os mesmos não disponibilizam de tempo para o conhecimento prévio dos materiais 67% e assim os docentes que não tiveram o contato prévio com o material que a escola oferece totaliza em 33%. O que se percebe que o fator tempo é o agravante para o não conhecimento do que a escola disponibiliza o que inviabiliza o manuseio desses recursos.

Tabela 24 - Pergunta nº 12. Você utiliza materiais concretos para facilitar a compreensão dos alunos sobre os assuntos abordados em sua sala de aula.

Respostas	Quantidade	Frequência
Sempre	2	67%
Às vezes	1	33%
Muito difícil	0	0%
Nunca	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Perante o questionamento acima se observa que o uso de materiais concretos utilizados em sala de aula representa de acordo com as entrevistadas 33% como sendo uma ação que sempre é posta em prática. 67% declararam que às vezes o uso de materiais concretos se faz presente nas atividades de sala de aula. Com isso se observa que existe

uma lacuna quanto à utilização de recursos concretos que possam auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem, pois bem se sabe que “criança aprende brincando” e a exposição de recursos pedagógicos destinados ao apoio em sala de aula concretiza a máxima que teoria seja acompanhada de prática.

Tabela 25 - Pergunta nº 13. Seus alunos demonstram interesse pelas atividades que são desenvolvidas dentro do seu planejamento de aula?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sempre, todos os alunos.	0	0%
Às vezes, a maioria dos alunos	2	67%
Muito difícil bem pouco demonstra interesse.	0	0%
Nem todos os alunos	1	33%

Fonte: Elaboração própria

Mediante resposta das entrevistadas às vezes a maioria dos alunos das turmas de 1º ano demonstram interesse às atividades desenvolvidas em sala de aula, essa afirmativa consta em percentual de 67% para as entrevistadas e de 33% na opinião das professoras constam de que nem todos participam ou enfatizam interesse pelo que é desenvolvido no âmbito escolar. De acordo com Gil (2011) a motivação dos alunos é um fator de suma relevância para a consolidação da aprendizagem e isso se dá em ação de reciprocidade entre os envolvidos.

Tabela 26 - Pergunta nº 14. Em sua opinião os recursos tecnológicos podem influenciar o interesse dos alunos em sala de aula?

Respostas	Quantidade
Sempre	1
Às vezes	2
Muito difícil	0
Nunca	0

Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionadas sobre se o uso dos recursos tecnológicos pode influenciar na aprendizagem dos discentes as professoras entrevistadas afirmaram em um percentual de 67% que às vezes o uso desses recursos pode ajudar no desempenho dos alunos, já 33% das entrevistadas enfatizam que sempre esse uso ajudará a despertar o interesse e o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Kenski (1998, p. 59)

As tecnologias em todos os tempos, alteraram as formas de retentiva e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam suas memórias humanas, seus conhecimentos. Na atualidade, as novas tecnologias de comunicação não apenas alteram as formas de armazenamento e acesso das memórias humanas como, também mudam o próprio sentido do que é memória. Através de imagens, sons e movimentos apresentados virtualmente em filmes, vídeos e demais equipamentos eletrônicos de comunicação, é possível a fixação de imagens, o armazenamento de vivências, sentimentos, aprendizagens e lembranças que não necessariamente foram vivenciadas in loco pelos seus espectadores.

Tabela 27 - Pergunta nº 15. Que método de ensino ou tendência pedagógica você costuma por em prática na sua ação docente?

Respostas	Quantidade	Frequência
Tradicional	2	67%
Escola Nova	0	0%
Pedagogia Libertadora	0	0%
Pedagogia Tecnicista	0	0%
Construtivista	1	33%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com as professoras 67% dizem que se utilizam da pedagogia tradicional como base para desenvolver o trabalho com os alunos da turma. O que preconiza Aranha (1996), que o conhecimento não está, então, no sujeito, como queriam os inatistas, nem no objeto, como diziam os empiristas, mas resulta da interação entre ambos. 33% destaca que faz uso da tendência/método construtivista,

Tabela 28 - Pergunta nº 16. Você utiliza recursos financeiros próprios com intuito de contribuir no desenvolvimento de sua ação docente?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sempre	2	67%
Às vezes	1	33%
Não	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Questionadas sobre os recursos que contribuem para o custeio do desenvolvimento das ações de sala de aula, as docentes destacam que sempre (67%) das entrevistadas utilizam recursos próprios para ajudar na manutenção das ações que desenvolvem e assim contribuir para a concretização do aprendizado dos seus alunos, enquanto 33% das professoras dizem que às vezes utilizam tais proventos para as ações que envolvam recursos financeiros.

Entrevista pedagogos

Tabela 29 - Pergunta nº 1. Quanto tempo você atua como coordenador pedagógico?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
4 anos	1 ano

Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados quanto ao tempo de atuação como profissionais em pedagogia com atuação específica em coordenação pedagógica os entrevistados afirmaram já ter experiência de 4 anos o pedagogo A e apenas 1 ano o pedagogo B.

De acordo com Brabo; Cordeiro; Milanez (2012, p.24) a formação na área da pedagogia vai encaminhar o futuro profissional ao desempenho de determinadas funções dentro trabalho por ele a ser realizado, dessa forma o coordenador pedagógico precisa conhecer e articular ações que possam contribuir para o desenvolvimento dos objetivos e atividades a serem realizadas na escola partindo dos mecanismos norteadores da instituição como o projeto político-pedagógico e proporcionando a interação entre fatores e agentes como: ensino e aprendizagem, métodos e professores, professores e alunos, alunos e alunos, bem como manter-se atualizado em seus conhecimentos para assim contribuir para com o trabalho de todos que partilharam de suas orientações.

Tabela 30 - Pergunta nº 2. Os fatores sociais, como família, economia, grau de escolaridade dos pais ou responsáveis pode influenciar na vida escolar dos alunos desta escola?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Sim	Não

Fonte: Elaboração própria

Perante a resposta do entrevistado Pedagogo A se obteve a seguinte afirmação do mesmo:

R: Sim. Na verdade esses fatores influenciam muito porque se o aluno tem todo esse suporte positivo a favor da sua educação vai apresentar um excelente desenvolvimento na aprendizagem formando cidadãos críticos e dignos. Mas sabemos também que muitos alunos tem quase todo esse suporte ao seu lado e não fazem jus se esforçando para avançar nos estudos e no conhecimento. Mas os casos

de dificuldades de aprendizagem de nossos alunos derivam desses fatores sociais serem negativos como uma família desestruturada, crianças que os seus responsáveis não são alfabetizados apesar de alguns pais que fazem parte desta escola não terem uma escolaridade para ensinar seus filhos, netos, sobrinhos etc pagam um professor particular para ajudá-los, desemprego e pouca renda familiar fazem com que esses pais se dispersem e não de muito incentivo aos seus filhos

Já o pedagogo B disse que

R: Esses fatores não são agravantes para o aprendizado dos alunos, pois mesmo quando o aluno não tem todo um acompanhamento, mas tem interesse ele conseguir se sair bem na escola, então não há problema.

Dessa maneira se percebe que cada profissional tem uma visão diferenciada acerca do questionamento, o que pode gerar um conflito de ideais que precisam ser analisados e respeitados por todos desde que não acontece negligência para os maiores receptores de suas opiniões: os alunos.

Tabela 31 - Pergunta nº 3. Como você avalia as atividades escolares desenvolvidas pelos professores com as turmas de 1º ano?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Bom	Bom, mas pode melhorar

Fonte: Elaboração própria

O pedagogo A enfatiza que

R: No turno do qual faço parte o trabalho da professora é bem desenvolvido, pois avalia que a mesma procura utilizar uma metodologia que possa alcançar a aprendizagem dos seus alunos, apesar de ainda ter alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas como se sabe a alfabetização é um processo que vai depender do desenvolvimento do aluno e da estratégia do professor e além disso de como esse aluno foi trabalhado na educação infantil e bem como de como acontece o acompanhamento e empenho da família nessa relação necessária entre escola e a família.

O pedagogo B destaca que

R: As atividades são boas, mas precisa que o professor se desapegue das atividades impressas e que o mesmo facilite aos alunos outras formas de repassar os conteúdos onde não sejam tidos como foco principal a reprodução mecânica e automática dos conteúdos e atividades diárias.

Tabela 32 - Pergunta nº 4. Você poderia exemplificar possíveis causas que afetam o pleno desenvolvimento dos alunos das turmas de 1º ano do I Ciclo do Ensino fundamental?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Fatores externos	Fatores externos e internos

Fonte: Elaboração própria

Os pedagogos A e B afirmam que o fator família (aqui considerado como fator externo) é de suma importância nessa fase da educação formal, mas também lembra o pedagogo B que a forma como estão sendo repassados os conteúdos e as atividades (fatores internos) também pode ser um fator prejudicial para o desempenho dos pequenos alunos que estão em processo de ensino-aprendizagem.

Tabela 33 - Pergunta nº 5. Que métodos de ensino podem despertar nos alunos maior interesse pelas atividades desenvolvidas no ambiente escolar?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Contextualização	Ludicidade

Fonte: Elaboração própria

Para o pedagogo A

R: Se deve trabalhar os conteúdos com métodos que chamem a atenção e o desejo de aprender dos alunos também estratégias que façam uma contextualização com a realidade a qual o aluno está inserido claro que tendo apoio do material didático da escola, brincadeiras, momentos de diálogo com o aluno, procurar conhecer o aluno em seu ambiente fora da escola, ou seja na família, seu modo de agir, seus defeitos e qualidades, elaborar um planejamento conforme o nível dos alunos, despertar a criatividade, os pontos positivos dos mesmos.

Para o pedagogo B

R: Se deve trabalhar os conteúdos ludicamente, de forma com que os alunos consigam interagir com os colegas e com o conteúdo em si, levando-o a descobrir por si só o significado daquilo que o professor está propondo em sala de aula.

Tabela 34 - Pergunta nº 6. Como você descreveria sua ação dentro do contexto de trabalho envolvendo as turmas de primeiro ano do ensino fundamental?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Ação diagnóstica	Não opinou

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o pedagogo A sua atuação se descreve na seguinte fala:

R: Como é o meu primeiro ano na escola desenvolvo um trabalho de diagnóstico da turma para que esses dados possam me ajudar a trabalhar estratégias de aprendizagem que serão repassadas e trabalhadas juntamente com a professora nessa turma, o resultado desse diagnóstico é posto em prática no planejamento e no dia-a-dia na turma do 1º ano porque a cada passo que essas crianças dão é um grande avanço em sua vida escolar.

O pedagogo B preferiu não enfatizar sua resposta deixando a mesma em branco.

Tabela 35 - Pergunta nº 7. Sabe-se que o governo proporciona programas de apoio ao aluno e ao docente. Qual a importância dos programas do governo para que na sua escola seja alcançado os objetivos macros da educação básica? O que realmente pode surtir efeito através desses programas educacionais e dos métodos de ensino que os mesmos priorizam?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Importante	PNAIC

Fonte: Elaboração própria

O pedagogo A destacou que:

R: É importante, porque auxilia na atividade diária do professor, isso faz que o aluno aprenda com mais afinco, dando mais ênfase ao proposto em sala de aula. E uma vez associado aos métodos que os mesmos priorizam o trabalho docente só tem a melhorar, infelizmente muitos docentes encaram esses programas como perda de tempo ou ações repetidas que na teoria são uma “beleza”, mas na prática a realidade é outra.

Para o pedagogo B

R: Quanto a programas do governo de apoio ao aluno e ao docente temos o PNAIC, esse programa oferece formações, materiais de apoio e orienta quanto aos métodos que o docente pode utilizar como leituras e práticas pedagógicas para desenvolver o que se almeja nos alunos, ler, escrever, interpretar e saber as quatro operações matemáticas e ao aluno acervos de leitura e jogos pedagógicos para serem trabalhados em sala de aula contextualizando com os conteúdos e a realidade do aluno. Como disse anteriormente é meu primeiro ano aqui na escola não sei muito bem como funcionou esse processo, mas o que percebo é que no planejamento já são trabalhados os descritores de Língua Portuguesa e Matemática. O Programa do governo de certa maneira é bom, mas ele precisa oferecer mais apoio à escola na execução desse programa para que pelo menos 90% dos alunos alcance os objetivos do mesmo.

Tabela 36 - Pergunta nº 8. Dentro do ambiente escolar qual a importância dos meios de comunicação como ferramenta de apoio ao trabalho de sala de aula? Sua escola disponibiliza esses recursos? Como o professor pode fazer uso dessas ferramentas?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Importante	Importante

Fonte: Elaboração própria

O pedagogo A afirma que:

R: É importante, pois é uma ferramenta a mais de que o professor dispõe, além de ser um atrativo às crianças, chamando à atenção dos mesmos. Nossa escola possui data-show, internet, TV, caixa de som entre outros. O professor tem o livre arbítrio para utilizar dos meios de comunicação que tem na escola, cabe a ele se planejar para a utilização dos mesmos.

O pedagogo B enfatiza que

R: Os meios de comunicação são de grande importância no ambiente escolar para os alunos e docentes, pois vivemos em uma realidade em que a comunicação é essencial e as novas tecnologias são muito presentes em nosso dia-a-dia, e no desenvolvimento dos trabalhos na sala de aula essas ferramentas como o celular, computador, data-show podem auxiliar bastante em expor os conteúdos através de exibições de historinhas, vídeos e atividades etc. Sim, a escola disponibiliza de alguns meios que podem ser usados pelo professor de várias formas conforme o planejamento do conteúdo desse docente.

Tabela 37 - Pergunta nº 9. De acordo com sua observação pedagógica qual o método de ensino utilizado pelo professores durante as atividades postas em prática na sala de aula?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Tradicional	Tradicional /Construtivista

Fonte: Elaboração própria

O pedagogo A respondeu:

Observo que os professores costumam usar bastante o método tradicional em suas abordagens de sala de aula, penso que por primarem uma imposição de organização ou de respeito na sala. Mas nem sempre surte o efeito que eles desejam.

Para o pedagogo B:

Eu vejo uma mesclagem dos métodos do tradicional e do construtivismo, pois sempre os observo em situações de intervenção em que a proposta é o aluno buscar o conhecimento a partir daquilo que ele já tem e em outros momentos, na maioria das vezes bem que verdade, o tradicional onde o professor determina o que e como deve ser feito o que solicita aos alunos.

Tabela 38 - Pergunta nº 10. Como você avalia o comportamento dos alunos das turmas de 1º ano em suas referidas salas de aula, bem como no contexto do ambiente escolar como um todo?

Quantidade	
Respostas	
Pedagogo A	Pedagogo B
Inquietação	Breve concentração

Fonte: Elaboração própria

O pedagogo A destaca:

R: Vejo os alunos agirem como crianças de seis anos, mas parece que os mesmos tem mais energia que outras crianças de tempos atrás. São mais inquietas, como se a todo momento buscassem uma novidade. No decorrer de minha observação de sala vejo que os alunos dessas turmas são bem ativos e que seu comportamento varia muito.

Para o pedagogo B se destaca a seguinte resposta:

R: As crianças tem um comportamento bem ativo, na sala de aula percebi que muitos estão atentos ao que lhes é solicitado, só que essa atenção é muito rápida. Ou seja, a concentração dos mesmos é breve para o que está sendo exposto. Percebo a constante ânsia por novidades. Em pouco tempo já querem fazer outra coisa. No momento do intervalo os vejo a correr e gritar pelo corredor como se o prazer em fazer isso lhes compensasse o tempo de sala de aula.

Entrevista alunos

Observa-se que na entrevista com os alunos a mesma foi feita de forma oral devido os mesmos não terem o pleno domínio da leitura e da escrita, sendo assim as respostas dos mesmos foram associadas a palavras destaque entre as respostas obtidas para fazer a tabulação e destacar o comentário dos mesmos as inquietações relacionadas a este tratamento da informação.

Tabela 39 - Pergunta nº 1. O que você mais gosta na hora da sala de aula?

Respostas	Quantidade	Frequência
Estudar	8	29%
Copiar do quadro	5	18%
Ler	8	29%
Fazer atividades	7	24%

Fonte: Elaboração própria

Mediante a pergunta feita aos alunos logo de cara a resposta automática de 29% dos entrevistados foi a de estudar, haja vista que os mesmos entender que estudar é uma

ação isolada das demais que desenvolvem na escola, 18% destacaram que copiar do quadro é o que mais gostam de fazer durante as atividades de sala de aula. O ponto que chamou atenção foi que 29% responderam que gostam de ler e 24% destacam que gostam de fazer as atividades que a professora passa.

Tabela 40 - Pergunta nº 2. O que você gostaria que tivesse na sua sala de aula para ficar mais atrativa a aula?

Respostas	Quantidade	Frequência
Livros para leitura	8	55%
Cartazes	5	30%
Brinquedos de montar	8	55%

Fonte: Elaboração própria

Como resultado da pergunta observou que 55% das crianças esperam ter no ambiente de sala de aula a disposição de livros “de leitura”, 30% destacaram que faltam cartazes no espaço de sala e 15% lembraram que deveria ter brinquedos de montar dentro da sala.

Tabela 41 - Pergunta nº 3. O que sua professora faz para ajudar você a aprender ler e escrever?

Respostas	Quantidade	Frequência
Montar palavras no quadro	8	32%
Faz atividades no caderno	6	24%
Atividades impressas	13	44%

Fonte: Elaboração própria

Para a maioria dos alunos que foram entrevistados o método da professora de repassar atividades impressas (44%) é uma forma de ajudar aos mesmos no ato de aprender ler e escrever. 32% destacaram que a professora os ajuda quando faz as atividades no caderno de cada aluno e 24% disseram que aprender a ler quando a professora utiliza o jogo de montar palavras, tipo “quebra-cabeça”.

Tabela 42 - Pergunta nº 4. Você faz sua atividade de casa na companhia de quem?

Respostas	Quantidade	Frequência
Com o pai	7	26%
Com a mãe	13	48%
Com avó	7	26%

Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre quem os acompanha nas atividades escolares os en-

entrevistados destacam em 26% a participação dos pais (aqui enfatizando a figura paterna) como acompanhantes durante o cumprimento das atividades domiciliares, outros 26% também destacaram que a avó é a pessoa que os acompanham no decorrer das atividades que são propostas para casa e 48% destacam a presença da mãe como companhia no desenvolvimento das atividades domiciliares. Usando as palavras de uma pequena ela afirma que “gosto de fazer minhas tarefas com a minha mãe porque ela tem mais paciência que o papai comigo.”

Tabela 43 - Pergunta nº 5. Você gosta de assistir aos vídeos que a professora passa na escola?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim	20	82%
Não	7	18%

Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados sobre os vídeos que são apresentados pela professora no momento das atividades que são desenvolvidas no decorrer das aulas aos alunos entrevistados destacam em um percentual de 82% que gostam e 18% disseram que não gostam. O que chamou a atenção foi a fala de um dos entrevistados: “Eu não gosto por que é desenho e eu já assisto em casa. Queria que ela passasse filme de verdade”. Outros destacaram o gosto por “TDA”, “Valentina” que curiosamente é desenho com crianças que tem dificuldade de concentração e o outro retrata ações de uma família que tem uma família por esse nome e que vive situações inusitadas do dia-a-dia com sua família.

Tabela 44 - Pergunta nº 6. Você tem celular? Ou tablet?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim	10	32%
Não	17	68%

Fonte: Elaboração própria

Os pequenos alunos afirmaram que 32% dos mesmos tem um aparelho celular ou um tablet que manuseiam constantemente. Já 68% dizem que não tem esses meios de comunicação, mas tem acesso aos de seus pais ou irmãos. Esse fato fica evidente que mesmo não tendo um aparelho próprio, mas os referidos alunos não deixam de ter acesso aos referidos equipamentos. Como destacou um aluno ao afirmar: “Minha mãe deixa eu jogar no celular dela quando eu quero.”

Tabela 45 - Pergunta nº 7. Você costuma fazer visita à biblioteca da escola?

Respostas	Quantidade	Frequência
Sim	13	48%
Não	05	33%
Às vezes	09	33%

Fonte: Elaboração própria

Perante o questionamento sobre a visita à biblioteca pelos alunos entrevistados obteve-se em percentual as seguintes afirmações: 48% dizem que vão a biblioteca sempre que possível, 33% se manifestaram afirmando que às vezes vão a biblioteca e 19% dizem não ir a biblioteca. Perante ao que foi dito pelos entrevistados se destaca como maneira de justificar tais respostas: “gosto de ir a biblioteca para olhar os livros que tem figuras”, “a professora só deixa ir quando a mulher da biblioteca vem aqui na sala”, “eu não gosto muito de ir lá, ainda não sei lê.”

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos questionários aplicados, das entrevistas e das observações realizadas pode-se concluir que:

Enquanto a escolaridade dos pais dos alunos se percebe que a maioria estudou pelo menos o ensino fundamental completo sendo esse um fator relevante para que o acompanhamento junto as crianças tenha melhor resultado. Já aos pedagogos e professores se percebe que os mesmos além de possuírem o curso de graduação em suas áreas também já estão atuando na área da educação a mais de um ano, o que proporciona a experiência mediante ao processo educacional.

No quesito relação família e escola dentro do que tange as variáveis compatíveis sobre a participação da família no ambiente escolar e suas participação na vida escolar dos alunos que fazem parte do primeiro ano do I Ciclo percebe-se que as mães assumem a maior responsabilidade por fazer o acompanhamento dos alunos que fazem parte dessas turmas, sendo a figura dos avós aquela que assumem essa responsabilidade de maneira que os pais (a figura masculina) tendem a ser a terceira pessoa que desenvolve o trabalho de acompanhamento dos alunos.

Em relação a esse acompanhamento os pais se dizem acompanhar as atividades realizadas tanto no ambiente de sala de aula quanto as que são repassadas como atividades domiciliares, bem como se dizem participar das ações que são desenvolvidas no contexto escolar como reuniões bimestrais, apresentações e outras atividades desenvolvidas na escola. Os professores e os pedagogos afirmam que quanto às atividades realizadas no ambiente e a participação dos responsáveis as mesmas destacaram que a participação da família é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, Mas que nem sempre os pais participam desses momentos. E o mesmo enfatizam os docentes sobre o acompanhamento pedagógico, pois a presença desses mediadores pode resultar em resultados melhores para o contexto escolar. Haja vista que, a ação docente precisa do apoio da prática pedagógica pois a teoria enriquece a prática e vice-versa.

Quanto a observação do espaço escolar como meio pedagógico de ajuda para o

crescimento das habilidades dos discentes tanto os pais quanto os alunos pontuaram que a sala de aula oferece poucos recursos para ajudar na concretização da aprendizagem dos alunos, pois não dispõe de recursos como cartazes, livros, ou jogos que são de suma importância para auxiliar nesse período de escolarização e alfabetização.

Ao quesito que destaca os fatores externos como sendo fator social que podem ou não influenciar na aprendizagem dos alunos percebe-se que a maioria das famílias dos envolvidos são famílias estruturadas com a presença dos avós como aqueles que cuidam dos pequenos devidos a ausência física dos pais biológicos que na maioria das vezes ausentam-se por buscar outros caminhos para ajudar os filhos que foram entregues aos avós. Quanto ao aspecto econômico percebe-se que a renda familiar daqueles que estão no comando das famílias dos discentes é equivalente a menor que um salário mínimo. O IBGE (2017) afirma que “Infelizmente em nosso país a desigualdade entre os salários ainda é muito grande.” o que de certa forma acarreta situações que levam ao desconforto do aluno no ambiente escolar como a falta de materiais escolares, falta de fardamento ou até mesmo falta da alimentação na família, pois é recorrente alunos se queixarem de fome durante o desenvolvimento das atividades escolares. Já aos profissionais professores a valorização econômica do trabalho docente é compartilhada entre os mesmos como razoável e que sempre usam dos próprios recursos para desenvolver as atividades de sala de aula.

Dentro dos fatores de comunicação que fazem parte do ambiente familiar se percebe que o uso do celular não é tão foco de uso dos pequenos. Fato esse que contradiz uma realidade que se percebe na sala de aula de outra maneira, pois o manuseio desse equipamento pelas crianças é de habilidades que o não uso seria demonstrado de outra forma. E se observa contradição nas respostas, pois os alunos entrevistados dizem que possuem ou que utilizam o celular de seus pais para brincar. O que permite se refletir de acordo com Viana (2004, p. 11-12) que tais meios podem a partir da

Vivencia uma realidade em que as crianças nascem e crescem manuseando as tecnologias que estão ao seu alcance. (...) A era da informação é fruto do avanço das novas tecnologias que estocam, de forma prática, o conhecimento e gigantescos volumes de informações. (...) Estas novas tecnologias permitem-nos acessar não apenas conhecimentos

transmitidos por palavras, mas também por imagens, sons, vídeos, dentre outros.

Ou seja os meios de comunicação podem influenciar na aprendizagem dos alunos, mesmo que a família não olhe essa aproximação como fator positivo.

No que se tem sobre as maneiras de repassar as atividades aos alunos se percebe que as docentes utilizam a impressão de atividades de forma corriqueira o que para os alunos facilita a aprendizagem deles, já para a visão pedagógica essa prática inibe a procura do descobrir outras formas de desvendar o conhecimento, pois os alunos ficam “viciados” no que já está previamente moldado. Para os pais tal prática pode ser considerada proveitosa, mas às vezes não ajuda na concretização da aprendizagem.

Ou seja, o método utilizado nem sempre condiz com a realidade ou necessidade dos alunos. Outro tópico dentro dessa linha de ação é sobre os meios que muitas vezes o professor utiliza em sala de aula como os vídeos, pois se sabe que as crianças tem de certa forma o caminho muito livre para assistir , ora na televisão, tablet, computador ou até mesmo no celular determinados programas e isso ficou enfatizado nas respostas dos pequenos quando destacaram que nem sempre gostam dos vídeos que são repassados pelas professoras, pois gostariam de assistir “filmes de verdade” ou os programas que eles mais gostam, que nem sempre condizem com os apresentados pelas docentes.

Nessa perspectiva de métodos usados pelos docentes em sala de aula se percebeu que os mesmos tende a adotar a linha tradicional de ensinar, mesclando raramente com o método construtivista. Fato esse evidenciado nas respostas dos docentes e percebido nas respostas aos pedagogos.

Percebe-se que o método tradicional ainda é um caminho muito utilizado pelos profissionais da área da educação, mesmo se destacando que a valorização do conhecimento prévio do aluno deve ser levado em consideração na construção efetiva do saber. Mas o que ficou bem evidente nas conversas individuais e nas observações de campo é que as mesmas não se pautam exclusivamente em um método único de ensino e mesclam suas ações constantemente.

Ao que se diz respeito ao interesse dos alunos pelas atividades postas em prática

as professoras destacam que os mesmos nem sempre demonstram interesse pelo que está acontecendo na sala de aula, fato esse gerado pelo não acompanhamento daquilo que é proposto. Também se destaca que tal situação pode ser entendida como falta de motivação.

De acordo com Gil (2011) a motivação dos alunos é um fator de suma relevância para a consolidação da aprendizagem e isso se dá em ação de reciprocidade entre os envolvidos. Os pedagogos destacam que a desconcentração nessa fase é uma constante, pois observam alunos que demonstram um interesse repentino pelo que é exposto pelos professores. Também destacaram que as atividades devem ser bem criativas para que os alunos possam sentir prazer em resolvê-las.

Quanto ao hábito de leitura que deve ser desenvolvido nas crianças tanto como um prática dentro das metodologias de ensino ou como simplesmente um fato corriqueiro da vida cotidiana se percebe através do dados coletados que nem sempre a família disponibiliza desses recursos no ambiente doméstico e na escola as crianças quando tem a oportunidade de fazer visita a biblioteca quando o fazem não deve ter uma mediação de como fazer uso dos recursos que lá se disponibiliza e em outros momentos não o vão para esconder a dificuldade de leitura que alguns ainda não conseguiram dominar e por isso sentem vergonha daqueles que já possuem um pouco mais de domínio do ato de ler.

Como evidenciado pelos pedagogos durante as observações também se destacou que a inquietação dos alunos é evidente diante das atividades a que são submetidos, muitos tem dificuldades de concentração e conseqüentemente não assimilam o que está sendo repassado. Outros ainda não conseguem fazer de modo autônomo as atividades diárias e ficam sempre a espera da ação docente como forma de auxílio, sem pelo menos tentar.

Outro fato observado foi a própria relação entre os alunos que a todo custo querem usar o momento de aula para as mais variadas brincadeiras, principalmente entre os meninos onde se destaca as brincadeiras de luta e de tiro. Mas ficou evidente que nas salas onde atuam as turmas de primeiro ano a falta de material de apoio é bem perceptível como cantinho de leitura, cantinho da matemática, jogos e materiais concretos para facilitar o processo de alfabetização.

Mediante a toda essa realidade se pode constatar que como todo ambiente em que

se tramita pessoas em busca de objetivos que afetam não somente os aspectos do próprio indivíduo, mas sim de uma coletividade se percebe que nem sempre os mesmos serão alcançados da forma que se quer, para isso muitas vezes terão que ser colocadas em prática ações que possam surtir o efeito para sanar as dificuldades que sempre existirão, dessa forma cabe aos envolvidos não somente identificar as problemáticas, mas ter consciência de que perante sua atitude o resultado poderá provocar efeitos favoráveis ou desastrosos para aqueles que necessitam de um acompanhamento não somente do profissional comprometido, mas também daqueles que de forma direta ou indireta atuam com esses alunos/ filhos/ crianças que precisam de um mediador que os façam perceber que seu desenvolvimento pessoal também depende de como os mesmos se comportam diante das atividades que serão colocadas para consolidar sua aprendizagem.

Propostas

De acordo com foi observado durante o período desta investigação, bem como através dos meios utilizados como forma de obtenção de respostas para os questionamentos elaborados a partir das variáveis, ora mencionadas ao longo deste trabalho, que embasaram o lançamento dos questionários e das entrevistas aos participantes deste trabalho de pesquisa pode-se ter como forma de contribuição para minimizar as problemáticas encontradas as seguintes propostas de intervenção:

Diagnosticar as reais necessidades dos alunos em torno de seu comportamento e desenvolvimento intelectual e fazer o acompanhamento mediante a intervenção pedagógica, se necessária a psicológica, sobre como ajudar aquelas crianças que demonstram não ter concentração durante as atividades que são desenvolvidas no decorrer da sala de aula.

Os professores devem buscar maiores esclarecimentos sobre o comportamento das crianças mediante a atual realidade em qual os mesmos estão inseridos e como essa realidade pode influenciar no comportamento e na aprendizagem dos alunos e com isso poder desenvolver atividades que possam atrair os alunos para uma eventual aprendizagem significativa;

Os docentes devem conhecer as mais diversificadas tendencias/ métodos da peda-

gogia que possam servir de aliadas na prática em sala de aula, como projetos interdisciplinares, sequências didáticas, projetos e outros;

Desenvolver oficinas nas quais os pais ou responsáveis possam participar para acompanhar de que maneira os docentes estão trabalhando os métodos de ensino na sala de aula;

Promover mais encontros dos pais no ambiente de sala de aula como forma de verificar como os alunos se comportam no decorrer das atividades escolares;

Criar e desenvolver projetos de leitura e de produção escrita em sala de aula como forma de promover o gosto pela leitura através de produção ou reproduções artísticas de obras literárias da literatura infantil ou dos personagens que despertam o interesse dos alunos usando estratégias como o desenho livre ou orientado, recorte e colagem, atividades com material reciclado ou outros que possam servir para manuseio em aulas interdisciplinares das disciplinas cotidianas.

Pedagogos e docentes devem buscar juntos formas de visitas regulares a biblioteca dos alunos para aumentar o contato dos mesmos com a leitura usando projeto que possam promover a mediação entre alunos e docência sem a cobrança aos alunos que façam daquele momento o espaço declarado de cobranças em torno do saber ler ou do escrever, mas de deixar os alunos vivenciarem a leitura de maneira prazerosa. Para isso uma forma é a introdução de um leitor (contador de histórias) que possa tornar mais dinâmica a leitura da diversidade de gêneros textuais.

Confecção de matérias concretos com ajuda dos alunos para a internalização dos conteúdos usando para isso os mais variados metodologias de ensino visando a aplicabilidade das mesmas para o contexto social em qual os alunos estão inseridos que devem ter como ponto de partida atividades práticas, exposição de resultados, aplicação dos materiais nas atividades, interligação da teoria com a prática no uso do dia-a-dia.

Evidencia-se aqui que de nada ter muitas sugestões se não houver interesse por parte de todos os envolvidos neste processo. Pois o comprometimento não deve esta pautada unicamente na figura do professor, nem tampouco da família, ou pedagogo, o do próprio aluno, mas de todos em conjunto, pois educação não se faz em via de mão única.

REFERÊNCIAS

Referências impressas

Alves, R. (1994). A alegria de ensinar. 3º Ed. Ars Poética Editora Ltda.

Almeida, M. E. B. de. (2003). Tecnologias e gestão do conhecimento escolar. In: Vieira, A.; Almeida, M.; Alonso, M. Gestão educacional e tecnologias. SP: Avercamp.

Andrade, J. M. (2007). Teoria e Prática da Educação Especial. Universidade do Estado do Amazonas / PROFORMAR. Manaus: UEA Edições.

Andrade, R. M. C. de In. Goulart, Irís (org.). (1995). A Educação na Perspectiva Construtivista. Petrópolis - RJ: Vozes.

Aranha, L. de A. (1996). Filosofia da Educação. 2 ed. Ver e ampl. São Paulo: Moderna.

Becker, F. (1994). Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: Educação e realidade. Porto Alegre, 89-96, jan / jun.

Behrens, M. A. (2013). Projetos de Aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M. MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Orgs.). Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21.ed. Campinas: Papirus.

Benevenuti, C. Guimarães, D. souza, C. (2016). Da teoria à experimentação cênica: O ensino de Língua Portuguesa/Literatura articulado às novas tecnologias. In: Fettermann, J. V.; Caetano, J. (Org.). Ensino de Línguas e Tecnologias: Diálogos disciplinares. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural. Cap. 9, p. 148.

Bergamo, M. (2012). O uso de metodologias diferenciadas em sala de aula: uma experiência no ensino superior. Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR. PR.

Borges, H. da S. (org.). (2012). Organização do trabalho pedagógico e gestão escolar. 2. ed. Manaus: Valer.

Brabo, T. S. A. M.; Cordeiro, A. P.; Milanez, S. G. C. (org.) (2012). Formação da pedagoga e do pedagogo: pressupostos e perspectivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica.

Brandão, C. R. (1995). Em Campo Aberto: Escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez.

Bruner, J. (1991). O Processo da educação Geral. 2ª ed. São Paulo: Nacional.

Campoy, T. (2015). Metodología de la Investigación Científica: Manual para la elaboración de tesis y trabajos de investigación. Ciudad del Este: Escuela de Posgrado, Universidad Nacional del Este.

Cardoso, G. (2007). A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias. Rio de Janeiro: FGV.

Cashmore, Ellis. (1998)...e a televisão se fez. São Paulo: Summus.

- Cecon, C. *et al.* (1996). *A vida na escola e a escola na vida*. 15 ed. Petrópolis: Vozes: Instituto de Ação Cultural (IDAC).
- Coelho, I. M. (1996). *Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade*. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. (Org.). *Formação do educador*. 3v. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Constituição da República Federativa do Brasil. (1988).
- Cordié, A. (1996). *Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cury, A. (2014). *Ansiedade: como enfrentar o mal do século*. São Paulo: Ed. Saraiva.
- Descartes, R. (2001). *Discurso do Método*. Martins Fontes. São Paulo.
- Freinet, C. (1974). *Conselhos aos pais*. São Paulo: Estampa, Coleção Técnicas de Educação, n. 6.
- Freinet, E. (1979). *O itinerário de Celestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet*. Trad. Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 7ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2008). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 49. ed. São Paulo: Cortez.
- Gadotti, M. (1990). *A dialética: concepção e método* in: *Concepção Dialética da Educação*. 7 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- Ghiraldelli, P. Jr. (2001). *História da Educação*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisas*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2011). *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas.
- Kenski, V. M. (1998). *Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 8, p.58-71 – maio/ago.
- Kenski, V. M. (2001). *O papel do Professor na Sociedade Digital*. In: Castro, A. D. de C., A.M.P. de (Org.). *Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média*. São Paulo; Ed. Pioneira Thompson Learning.
- Kenski, V. M. (2007). *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papyrus.
- Lemes, R. P.; Sebastião Alexandre. (2006). *Os fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem*. Uniceub - Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências de Educação – FACE. Brasília.

- Libâneo, J. C. (1990). Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola.
- Libâneo, J. C. (1994). Didática. 22ª ed. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (1995). Avaliação Escolar. In: Didática. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (2002). Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. IN: Pimenta, S. G. (Org.) Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C.; Pimenta, S. G. (2002). Formação dos profissionais de educação: visão crítica e perspectivas de mudança. IN: Pimenta, S. G. (Org.) Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez.
- Lima, K. E. C.; Vasconcelos, S. D. (2006). Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.14, n52, p397-412, jul/set.
- Lolla, D. M.; Martinelli, K. M. A.; Pasquim, R. C. (2010). A televisão como veículo de informação: uma linguagem de imagens e sons. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano, Lins - SP.
- Lopes, R. da C. de A. (s.d.). A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos. Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica- Programa Escola de Gestores- UFT.
- Lukesi, C. C. (1994). Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez.
- Luckesi, C. C. (2011). Verificação ou avaliação: o que pratica a escola? In: Luckesi, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições; 22. Ed. São Paulo: Cortez.
- Martins, L. M.; Duarte, Newton (Orgs.) (2010). Formação de professores: Limites contemporâneos e alternativas necessárias. Apoio técnico Ana Carolina Galvão Marsiglia. – São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Morin, E. (2003). A cabeça bem-feita: repensar a reforma; repensar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Moura, M. (2001). A atividade de ensino como ação formadora. In: Castro, A. & Carvalho, A (orgs). Ensinar a ensinar: didática para a escola. São Paulo: Editora Pioneira.
- Orso, P.J.; Fernandes, H. C. (2011). O trabalho docente no Brasil colonial e imperial. In: Anais do 5º Seminário de Estado e Políticas Sociais. Unioeste – Cascavel – SP.
- Paro, V. H. (2000). Qualidade do Ensino: A contribuição dos pais. São Paulo: Xamã.
- Parolim, I. (2003). As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Fortaleza.
- Piaget, J. (1993). O nascimento do raciocínio na criança. 5. ed. São Paulo: El Ateneo.
- Piletti, C. (1997). Filosofia da Educação. 8. ed. São Paulo: Ática.

- Pimenta, S. G. (2002). *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez.
- Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Universidade FEEVALE.
- Romanelli, G. (2005). *Autoridade e poder na família*. IN: Carvalho, M. C.B.A. *Família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez.
- Sancho, J. M.; Hernandez, F. *et al.* (Org). (2006). *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Saviani, D. (1984). *Escola e Democracia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados.
- Saviani, D. (2005). *Educação socialista, pedagogia histórica-crítica e os desafios da sociedade de classes*. In: Lombardi, J. C; Saviani, D. (Org.) *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, D. (2007). *O pensamento pedagógico brasileiro: da aspiração à ciência à ciência sob suspeição*. In *Educ. e Filos.*, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 13-35, jul./dez.
- Saviani, D. (2008). *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas, Autores Associados,
- Scoz, B. (1994). *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Silva, A. da G. (2013). *Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas*. IN *Educ. rev.* vol.29 nº 1 Belo Horizonte Mar.
- Spier, J. (2007). *Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Vasconcelos, C. dos S. (2001). *Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad.
- Viana, M. A. P. (2004). *Internet na Educação: Novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico*. In: Mercado, L. P. L. (Org.) *Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação*. Maceió: EDUFAL.
- Vygotsky, L. S. (1984). *Pensamento e linguagem*. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. In: *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto et.al. São Paulo, Livraria Martins Fontes.
- Wadsworth, B. J. (1997). *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira.
- Wallon, H. (1971). *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Weiss, M. L. L. (2004). *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. – Rio de Janeiro: DP&A, 10. Ed. 1. reimp.
- Werneck, H. (2003). *Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata*. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Referências digitais

- Brito, M. S. T.; Costa, M. (2010). Práticas e percepções docentes e suas relações com o prestígio e clima escolar das escolas públicas do município do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n.45, p. 500-510, set./dez. Em https://www.researchgate.net/publication/49613621_Praticas_e_percepcoes_docentes_e_suas_relacoes_com_o_prestigio_e_clima_escolar_das_escolas_publicas_do_municipio_do_Rio_de_Janeiro
- Davies, N. (2010). A educação nas constituições federais e em suas emendas de 1824 a 2010. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.37, p.266-288, mar. ISSN: 1676-2584. Disponível em: Educação do populismo ao golpe militar. In: <https://dopopulismoaogolpe.wordpress.com/2014/07/01/a-educacao-durante-o-regime-militar-1964-1985/> Acesso dezembro de 2016
- Duarte, A. P. M. (2014). Contribuições de Maria Montessori para as práticas na educação infantil. São Paulo. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1J0bXYEScWvt56S_2015-2-3-14-35-16.pdf (05/11/2017)
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: <http://teen.ibge.gov.br/biblioteca/274-teen/mao-na-roda/1770-a-familia-brasileira.html> Acesso: 21/04/2017
- Lacanallo, L. F. (org.). Métodos de ensino e de aprendizagem: uma análise histórica e educacional do trabalho didático. In: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/M%C9TODOS%20DE%20ENSINO%20E%20DE%20APRENDIZAGEM%20UMA%20AN%C1LISE%20HIST%D3RICA.pdf (04/09/2017)
- Leite, S. A. da S; Tassoni, E. C. M; (). Afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividade-emSaladeAula.pdf> (22/11/2017)
- Mec. Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa. In: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>
- Menezes, E. T. de; Santos, T. H. dos. (2001). *Verbete professor mediador*. Dicionário Interativo da Educação Brasileira. - Educabrazil. São Paulo: Midiamix. Disponível em: <http://www.educabrazil.com.br/professor-mediador/> (25.11. 2017)
- Monday, João P. P. (2008). In: http://www.pensamentocritico.com/index.php?option=com_content&task=view&id=76&Itemid=27 15/08/2017.
- Moran, J. M. Como utilizar as tecnologias na escola. In: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/03/outros/608f3503025bdeb70200a86b2b89185a.pdf>
- Nascimento, R. As práticas pedagógicas na educação infantil. IN: <http://www.conteudoescola.com.br/linguagem-e-comunicacao/as-praticas-pedagogicas-na-educacao-infantil.html> (26/11/2016)
- Paiva, N. M. N. de; Costa, J. da S. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. In: Portal dos psicólogos.pt. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> (10.07.2017)
- Pareja, K. Z. O polêmico uso das novas tecnologias pelas crianças http://www.pucsp.br/nppi/downloads/10_Katty_Crianc_as.pdf. (10/04/2017)
- Pereira, J. (2008). O mau uso da tecnologia e a sua influência nas gerações futuras! In: [116](http://blog-</p></div><div data-bbox=)

datiadanitecnologica.blogspot.com.br/2011/10/o-mau-uso-da-tecnologia-e-sua.html Acesso em: 12/09/2017

Pinto, M. J. N.; Vieira, E. L. de A.; Silva, M. C. da. Educação contemporânea: um desafio para os educadores do século XXI. Disponível em: https://midia.unit.br/enfope/2013/GT8/EDUCACAO_CONTEMPORANEA_DESAFIO_EDUCADORES_SECULO_XXI.pdf. Acesso em 14/09/2017.

Portal da educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso: 09/04/2017

Prado, A. F., *et al.* Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão. In: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol__1373923960.pdf Acesso em 16/05/2017

Santos, E. S. (25/11/2004). O Professor como Mediador no Processo Ensino Aprendizagem. Revista Gestão Universitária, Edição 40.. Disponível em <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-professor-como-mediador-no-processo-ensino-aprendizagem> (25/11/2017)

Santos, E.; Damasceno, A. O planejamento educacional do regime militar às primeiras décadas do século xxi: autoritarismo, reconstrução e esperança que se adia. (s.d) Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao_1472666131573.pdf (18/12/2016)

Scuarcialupi, L. A educação nas Constituições Brasileiras: Como a questão da educação foi tratada por diferentes legislações desde o século 19. In: Educar para crescer. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/mudancas-educacionais-constituicao-349373.shtml> (13/12/2016)

Silva, E. L. da E.; Giordani, M.; Menotti, C. R. As tendências pedagógicas e a utilização dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem. In http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/qMP2rpp.pdf (20/07/2017)

Souto, E. (2013). Pensadores que influenciaram a pedagogia. In: Pedagogia ao pé da letra. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/pensadores-que-influenciaram-a-pedagogia/> (08/09/2017)

Souza, M. C. de; Santana, J. M. A. M. P. (mar 2010). O direito à educação no ordenamento constitucional brasileiro. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 74,. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7368. (Dez 2016)

Toniazzo, N. de A. Didática: a teoria e a prática na educação. In: <https://www.passeidireto.com/arquivo/35379061/didatica-a-teoria-e-a-pratica-na-educacao-neoremi-de-andrade-toniazzo--artigo/2> Acesso: Maio. 2016

Vargas, Ernst A. (2007). O Comportamento Verbal de B. F. Skinner: uma introdução B. F. Skinner's Verbal Behavior: an Introduction. In: Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn., Belo Horizonte-MG, 2007, Vol. IX, nº 2, 153-174 . Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/192/158> (13/04/2017)

SOBRE A AUTORA

Marisa Sarraff Simas

Profissional da área da educação em Nhamundá - AM, Brasil a mais de 20 anos onde já atuou como supervisora da Secretaria , tutoria de programa de formação de docentes, gestora, coordenadora de professores e professora efetiva na rede municipal e estadual, ministrou aulas nas turmas de Educação Infantil ao Ensino Médio. Possui mestrado em Ciência da Educação - Universidad Privada Del Este (2018) e doutorado em Ciência da Educação - UNIDA/PY (2021)

ÍNDICE REMISSIVO

A

acadêmico 9, 10, 40, 115
alfabetização 9, 27, 98, 107, 109
alunos 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 26, 37, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111
ambiente 9, 10, 11, 15, 18, 19, 22, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 48, 49, 50, 56, 58, 61, 65, 71, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 99, 101, 102, 103, 106, 107, 109, 111
aplicabilidade 2, 7, 8, 10, 12, 14, 16, 47, 71, 72, 74, 111
atividades 8, 9, 10, 13, 14, 19, 21, 24, 33, 39, 48, 49, 50, 54, 57, 58, 59, 64, 72, 73, 74, 76, 77, 80, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111

B

brasileira 6, 8, 12, 22, 30, 31, 32, 41, 62, 66, 81, 116

C

comportamento 8, 9, 34, 35, 36, 37, 50, 51, 66, 102, 110
compreender 8, 10, 14, 20, 21, 33, 42, 51, 53
conhecimento 8, 9, 10, 12, 17, 20, 21, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 55, 58, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 86, 87, 93, 94, 96, 97, 101, 107, 108, 112
criança 9, 20, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 50, 52, 54, 56, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 95, 114, 115
crianças 9, 11, 13, 21, 26, 29, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 49, 53, 54, 56, 65, 74, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 116

D

discente 10, 74, 78
docente 8, 11, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 33, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 66, 70, 72, 73, 77, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 100, 101, 106, 107, 109, 113, 114

E

educação 6, 8, 10, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 52, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66,

67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

educacional 6, 8, 10, 15, 18, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 42, 47, 50, 51, 52, 59, 63, 65, 66, 68, 69, 72, 83, 85, 91, 106, 112, 116, 117

educador 11, 16, 37, 38, 39, 40, 44, 61, 67, 113

ensinar 8, 15, 16, 17, 18, 22, 31, 43, 44, 45, 46, 49, 53, 60, 61, 70, 74, 98, 108, 112, 114

ensino 2, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 48, 51, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 82, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

ensino fundamental 2, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 31, 51, 60, 82, 89, 99, 106, 116

entrevistas 8, 106, 110

escola 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 23, 26, 30, 31, 32, 37, 38, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 76, 77, 78, 82, 83, 85, 88, 90, 91, 92, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 109, 113, 114, 115, 116

estratégias 8, 52, 63, 73, 74, 99, 100, 111

M

melhorias 8, 42, 48, 90

métodos 6, 7, 8, 11, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 33, 36, 43, 55, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 79, 88, 92, 97, 99, 100, 101, 108, 110, 111, 115

mudanças 8, 10, 13, 19, 20, 21, 43, 48, 50, 51, 52, 57, 58, 66, 74, 84, 90

P

pedagógica 10, 11, 16, 21, 26, 42, 44, 48, 58, 59, 61, 66, 70, 72, 77, 91, 96, 97, 101, 106, 108, 110, 112

pedagógicas 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 21, 31, 32, 33, 40, 61, 62, 66, 67, 70, 71, 74, 87, 100, 115, 116, 117

práticas pedagógicas 10, 11, 15, 18, 32, 74, 87, 100, 115, 116

problemas 9, 22, 32, 38, 39, 40, 47, 48, 52, 56, 58, 65, 66, 73, 75, 93, 94, 115

processo educacional 8, 10, 15, 18, 22, 32, 36, 69, 83, 85, 106

pública 8, 25, 27, 29, 114

Q

questionários 8, 79, 80, 81, 89, 106, 110

S

sala de aula 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 42, 43, 44, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 61, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 86, 87, 91, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116

sociais 5, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 21, 31, 32, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 51, 52, 54, 63, 67, 70, 75, 77, 79, 81, 93, 94, 97, 98

social 10, 11, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 32, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 52, 54, 55, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 85, 93, 107, 111, 114, 115

T

temperamento 8

trabalho 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 41, 42, 45, 48, 52, 58, 60, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 91, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 110, 112, 113, 114, 115, 116

turmas 2, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 73, 78, 79, 80, 81, 84, 89, 95, 98, 99, 102, 106, 109, 118

V

vivência 8, 21

